

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Faculdade de Educação

William Corrêa de Melo

**Trajetórias escolares no município do Rio de Janeiro: estratégias familiares
de escolarização**

Rio de Janeiro

2018

William Corrêa de Melo

**Trajetórias escolares no município do Rio de Janeiro: estratégias familiares de
escolarização**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Rosistolato

Rio de Janeiro

2018

CIP - Catalogação na Publicação

CC824t Corrêa de Melo, William
Trajetórias escolares no município do Rio de Janeiro: estratégias familiares de escolarização / William Corrêa de Melo. -- Rio de Janeiro, 2018. 124 f.

Orientador: Rodrigo Rosistolato.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2018.

1. Relação família-escola. 2. Ações familiares. 3. Trajetórias escolares. 4. Desigualdades educacionais. I. Rosistolato, Rodrigo, orient. II. Título.

DEDICATÓRIA

A Exu e todos os guias que nunca me abandonam e abrem os caminhos nas horas certas. Aos amigos, família e instituições que ajudaram na construção da minha trajetória até aqui e, claro, essa dissertação é dedicada especialmente à minha favela, o Morro dos Macacos e todos os moradores que a iluminam.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador professor Rodrigo Rosistolato, que se tornou uma das minha maiores referências de professor universitário, pela lisura, organização, seriedade e paciência mesmo quando eu estava para surtar. Graças a ele, este orientando que vos fala agora é um pouquinho antropólogo além de biólogo. Doe, mas acho que deu tudo certo.

À minha “mãezona do LaPOpE”, professora Ana Pires do Prado que, com seu jeito alegre e extremamente competente no que faz, foi quem me atraiu para o Laboratório de Pesquisa em Oportunidades Educacionais (LaPOpE). Ana me ajudou, mesmo sem saber, a encontrar alternativas ao mestrado em Biologia, minha área de origem (agradeço por isso). Esta dissertação tem muitas contribuições da Ana Prado como pesquisadora, como professora de Fundamentos Sociológicos da Educação e como pessoa.

À minha parceira da dupla dinâmica “Will-Nath”. Nathália foi companheira em todos os momentos dessa “saga” chamada de mestrado, no campo, na universidade e na vida pessoal. Eu e Nathália passamos a nos entender pelo olhar, tom de voz e movimentos corporais. Sentirei saudades de usar o crachá de identificação com cordão azul ao lado da Nathália e seu crachá de cordão rosa nas peregrinações pelo Rio de Janeiro em busca de famílias para entrevistar. É uma honra terminar essa etapa da minha vida ao lado dela, ainda mais porque produzimos pesquisas complementares. Gratidão por tudo, Nath.

À todas as “lapopetes” e “ex-lapopetes” que tem grande participação no processo de construção desta pesquisa. E à todos(as) os(as) demais integrantes da competente equipe de pesquisa do melhor laboratório da Faculdade de Educação da UFRJ. Esta dissertação, sem nenhuma dúvida, tem um pouco de cada um(a).

À Equipe Associação Vencer, que desde a minha entrada no Ensino Médio vem contribuindo ativamente para o meu enfrentamento da desigualdade de oportunidades educacionais e abrindo caminhos para que eu descobrisse meu próprio potencial e o colocasse, cada vez mais, a favor da construção de minha trajetória.

Às minhas amigas e aos meus amigos que me mantêm de pé e que me ouviram falar desta dissertação por longos e dolorosos dias. Desculpem pela minha ausência e me aceitem de volta. Agradecimento especial à Mariana, que foi o incentivo fundamental para a minha entrada no mestrado em Educação junto com a Jasmine, cachorrinha dela, que não me deixou dormir nas madrugadas de estudo para a seleção do PPGGE. Mariana é uma pessoa muito importante na

minha vida por conta de tudo que passamos juntos, como a entrada no mestrado. Mari, é de uma alegria enorme ter a possibilidade de me tornar mestre em Educação ao mesmo tempo que você. Gratidão, flor.

À cultura Hip Hop e à cena poética do Rio de Janeiro por me ajudarem a descobrir muito mais sobre mim mesmo, como pessoa e artista. O campo artístico me deu forças inimagináveis no mestrado.

Por último, mas de maneira mais especial, agradeço à minha família, principalmente à minha mãe, dona Ângela, por nunca deixar de acreditar em mim e por ter mobilizado as ações que ajudaram a construir a trajetória educacional que culmina, até o momento, com esta dissertação de mestrado. Mãe, você é maravilhosa e esta conquista também é sua.

O sistema dá pane
Quando vem pra opressão
E encontra preto e pobre
Que tem pós-graduação.

W-BLACK

RESUMO

CORRÊA DE MELO, William. *Trajetórias escolares no município do Rio de Janeiro: estratégias familiares de escolarização*. 2018. 124f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

O objetivo desta pesquisa é interpretar as trajetórias escolares de estudantes matriculados na rede municipal de educação do Rio de Janeiro a partir das ações mobilizadas por suas famílias, pertencentes às camadas populares e que optaram pela rede municipal de educação para a escolarização dos seus filhos. A investigação surge da continuidade de uma pesquisa finalizada em 2013 que visava compreender como se dava a escolha e o acesso dos estudantes às escolas municipais cariocas considerando que a rede é estratificada por desempenho e prestígio (COSTA, 2008). Em 2017, retornamos às residências de 10 das 52 famílias investigadas em 2013 para entrevistá-las novamente e mapear como se deu a trajetória escolar dos jovens desde o acesso, bem como as ações mobilizadas pelas famílias que possam ter auxiliado a desenhar as trajetórias estudantis. Dentre as conclusões, percebemos que as famílias agem efetivamente e de maneira diversa para constituir o que acham melhor para a educação dos seus filhos. Além disso, diferenças entre trajetórias, especialmente nos destinos escolares após o Ensino Fundamental e acesso ao Ensino Médio puderam ser interpretadas pela diferença entre as ações mobilizadas pelas famílias, mesmo quando os estudantes estudaram na mesma escola de Ensino Fundamental. De maneira complementar, notamos que alguns estudantes que passaram por diferentes escolas no segundo segmento do Ensino Fundamental atingiram os mesmos destinos escolares no que se refere a acesso ao Ensino Médio, o que também foi possível interpretar a partir das ações familiares mobilizadas. Notamos também que as percepções que as famílias constroem acerca das escolas (e acerca das ações escolares) ajudam a orientar as suas ações. Escola e família atuam, portanto, em conjunto com outras variáveis, na construção das trajetórias estudantis. Essas e outras conclusões obtidas sugerem a necessidade de refinamento das pesquisas que pretendem investigar as formas de inserção das famílias de camadas populares na escolarização dos jovens na rede municipal de educação do Rio de Janeiro, o que, ao mesmo tempo, reforça a complexidade existente no tema das desigualdades de oportunidades educacionais.

Palavras-chave: Relação família-escola. Ações familiares. Trajetórias escolares. Desigualdades educacionais.

ABSTRACT

The objective of this research is to interpret the school trajectories of students enrolled in the municipal education network of Rio de Janeiro from the actions mobilized by their families, belonging to the popular classes and who opted for the municipal education network for the schooling of their children. The research arises from the continuity of a research completed in 2013 that aimed to understand how students' choice and access to municipal schools in Rio was given considering that the network is stratified by performance and prestige (COSTA, 2008). In 2017, we returned to the residences of 10 of the 52 families investigated in 2013 to interview them again and map how the school trajectory of the young people since the access was given, as well as the actions mobilized by the families that may have helped to draw the student trajectories. Among the conclusions, we realize that families act effectively and in a different way to constitute what they think is best for the education of their children. In addition, differences in trajectories, especially in school destinations after elementary school and access to high school could be interpreted by the difference between the actions mobilized by the families, even when the students studied in the same elementary school. In a complementary way, we noticed that some students who passed through different schools in the second segment of Elementary School reached the same school destinations with regard to access to High School, which was also possible to interpret from the mobilized family actions. We also note that the perceptions that families construct about schools (and about school actions) help guide their actions. Therefore, school and family act together with other variables in the construction of student trajectories. These and other conclusions suggest the need for refinement of the research that intends to investigate the forms of insertion of the families of popular layers in the schooling of the youths in the municipal network of education of Rio de Janeiro, which, at the same time, reinforces the complexity in the inequality of educational opportunities.

Keywords: Family-school relationship. Family actions. School trajectories. Educational inequalities.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA ÚNICA - MODELO DE ANÁLISE.....	46
---------------------------------------	----

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: LISTA DE PRIORIDADES PARA MATRÍCULA NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO EM 2010 E APÓS ESSE ANO.....	37
TABELA 2: CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS MENCIONADAS NA PESQUISA.....	40
TABELA 3: TIPOLOGIAS DE ESCOLHA E ACESSO ÀS ESCOLAS EM 2013 E EXPECTATIVAS FAMILIARES DE CONTINUIDADE DOS ESTUDOS EM 2013 E EM 2017.....	59
TABELA 4: FAMÍLIAS, TRAJETÓRIAS E AÇÕES.....	104

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1: RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA	20
1.1. <i>Background</i> familiar e desempenho na escola	20
1.2. Organizações escolares e suas ações didáticas	33
CAPÍTULO 2: O SISTEMA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO .	35
2.1. Composição do sistema	35
2.2. Acesso ao sistema	35
CAPÍTULO 3: METODOLOGIA	39
CAPÍTULO 4: TRAJETÓRIAS ESCOLARES E AÇÕES FAMILIARES	47
4.1. As famílias e suas percepções sobre os estudantes	47
4.1.1. Zona Sul	48
4.1.1.1. Família do Jerônimo	48
4.1.1.2. Família da Gabriele	49
4.1.1.3. Família da Lara	50
4.1.1.4. Família do Denilson	51
4.1.2. Zona Norte	52
4.1.2.1. Família de Giovana	52
4.1.2.2. Família de Thais	53
4.1.2.3. Família da Vanessa	54
4.1.2.4. Família do Yam	55
4.1.2.5. Família da Yara	56
4.1.2.6. Família de Suelen	58
4.2. Trajetórias escolares, percepções familiares sobre as escolas e ações	61
4.2.1. Zona Sul	61
4.2.1.1. <i>Trajetórias lineares</i>	61
4.2.1.1.1. Jerônimo	62
4.2.1.1.2. Gabriele	64
4.2.1.1.3. Lara	68
4.2.1.2. <i>Trajetória fragmentada</i>	73
4.2.1.2.1. Denilson	73
4.2.2. Zona Norte	76

4.2.2.1. <i>Trajetórias lineares</i>	76
4.2.2.1.1. Yam	76
4.2.2.1.2. Thais	80
4.2.2.1.3. Giovana	85
4.2.2.1.4. Vanessa	89
4.2.2.2. <i>Trajetórias fragmentadas</i>	95
4.2.2.2.1. Suelen	95
4.2.2.2.2. Yara	98
CAPÍTULO 5: ANÁLISE COMPARATIVA	104
5.1. Zona Sul (2ª CRE)	108
5.2. Zona Norte (4ª CRE)	111
5.3. A hipótese relativizada e novos caminhos de pesquisa	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	122

INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa, no qual esta dissertação está inserida, teve seu ponto de partida em 2013. Até aquele momento, interessava à equipe de pesquisa do Laboratório de Pesquisa em Oportunidades Educacionais (LaPOpE) investigar de que maneira as famílias¹ de camadas populares do Rio de Janeiro escolhiam e acessavam as escolas da rede municipal de educação já que, nessa rede, era sabido que havia escolas de maior e menor prestígio (segundo percepções das famílias) além de diferenças entre os desempenhos das escolas em avaliações nacionais e regionais em larga escala (COSTA, 2008; COSTA e KOSLINSKI, 2011; COSTA e KOSLINSKI, 2012).

Nessa pesquisa, intitulada “Escolha, acesso e permanência em escolas públicas da cidade do Rio de Janeiro: estratégias familiares em um espaço de disputa”, que ocorreu entre 2011 e 2013 e foi financiada pela FAPERJ, foram selecionadas 52 famílias para compreender de que maneiras escolhiam e acessavam as escolas da rede municipal de educação do Rio de Janeiro e foi observado que existiam diferentes tipos de escolha e acesso às escolas (ROSISTOLATO, PIRES DO PRADO e COSTA, 2014). Das 29 famílias que escolheram as escolas, 20 conseguiram acesso às escolas de interesse e 9 não conseguiram, o que fez com que tivessem que matricular seus filhos em sua segunda opção. As demais famílias não escolheram as escolas de segundo segmento do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), sendo a escolha realizada pela escola de primeiro segmento (1º ao 5º ano). Naquele momento, em 2013, os estudantes estavam saindo do 5º ano do Ensino Fundamental e acessando escolas que atendiam a partir do 6º ano do Ensino Fundamental.

Como os estudantes pertencentes às 52 famílias investigadas no projeto anterior estavam, em 2013, matriculados no 6º ano do Ensino Fundamental em escolas vistas como “más” ou “boas”, bem como de desempenhos diferenciados, interessou ao LaPOpE investigar quais seriam as trajetórias desses mesmos estudantes até o fim do Ensino Fundamental e possível transição para o Ensino Médio. Sendo assim, teve início o projeto “Análise das

¹ Como esta pesquisa trabalhará constantemente com o termo “família”, cabe aqui esclarecer que não farei uma distinção entre “pais” e “famílias”. Quando uso o termo “ações familiares”, tenho a intenção de me referir a ações dos pais/responsáveis dos/pelos estudantes. Dessa maneira, há momentos em que escrevo “famílias” e outros em que uso “pais” ou até mesmo “responsáveis” (associado a quem é responsável pela vida escolar do estudante).

transições escolares na educação básica² no Rio de Janeiro: Escolha, acesso e permanência no ensino fundamental e médio”, que tem como objetivo investigar as trajetórias escolares das 52 famílias do projeto concluído em 2013. Esse projeto mais amplo, na qual esta dissertação está inserida, pretende analisar: i) as trajetórias escolares nos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano) dos 52 estudantes; ii) as expectativas familiares com relação à escolarização posterior à conclusão do Ensino Fundamental; iii) a visão dos estudantes sobre a escola, suas trajetórias escolares e projetos de futuro; iv) as estratégias de escolha e acesso às escolas de Ensino Médio; v) os procedimentos de matrícula e transferência interna na rede estadual de ensino.

Portanto, na transição entre o fim de 2016 e início de 2017, tivemos como principal objetivo mapear as trajetórias escolares dos mesmos alunos (do projeto finalizado em 2013) no que se refere aos aspectos de alocação em turnos, turmas, número de reprovações, transferência de escola, dentre outros fatores inerentes a todo o período que, em tese, essas crianças/jovens estavam nas escolas que atendem a partir do 6º ano do Ensino Fundamental. Também pretendíamos compreender como (e se) ocorre a transição desses jovens para o Ensino Médio. Esta dissertação, por sua vez, pretende investigar as trajetórias escolares a partir do olhar das famílias sobre essas trajetórias, suas expectativas e ações mobilizadas no que se refere à formação escolar dos jovens entre 2013 e 2016.

A literatura – nacional e internacional – sobre a relação família/escola indica que a educação de crianças e jovens tende a ser mais eficaz quando escola e família mobilizam ações que favorecem o processo de formação educacional (LAHIRE, 1997; ZAGO, 1994, 1998, 2008, 2011; NOGUEIRA, 2005; ALVES, 2010). Um conjunto de ações como acompanhar os deveres de casa, participar de reuniões na escola, estabelecer horários para estudo em casa e fomentar as crianças e jovens com atividades que aumentem seu capital cultural tendem a aumentar a probabilidade de realização das expectativas educacionais (RESENDE, 2006a; 2012; ARAÚJO, 2012; SILVA, 2012; ALVES, 2010).

No caso das famílias analisadas nesta dissertação, temos dados sobre suas visões e projetos escolares mapeados no momento em que seus filhos estavam iniciando o segundo segmento do Ensino Fundamental. Como entrevistamos os pais em 2013 para investigar como escolhiam e acessavam as escolas, em 2016 e 2017, retornamos às residências das famílias para

² “A Educação Básica é composta pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. O objetivo da Educação Básica é assegurar a todos os brasileiros a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes os meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores [LDBEN Art. 21 e 22]”. Fonte: www.rj.gov.br

entrevistá-las novamente e entender como ocorreu a trajetória escolar dos estudantes e também mapear as ações que tenham sido realizadas pelas famílias no decorrer dos últimos anos de escolarização. Foi possível saber se os estudantes concluíram o Ensino Fundamental, se passaram por alguma reprovação, se as famílias foram convocadas pela escola e, em caso positivo, por quais motivos e como reagiram, se as famílias organizaram as atividades escolares dos filhos em casa, dentre outros acontecimentos.

Portanto, a dissertação tem o seguinte objetivo geral: analisar as relações estabelecidas entre as famílias, os estudantes e as escolas durante os processos de escolarização no segundo segmento do Ensino Fundamental. Lembrando que os alunos cujas famílias foram entrevistadas em 2013, em 2017 estão, em tese, terminando o Ensino Fundamental e buscando estabelecer, individualmente ou junto às suas famílias, projetos de futuro, que podem incluir ou não o ingresso no Ensino Médio. Sendo assim, esta pesquisa de mestrado possui um foco que se dá na investigação das possíveis relações existentes entre as ações familiares, as escolas e as trajetórias escolares no segundo segmento do Ensino Fundamental.

O objetivo geral foi desmembrado em três objetivos específicos, que são os seguintes:

- I) Mapear as ações pragmáticas das famílias nos anos finais do Ensino Fundamental;
- II) Descrever como se caracterizaram as trajetórias escolares dos estudantes (entre 2013 e 2016), em relação a aspectos como alocação em turnos, turmas, recuperações, taxas de reprovação, transferência e evasão;
- III) Verificar como os pais classificam as escolas de segundo segmento em que seus filhos estudaram/estudam e qual é a percepção dos pais em relação às trajetórias escolares de seus filhos, assim como as expectativas ligadas à sequência da escolarização;

Esses objetivos (geral e específicos) podem ser articulados na forma de duas questões, que estão intimamente ligadas entre si e que foram separadas apenas para fins de melhor compreensão da proposta colocada. São elas:

- i) Após o acesso dos estudantes às escolas de segundo segmento, quais foram as ações pragmáticas mobilizadas pelos pais durante a escolarização de seus filhos nos anos finais do Ensino Fundamental para a permanência e o sucesso escolar das crianças?
- ii) A partir da escolarização em um sistema educacional estratificado e das ações familiares mobilizadas, como se desenharam as trajetórias escolares dos estudantes?

É relevante uma explicação acerca do uso do termo “trajetória” nesta dissertação. Cientificamente, “qualquer trajetória supõe um ponto ou objeto que se move e um espaço em

relação ao qual ocorre o deslocamento” (NOGUEIRA e FORTES, 2004, p. 59). Na noção de trajetória escolar, esse “ponto” em deslocamento no espaço é o aluno e esse espaço é o sistema de ensino. Dessa maneira, “trata-se então, em primeiro lugar, de se caracterizar a direção tomada, a distância percorrida e o tempo gasto por diferentes alunos para a realização de seus percursos escolares dentro dos sistemas de ensino” (NOGUEIRA e FORTES, 2004, p. 59). Portanto, pode-se entender trajetória como percursos - que tendem a ser diferentes- que os alunos realizam dentro dos sistemas de ensino.

No caso deste projeto, será considerada uma divisão nas categorias: *trajetória linear* e *fragmentada*, sendo a *linear* aquela que ocorre sem reprovações, evasão e interrupções nos estudos, e possibilidade de acesso ao Ensino Médio que não seja na modalidade de Educação de Jovens e Adultos³. Já a *fragmentada* é aquela que for diferente disso em um ou mais aspectos. Essa proposta de categorias de análise das trajetórias escolares foi criada para esta dissertação de forma a comparar as trajetórias com e sem interrupções e analisá-las em conjunto com as ações educativas mobilizadas pelas famílias em cada caso.

Uma trajetória pode ser considerada como bem sucedida ou não, de maneira absoluta ou relativa. A maneira absoluta de caracterizar sucesso ou fracasso escolar seria observando a distância percorrida no sistema de ensino, a velocidade com que as trajetórias foram realizadas e o prestígio do estabelecimento em que se deu a trajetória. Mas essa classificação também pode ser encarada de forma relativa, considerando o lugar do estudante na estrutura de classes sociais e o quanto se aproxima ou supera aquilo que é esperado, estatisticamente, para indivíduos de sua categoria social em termos de trajetória escolar (NOGUEIRA e FORTES, 2004). Considerando o gargalo⁴ que existe na transição entre os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio no Brasil, já que fatores como nível socioeconômico e cor/raça têm peso sobre essa transição (TAVARES JUNIOR, MONT’ALVÃO e NEUBERT, 2015), na presente pesquisa identificamos os alunos que atingiram (ou que estão caminhando para) o Ensino Médio

³ A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino amparada por lei e voltada para pessoas que não tiveram, por algum motivo, acesso ao ensino regular na idade apropriada. Fonte: educacaopublica.cederj.edu.br. Há escolas no município do Rio de Janeiro que oferecem essa modalidade de ensino a noite, no mesmo estabelecimento escolar em que se oferece ensino regular durante o dia (informação obtida a partir de pesquisa de campo).

⁴ Algumas variáveis como cor e renda têm influência sobre as transições ao longo do Ensino Fundamental e, principalmente, na transição para o Ensino Médio. Pessoas de baixa renda e não brancas têm mais chance de não completarem a transição do 9º ano para o Ensino Médio do que pessoas de maior renda e brancas. Quando mais próximo da transição para o Ensino Médio, maior é o efeito da cor sobre as transições escolares. E “a passagem para o Ensino Médio implica em reforço de alguns dos padrões de seletividade que vinham declinando ao longo das transições do Ensino Fundamental” (TAVARES JUNIOR, MONT’ALVÃO e NEUBERT, 2015, p. 131)

regular⁵ como os que atingiram o sucesso escolar. Parte-se, portanto, da definição relativa de sucesso escolar, já que a pesquisa trata como trajetórias de sucesso as trajetórias chamadas aqui de *lineares*, em que os jovens se encontram, a despeito do gargalo educacional citado, matriculados em escolas de Ensino Médio regular em 2017, independentemente das escolas em que cursaram o Ensino Fundamental.

Nosso grupo de pesquisa já demonstrou como se configuram algumas das relações entre famílias e escolas no procedimento de matrícula escolar (ROSISTOLATO, PIRES DO PRADO e COSTA, 2012, 2014; COSTA e KOSLINSKI, 2012). Agora, é de interesse desta pesquisa investigar quais configurações ocorrem e como ocorrem durante a permanência dos estudantes.

O argumento é que há um conjunto de interações estabelecidas entre escolas e famílias na construção das trajetórias escolares. Busca-se apresentar uma proposta diferente da linha “reprodutivista” e determinista no campo da Educação que embasa os lemas de que “a escola não faz diferença” e que classe social é determinante nos destinos escolares (COLEMAN et al., 1966; BOURDIEU, 1992). Na contramão dessa abordagem, a partir da literatura internacional e nacional sobre a relação família-escola (ZAGO, 1994, 1998, 2008; LAHIRE, 1997; ALVES, 2010) e sobre a influência dos estabelecimentos escolares nas trajetórias dos estudantes (BROOKE e SOARES, 2008; CRAHAY e BAYE, 2013; ROSISTOLATO, PIRES DO PRADO e COSTA, 2012, 2014; COSTA e KOSLINSKI, 2012; ALVES, 2010), a pesquisa argumenta que ações pragmáticas das famílias em conjugação com fatores inerentes aos estabelecimentos escolares atuam direta e indiretamente na construção das trajetórias estudantis.

No plano das hipóteses, esperava-se que haveria relações entre as ações pragmáticas das famílias no período dos anos finais do Ensino Fundamental, as escolas e a construção das trajetórias escolares. Nesse sentido, as ações mobilizadas pelas famílias teriam efeito sobre as trajetórias escolares, tanto na permanência no Ensino Fundamental quanto na definição dos destinos escolares na transição para o Ensino Médio.

A hipótese central era que *trajetórias lineares* (sem interrupção nos estudos nos anos finais do Ensino Fundamental e com acesso ao Ensino Médio regular) se dariam, com maior probabilidade, nos casos em que houvessem ações pragmáticas das famílias que contribuíssem para a formação educacional dos estudantes, como acompanhamento e/ou auxílio nos deveres de casa, presença de explicadoras, frequência em reuniões, incentivo à práticas associadas à aprendizagem escolar (leitura, por exemplo) e cobranças por desempenho escolar. Ainda no

⁵ Ensino Médio que não seja na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

plano das hipóteses, esperava-se que os casos que tivessem possuído *trajetórias fragmentadas* (com interrupção nos estudos, não acesso ao Ensino Médio ou acesso ao Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos) fossem de famílias que tenham mobilizado menos ações ligadas ao processo de formação escolar.

No plano teórico, o trabalho pretende contribuir para o debate sobre a influência dos estabelecimentos escolares e das ações familiares na trajetória dos estudantes, especialmente para quando essa trajetória se dá em um sistema educacional público e estratificado, que é caracterizado por possuir participação dos agentes escolares (professores e gestores) no acesso e na permanência dos estudantes (ROSISTOLATO, PIRES DO PRADO e COSTA, 2012, 2014; COSTA e KOSLINSKI, 2011). A pesquisa se soma ao conjunto de trabalhos sobre relação família-escola que, gradativamente, vem se tornando mais comuns no campo das investigações em Educação. Essas relações fazem parte do cotidiano da escola e estão no cerne dos processos de escolarização. O tema “se tornou um capítulo recorrente em livros que examinam as tendências atuais da produção no campo da Sociologia da Educação e vem se firmando como uma linha de pesquisa importante na pós-graduação.” (ZAGO, 2011, p. 60).

Como aponta Lahire (1997), o insucesso e sucesso escolar não estão atrelados apenas a capital cultural e capital econômico. É necessário, portanto, identificar redes de interdependência e configurações complexas (LAHIRE, 1997; CASTRO e TAVARES JÚNIOR, 2016), dentre as quais fazem parte as relações entre as famílias e os estabelecimentos escolares.

De maneira a embasar a argumentação que sustenta esta pesquisa, o texto foi dividido em cinco capítulos. O primeiro aborda a relação família-escola, dissertando sobre a relação entre *background* familiar e desempenho escolar, estudos sobre ações familiares no processo de escolarização de crianças e jovens e o efeito da escola na escolarização dos alunos. Em seguida, a dissertação apresenta um capítulo sobre o sistema municipal de educação do Rio de Janeiro (em que a pesquisa foi realizada), abordando a sua composição e formas de acesso. Logo após os capítulos teóricos, apresentamos uma seção dedicada à descrição detalhada da metodologia utilizada e, na sequência, seguimos para dois capítulos de apresentação dos dados da investigação empírica e sua análise.

CAPÍTULO 1: RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA

Esta seção tem como objetivo apresentar parte do debate internacional e nacional sobre relação família-escola; em paralelo, esta seção pretende demonstrar as variações na forma de abordagem da categoria “família” como objeto de análise desde os estudos que correlacionavam origem familiar e desempenho escolar até os estudos que passaram a investigar as famílias a partir de suas ações e interações que estabelecem com as instituições escolares.

1.1. *Background* familiar e desempenho na escola

A “família”, como categoria de estudo, sofreu mudanças no que se refere à sua análise no decorrer dos anos (NOGUEIRA, 1999). Anteriormente às décadas de 1960 e 1970, em que ocorreram os primeiros estudos que correlacionaram desempenho escolar com nível socioeconômico familiar, era vigente no campo educacional um ideário de escola justa, que alimentava um otimismo vinculado à escola, já que:

Supunha-se que por meio da escola pública e gratuita seria resolvido o problema do acesso à educação e, assim, garantida, em princípio, a igualdade de oportunidades entre todos os cidadãos. Os indivíduos competiriam dentro do sistema de ensino, em condições iguais, e aqueles que se destacassem por seus dons individuais seriam levados, por uma questão de justiça, a avançar em suas carreiras escolares e, posteriormente, a ocupar as posições superiores na hierarquia social. A escola seria, nessa perspectiva, uma instituição neutra, que difundiria um conhecimento racional e objetivo e que selecionaria seus alunos com base em critérios racionais. (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002, p. 16)

Essa tendência foi criticada posteriormente a partir de estudos que verificaram as correlações entre *background* familiar e desempenho escolar. Segundo Nogueira (1999), desde a década de 50 e início da década de 60 do século passado, observam-se estudos que têm como foco a família e sua relação com a escolarização de crianças e jovens. Porém, a abordagem que demarcou o período entre as décadas de 50 e 60 buscou compreender a correlação existente entre as classes sociais das famílias e as desigualdades de oportunidades educacionais.

Pesquisas de caráter macroscópico e quantitativas demarcaram o período. Essas pesquisas acabaram

eximindo-se da observação dos processos ‘finos’ de fabricação/manutenção das desigualdades e transformando a família numa mera correia de transmissão das estruturas sociais. A família ficava então dissolvida na variável ‘categoria sócio-econômica’ de pertencimento. Conhecia-se sim, sem dúvida, seus efeitos sobre o desempenho escolar, mas os processos domésticos e cotidianos pelos quais projetos e estratégias familiares são elaborados e postos em prática, permaneciam na penumbra. (NOGUEIRA, 1999, p.92)

Dentre as pesquisas desse período mais conhecidas na Sociologia da Educação (e na área da Educação como um todo) está o “Relatório Coleman” (COLEMAN et al., 1966), realizado nos Estados Unidos, além de pesquisas de áreas como “Demografia Escolar”, na França e a “Aritmética Política”, na Inglaterra (NOGUEIRA, 2009; NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002). A família era observada segundo características morfológicas como número de filhos, sexo, idade, nível de instrução ou ocupação dos pais, renda, etc. (NOGUEIRA, 1999, 2009).

É nesse período em que vigoravam os estudos macrosociológicos que surgiram os trabalhos que embasaram o paradigma da reprodução, em especial em seu viés “culturalista” como observado em “A reprodução”, de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (1992).

Com os relatórios que demonstravam a correlação entre origem social e desempenho escolar, bem como os trabalhos dos “teóricos da reprodução”, enfaticamente de Bourdieu, houve uma “revolução científica”, segundo Nogueira e Nogueira (2002). Esse conjunto de produções científicas embasaram argumentos contrários aos princípios funcionalistas e suas expectativas otimistas em relação à escola. E esses trabalhos surgiram em um momento que era notável a ampliação das críticas sobre o sistema de ensino, por consequência da massificação escolar com a expansão dos sistemas de ensino no período pós-segunda guerra mundial. Essa primeira geração escolarizada pós-massificação, notadamente ligada a setores que não necessariamente pertenciam às elites, se caracterizou por ver “frustradas suas expectativas de mobilidade social através da escola” (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002, p.17).

Estava, portanto, instaurado um caráter pessimista em relação à escola, pois passou-se a demonstrar o efeito da origem socioeconômica no desempenho escolar, criando-se a partir disso uma nova maneira de enxergar a escola; “onde se via igualdade de oportunidades, meritocracia, justiça social, Bourdieu passa a ver reprodução e legitimação das desigualdades sociais” (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002, p. 17).

Para compreender a relação de Bourdieu com a categoria família, de maneira a adentrar mais detalhadamente na sua teoria da reprodução, é importante entender um dos objetivos das obras do sociólogo francês: a superação do dilema entre subjetivismo e objetivismo.

Se por um lado Bourdieu busca se afastar do subjetivismo argumentando que muita autonomia é dada ao sujeito para que este exerça suas escolhas e ações individuais (defendendo que ações são socialmente condicionadas), também critica o objetivismo, nomeadamente estruturalista que, segundo o autor, torna as ações individuais subordinadas a condições objetivas, inerentes à estrutura do sistema (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002). O conceito de

*habitus*⁶, fundamental para compreender a transmissão de capital cultural na perspectiva do autor e a teoria da reprodução foi construído por ele com o objetivo de se afastar das abordagens mais subjetivistas sem perder, contudo, a ideia do agente e suas ações individuais (BOURDIEU, 1989).

O indivíduo, para Bourdieu, é socialmente construído, a partir de um conjunto de valores e características das famílias, que teriam suas posições na estrutura social. Dessa maneira,

os indivíduos incorporariam um conjunto de disposições para a ação típica dessa posição (um *habitus* familiar ou de classe) e que passaria a conduzi-los ao longo do tempo e nos mais variados ambientes de ação. As normas e constrangimentos que caracterizam uma determinada posição na estrutura social não operariam, assim, como entidades reificadas que agem diretamente, a cada momento, de fora para dentro, sobre o comportamento individual. Ao contrário, a estrutura social se perpetuaria porque os próprios indivíduos tenderiam a atualizá-la ao agir de acordo com o conjunto de disposições típico da posição estrutural na qual eles foram socializados. (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002, p. 20)

Portanto, a família para Bourdieu é vista, basicamente, a partir de sua classe social e menos por suas práticas individuais mais específicas. Dessa maneira, o *habitus* familiar corresponderia ao da classe social em que a família está inserida, sendo transferido de geração em geração. Essas características que compõem o que o autor também chama de capital cultural em sua forma incorporada (gostos em matéria de arte, domínio maior ou menor da língua culta, etc.) teriam influência sobre os destinos escolares, mais até do que o capital econômico, ligado mais diretamente a posse de bens materiais (BOURDIEU e PASSERON, 1992; NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002).

Ainda partindo do conceito de *habitus*, Bourdieu afirma que a escola legitima um conjunto de valores e o sucesso escolar estaria diretamente ligado a maior ou menor distância entre o *habitus* do estudante (segundo ele, o mesmo da família e de sua classe social) e o *habitus* desejado pela instituição escolar. Como para o autor esses valores são basicamente vinculados à cultura dominante, as classes desprovidas desse capital cultural incorporado inerentes à classe dominante tenderiam ao fracasso escolar. Para um grupo de crianças culturalmente favorecidas, seria como se a educação escolar fosse uma continuação da educação dada pela família. Por outro lado, nas camadas populares, seria como se a escola se apresentasse como um ambiente estranho e ameaçador (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002).

⁶ Para BOURDIEU (1989): “tal noção permitia-me romper com o paradigma estruturalista sem cair na velha filosofia do sujeito ou da consciência (...) o *habitus*, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um *haver*, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista) o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural” (p. 61).

Segundo estudos brasileiros sobre a obra de Bourdieu, o autor aponta que as classes médias, providas de alto capital cultural, são as que mais investem na escolarização dos filhos, movidas pelas chances objetivas e visualização de um retorno a partir desse investimento. As classes populares, por outro lado, desprovidas de capital econômico e cultural teriam pouco investimento na escolarização das crianças devido a um acúmulo de exemplos em sua classe social que mostram que retornos provenientes do investimento educacional são mais “incertos”, além de que um resultado a longo prazo seria muito custoso para um grupo caracterizado pelo baixo nível socioeconômico. Por último, o pouco investimento em educação pelas classes populares estaria relacionado ao valor dos títulos obtidos, tendo em vista que o retorno possível a partir do capital simbólico fornecido pelos títulos dependeria de “recursos econômicos e sociais passíveis de serem mobilizados para potencializar o valor dos títulos” (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002, p. 24).

É nesse escopo argumentativo que surge a teoria da reprodução, para a qual a escola, a partir do momento em que legitima determinado tipo de capital cultural incorporado (*habitus*), notadamente o da classe dominante, acaba por legitimar e reproduzir a estrutura de classes sociais, em conjunto com as desigualdades sociais típicas dessa estrutura (BOURDIEU e PASSERON, 1992; NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002). Isso culmina com um cenário de poucas possibilidades de ação que fujam dos constrangimentos impostos pela estrutura de classes, mesmo que o próprio Pierre Bourdieu, de origem familiar camponesa, tenha contrariado as próprias proposições. Ilustrando esse cenário, esta pesquisa destaca uma epígrafe ilustrativa que se encontra no início do livro “A Reprodução” de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (1992), que mostra o pensamento de que “filhos são reflexos dos pais” por meio de processos de transmissão de *habitus* de familiar/de classe que se repetem a cada geração. Segue a tradução literal:

O capitão Jonathan / estando com a idade de dezoito anos, / captura um dia um pelicano numa ilha do Extremo Oriente. / O pelicano de Jonathan, / De manhã, põe um ovo inteiramente branco / E daí sai um pelicano / espantosamente parecido com ele. / E esse segundo pelicano / por sua vez põe um ovo inteiramente branco / De onde sai, inevitavelmente, / Um outro que faz o mesmo. / Isso pode persistir por muito tempo / Se antes não fizermos um omelete. (BOURDIEU e PASSERON, 1992).

A teoria da reprodução, portanto, acaba por reforçar o ideário de que a “escola não faz diferença”, tendo em vista que a origem social é que seria determinante nos destinos escolares, a partir da transmissão de *habitus* de classe de pais para filhos e constante manutenção da estrutura de classes.

De forma complementar, Bourdieu destaca em outra obra (“A Distinção”) os efeitos da origem social nas trajetórias coletivas e individuais e, apesar de buscar explicar as diferenças entre membros de uma mesma classe social a partir do efeito das trajetórias, ainda enfatiza o peso da origem social, sendo o *habitus* operante sobre os destinos dos indivíduos:

Se é certo que certos indivíduos, ocupantes de posições semelhantes, podem ter opiniões diferentes, segundo sua origem social e sua trajetória, tudo parece indicar que os efeitos da *trajetória individual*, particularmente visíveis no caso dos grupos que ocupam posições mal determinadas no espaço social e, por este fato, levadas a uma grande dispersão sob todos os aspectos, se exercem no limite dos efeitos próprios da classe; de modo que as disposições ético-políticas dos membros da mesma classe aparecem como outras tantas formas transformadas da disposição que caracteriza, fundamentalmente, o conjunto da classe. (BOURDIEU, 2007, p. 426)

Segundo Tavares Júnior (2016), haveria, para Bourdieu, um conjunto de comportamentos típicos de cada posição social que levariam à sua distinção, reforçando que as ações individuais estariam ligadas, em última instância, aos constrangimentos impostos pela estrutura, especialmente em matéria de gostos e padrões de consumo, os quais estariam ligados ao *habitus* de classe; para o autor, a classe determina as ações e o conjunto de ações típicas da classe faz com que haja a sua manutenção:

A classe seria caracterizada por um processo de tomadas de decisão frente à definição de consumos cotidianos que se articulam para formar um conjunto de preferências que configurariam o estilo de vida, resultado das decisões e de seus condicionantes, ou determinantes, segundo uma lógica reprodutivista. (...) Funciona assim como estrutura estruturante e estrutura estruturada: pois produz práticas e também é produzido pelas condições de existência. Este *habitus* agiria como princípio gerador de práticas coletivas e de um sistema de distinção e inserção ou “enclasseamento”. (TAVARES JÚNIOR, 2016, p. 33 e 35)

Percebe-se a partir de Tavares Júnior (2016) e Bourdieu (2007), que o autor francês analisa os comportamentos individuais e coletivos tendo como ênfase as classes sociais às quais pertencem e isso fez com que as suas análises sobre família se dessem a partir das observações dos efeitos de classe. Isso já foi amplamente criticado, principalmente no que se refere a não observação da heterogeneidade inerente ao interior das classes sociais, o que sugere que Bourdieu não se atentava para o fato de que há grandes especificidades nas práticas individuais dos membros de cada família, possibilitando que famílias de uma mesma classe social possam ter diferentes *habitus* e, inversamente, famílias de classes sociais diferentes possam ter *habitus* similares (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002). Uma “questão que tem sido levantada, especialmente a partir dos estudos sobre trajetórias escolares, fracasso e sucesso escolar diz respeito às diferenças que podem ser observadas no comportamento das famílias” (ZAGO, 1994, p. 20).

Uma outra crítica é a que argumenta que a transmissão do capital cultural incorporado não se dá de forma tão “osmótica”, o que já foi apontado, especialmente por Lahire (1997), como sendo uma visão reducionista da transmissão do *habitus* familiar, já que esse processo dependeria de uma série de dinâmicas intrínsecas às instituições familiares e de suas relações com outras instituições (como a escola), não sendo, portanto, uma transferência “osmótica”.

Também é passível de crítica a forma como Bourdieu vê a relação das famílias de camadas populares com a escolarização, que seria basicamente de pouco investimento. Estudos mais recentes, nacionais e internacionais (ZAGO, 1994, 1998, 2008; LAHIRE, 1997; ALVES, 2010) relativizam essa ideia de pouco investimento em educação pelas famílias dos meios populares, visto que uma série de ações têm sido mapeadas, apontando para uma inserção efetiva da família em processos escolares como acesso e permanência, e mostrando a ampla valorização que as famílias de camadas populares dão à escola (ZAGO, 1994, 1998, 2008; LAHIRE, 1997; COSTA e KOSLINSKI, 2012; COSTA, PIRES DO PRADO e ROSISTOLATO, 2012; ROSISTOLATO, PIRES DO PRADO e COSTA, 2014; ALVES, 2010). Esses trabalhos apontam que as famílias de meios populares buscam melhores condições de escolarização utilizando os meios que estão disponíveis para elas, estabelecendo estratégias (ações efetivas, portanto) para reivindicação de causas específicas, seja pela melhoria da infraestrutura de prédios, ampliação do número de vagas ou democratização das relações de poder na escola (ZAGO, 1994).

Ainda no que se refere a estudos que valorizam ações de indivíduos encontramos Boudon (1995), que valoriza as ações individuais como objeto de análise mesmo que destaque a importância de se considerar a estrutura de classes. A linha seguida por ele, conhecida como sociologia da ação, tem dois princípios fundamentais:

O primeiro princípio fundamental da sociologia da ação consiste em levar a sério o fato de que todo fenômeno social, qualquer que seja, é sempre o resultado de ações, de atitudes, de convicções, e em geral de comportamentos individuais. O segundo princípio, que completa o primeiro, afirma que o sociólogo que pretende explicar um fenômeno social deve procurar o *sentido* dos comportamentos individuais que estão em sua origem. (BOUDON, 1995, p. 28)

Weber (2004) e Boudon (1995) trazem a valorização da racionalidade para a construção das ações, a partir da importância dada à compreensão das ações, no sentido de investigar e revelar razões que levaram um ator social a agir. E esta dissertação é construída com o objetivo de investigar as ações familiares (e razões que as motivaram) em relação à trajetórias escolares de jovens entre 2013 e 2016.

O próprio Boudon afirma que críticos alegam que “a sociologia da ação ignora o caráter opressivo das estruturas sociais e o fato – para eles evidente – do ator social encontrar-se

totalmente destituído de autonomia” (BOUDON, 1995, p. 58), quando, na verdade, não se ignora os efeitos estruturais e, ao mesmo tempo, valoriza a autonomia do ator social.

As exigências escolares ligadas ao comportamento que as escolas esperam dos alunos e ligadas ao currículo escolar, por conta da legitimação de um conjunto de valores socialmente construídos, remete à ideia do *habitus* que é exigido pela escola, como colocado por Bourdieu, por exemplo as cobranças nas maneiras de se falar e escrever (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002). Porém, essa questão da construção do capital cultural incorporado é questionada com argumentos de que a escola não é uma unidade “monolítica”, mas sim resultado de uma série de interações com a sociedade, constituindo uma identidade própria (ZAGO, 1994); isso é diferente do que argumenta Bourdieu já que, para ele, a escola, numa sociedade estruturada em classes, legitimaria necessariamente o capital cultural de classe dominante (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002), quase de maneira exclusivista e imposta, não negociada com as pressões da sociedade.

Nesta pesquisa, o objetivismo, o reprodutivismo e a sociologia da ação ajudaram a orientar a investigação sobre as famílias dos estudantes. E pretende-se enfatizar o papel das ações individuais das famílias sem deixar de considerar a existência e influências da estrutura de classes.

Parte-se de um argumento de que as famílias agem efetivamente em articulação com as escolas, construindo as trajetórias estudantis. A presente pesquisa não analisa a família apenas pelo seu posicionamento em determinada classe social; o foco investigativo se dá nos meios populares e, dessa maneira, interessa investigar as peculiaridades de cada família, de uma forma menos vinculada ao conceito de capital cultural, especialmente em sua forma incorporada/de classe e/ou seus processos de transmissão.

Mais do que correia de transmissão das estruturas sociais (embora estas estejam presentes), argumenta-se, com base nas pesquisas aqui apresentadas, que as famílias atuam, direta e indiretamente e em conjugação com as escolas (que também agem), na construção dos destinos escolares dos estudantes; a pesquisa busca construir, em linhas gerais, uma análise que vai no contra fluxo da ideia de origem social como determinante nas trajetórias dos estudantes já que, no plano das hipóteses, as famílias de uma mesma classe social podem agir de formas distintas em relação aos processos de escolarização de jovens e “sem dúvida, nem toda ação social apresenta uma estrutura que implica dominação.” (WEBER, 2004, p. 187).

Estudar a família menos pelo seu lugar de classe social e mais pelas suas estratégias, em especial face aos processos de escolarização faz parte de uma nova tendência da Sociologia da

Educação, originada de uma série de estudos posteriores (principalmente) aos da década de 60/70 do século passado.

Isso se deu por conta, especialmente, das mudanças que começaram a ser observadas nas famílias e nas suas formas de se relacionar com a escola (NOGUEIRA, 1999).

A família moderna parece se voltar mais para o seu interior, “inaugurando o amor conjugal e a intimidade familiar moderna” (NOGUEIRA, 1999, p. 97). Dessa maneira,

A criança passa a ser alvo de maiores cuidados (saúde, alimentação, educação) e objeto de grande preocupação dos pais. Em alguns autores, o fenômeno é identificado a um processo de sentimentalização das relações familiares, cuja contrapartida seria o enfraquecimento das suas funções instrumentais, caracterizada pela reprodução física, cuidados materiais, descendência. Assim, o lugar da criança na família passa a ser visto como principalmente afetivo e as ações em relação a ela, essencialmente educativas. (NOGUEIRA, 1999, p. 97).

Há casos em que a criança passa a ser entendida cada vez menos como um “capital”, como perspectiva de ganho para os pais, um certo seguro na velhice. Passa a ser menos vista como futura força de trabalho e cada vez mais como objeto de preocupação, afeto e orgulho. Alguns acontecimentos estimularam essas mudanças; dentre eles podemos citar a proibição do trabalho infantil, a extensão do período de escolaridade obrigatória e criação dos sistemas de seguridade social. Ao mesmo tempo, a família passa a investir cada vez mais em escolarização tendo em vista que as possibilidades de ascensão social passaram a estar cada vez mais ligadas ao sucesso escolar, o qual, ao ser atingido pelos filhos, passa a estar bastante vinculado, simbolicamente, ao sucesso dos pais (NOGUEIRA, 1999). Nota-se, que

os processos escolares assumem então um lugar de destaque na vida das famílias, embora com variações segundo o meio social. A mobilização e os investimentos em torno da escolarização constituem um dos poucos consensos sociais em matéria de valores morais. (NOGUEIRA, 1999, p. 99)

É importante atentar para o fato de que “a família não é estática; ela é uma instituição que se transforma, que se modifica, nas suas finalidades e nas suas funções” (ZAGO, 1994, p. 13). O Brasil carrega em sua história a valorização da família extensiva de tipo patriarcal como modelo dominante (ZAGO, 1994). Por outro lado, o conceito de família do tipo patriarcal passou a ser considerado insuficiente para compreender a realidade familiar brasileira. Segundo Nadir Zago (1994): “as unidades domésticas compostas de pai, mãe e filhos, constituem uma forma de organização que tem sofrido sensível modificação e apresentam, do ponto de vista estatístico, uma tendência declinante desde os anos 70” (p. 14).

Aliada a mudanças em muitas organizações familiares, a complexidade das redes escolares se ampliou a partir do aumento do número de estabelecimentos e da heterogeneidade entre eles, fazendo com que as famílias passassem a ter que escolher entre escolas que variam

segundo clientela, grau de tradição, proposta pedagógica, qualidade de ensino, localização, clima disciplinar e outros aspectos, sendo portanto mais uma via que levou ao conhecimento, pelas famílias, do universo escolar (NOGUEIRA, 1999).

Os estudos da Sociologia da Educação sobre estratégias familiares na escolarização dos filhos se direcionam em diferentes caminhos, desde os que abordam estratégias familiares mais utilitaristas (configurando a escola como um tipo de mercado, trabalhando de maneira a rentabilizar as chances escolares por meio do diploma, do prestígio social, dentre outros fatores), passando pelos que focalizam as estratégias que valorizam a dimensão simbólica da escolarização, até estudos que abordam as estratégias que estão ligadas a socialização e construções identitárias (ZAGO, 2008).

Os estudos que abordam as estratégias do ponto de vista utilitarista tiveram sua importância tendo em vista que mencionaram, além da origem social e profissional dos pais, variáveis antes não observadas nos estudos de relação família-escola: “o local de habitação e integração social, as práticas de sociabilidade familiar, a trajetória profissional e social dos pais, entre outras” (ZAGO, 2008, p. 7). Por outro lado, sofreram críticas tendo em vista que as práticas familiares não se esgotam na ampliação das chances de sucesso escolar e mobilização ou reprodução social (ZAGO, 2008; VAN ZANTEN, 1996). A importância que é dada pelos jovens e suas famílias à escolarização, para além de condições necessárias para atingir o sucesso escolar, abarcando estratégias de identidade, pode ser observada empiricamente segundo Zago (2008).

É importante ressaltar que apesar de reconhecer amplamente a existência de múltiplas finalidades dadas à escola pelas famílias e, conseqüentemente, os diversos tipos de ações que elas mobilizam, o recorte desta pesquisa se dá no mapeamento das ações das famílias que estão diretamente ligadas ao processo de formação escolar, como interações com as escolas, maneiras de lidar com os estudos dos jovens e seus comportamentos na escola e ações ligadas a próximas etapas da formação escolar dos jovens. Também é necessário pontuar que, independentemente das ações familiares mapeadas, não representam a totalidade de ações e nem toda a complexidade inerente às ações individuais das famílias frente aos processos de escolarização dos jovens.

Bernard Lahire aponta em seu livro “*Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*” (1997) algumas das estratégias adotadas por pais que criam condições mais favoráveis à escolarização. Ele mostra que, apesar das condições econômicas desfavoráveis, em algumas famílias há sucesso escolar dos jovens em detrimento de outras, a partir de estratégias familiares (conjugadas a dinâmicas escolares como, por exemplo, estímulo de professores)

como acompanhamento das atividades escolares, estímulo e valorização de aquisição de habilidades como a de leitura (LAHIRE, 1997).

Ainda que o estudo de Lahire seja extremamente importante para a Educação, pelo seu nível de complexidade e pelas contribuições que trouxe para uma nova maneira de a Sociologia da Educação ao analisar a relação família-escola, seu argumento gira em torno das estratégias e dos “possíveis sociais” que, em conjunto, fazem com que haja ou não transmissão do capital cultural incorporado (*habitus*) familiar/de classe para o jovem. Dessa maneira, ainda há influência bourdieusiana, apesar de considerar a heterogeneidade familiar e a inserção efetiva da família na escolarização dos filhos, apontando para possibilidade de existência de “casos improváveis” de sucesso escolar e o que pode ter levado a ele.

É conhecida na sociologia da educação a influência que as ações familiares exercem sobre o desempenho estudantil. Segundo Alves (2010), em pesquisa realizada em Belo Horizonte, Minas Gerais, atitudes como monitoramento da vida escolar, reforço positivo, elaboração de altas expectativas e participação na escola são fatores que tendem a estar associados ao alto desempenho escolar. No caso do monitoramento da vida escolar, a autora destaca a preocupação da família em acompanhar ativamente a trajetória escolar da criança/jovem, de maneira a mobilizar cobranças referentes à realização das atividades escolares bem como os resultados educacionais, inclusive questionando a ação docente. O reforço positivo está associado a cobranças de notas mais altas, de maneira a estimular a melhoria dos resultados. As altas expectativas estão associadas à confiança que os familiares possuem nos resultados educacionais da criança/jovem, gerando inclusive uma cobrança por parte do próprio estudante sobre os seus resultados.

Associado às atitudes descritas, Alves (2010) destaca investimentos que são realizados por famílias de estudantes de alto desempenho. Dentre eles encontra-se o pagamento de cursinhos preparatórios para o Colégio Militar (embora diga que isso seja pouco frequente de forma geral) e outras atividades extraescolares como cursos de computação, inglês e, até mesmo, atividades esportivas como natação. Por outro lado, no “grupo de baixo desempenho, estão mais presentes famílias que têm um estilo *laissez-faire*, ou seja, os pais interferem pouco na vida escolar do filho, ou então atribuem o sucesso ou fracasso escolar às próprias atitudes dele.” (ALVES, 2010, p. 289). Nesse caso, destacam-se práticas como o ato de confiar na escola, delegando ao espaço escolar as possibilidades de promoção de sucesso educacional.

No que se refere às expectativas de futuro, há, segundo Alves (2010), uma relação entre desempenho e tipo de expectativa. Famílias que possuem filhos de alto desempenho escolar tendem a construir expectativas que visem a continuidade dos estudos, sem que a inserção no

mercado de trabalho seja uma possibilidade até o fim de uma etapa educativa (em geral, o Ensino Superior), ao passo que famílias que possuem filhos de mais baixo desempenho tendem a almejar um futuro para os filhos associado ao mercado de trabalho, mesmo que a escola ainda permaneça nas expectativas. Independentemente das diferenças entre as famílias, já há consenso que a mobilização familiar frente aos processos de escolarização está ligada à construção de expectativas de futuro que, por mais que se limitem a condições objetivas, quase sempre estão ligadas à superação das condições sociais dos pais (ZAGO, 1998). Dentre as condições objetivas, destaca-se não apenas a estrutura de classes, mas, também a percepção familiar sobre a qualidade da escola e o desempenho das crianças/jovens. Um dos limites da pesquisa de Alves (2010) é que não é claro se a expectativa de continuidade dos estudos influenciaria no desempenho ou se é o desempenho que influencia na expectativa.

Alves (2010) destaca a influência da escolaridade dos pais na construção de expectativas, apontando que “todos os pais expressam grandes expectativas a respeito do futuro dos filhos, mas isso é modulado pelas condições econômicas e pelos recursos culturais, mais especificamente a escolaridade dos pais” (p. 290).

Para além das diferenças de ações familiares na mesma classe social influenciadas por variáveis como estrutura da família (composição e tamanho) e escolaridade, existem outras diferenças que não são tão facilmente explicadas, como a mobilização de estratégias de escolarização diferentes se tratando de pais com mesmo nível de escolaridade ou níveis de escolaridade diferentes e estratégias semelhantes (RESENDE, 2012). E de forma alinhada com o argumento desta dissertação, no interior das camadas populares, “nas ações cotidianas em relação à escolarização dos filhos, percebe-se, em algumas delas, uma identificação com as classes médias superiores, no sentido de valorização da formação escolar” (ALVES, 2010, p. 293).

Segundo pesquisa de Araújo e Campos (2012), que utilizou dados do município de Pocinhos, na Paraíba, 52,9% dos pais de camadas populares participantes da investigação verificam se o estudante teve tarefas escolares passadas para casa, 53% dos pais entrevistados afirmam ajudar seus filhos com as tarefas de casa frequentemente e 52,9% dizem acompanhar os boletins. É interessante ressaltar nesse trabalho que, apesar da diferença (já conhecida) entre pais mais escolarizados e menos escolarizados, a maioria diz mobilizar algum tipo de ação. Alguns pais dizem que, se necessário, pedem ajuda de irmãos mais velhos da criança para a auxiliar nas tarefas escolares. Interessante notar, também, que a escola aparece, segundo Araújo e Campos (2012), como lugar fundamental para inserção no mercado de trabalho e as famílias

mobilizam estratégias que, nas suas percepções, são relevantes para garantir o que consideram um bom rendimento escolar, de maneira a atender as expectativas acerca do futuro dos filhos.

Dentre as atividades escolares estudadas como elo importante entre escola e família encontra-se o dever de casa. A literatura científica aponta que há famílias que valorizam os deveres de casa, havendo certo consenso sobre a percepção de sua importância no processo de escolarização (SILVA, 2012; RESENDE, 2006), inclusive considerando que uma escola que passa muitos deveres de casa é uma escola “forte” (SILVA, 2012). Cabe ressaltar que o fato de haver quase uma unanimidade familiar em relação à legitimação dos deveres de casa não exclui as desigualdades existentes no que concerne a esse aspecto, tendo em vista que muitas condições socioculturais das famílias tendem a gerar diferenças associadas ao acompanhamento dos deveres de casa (RESENDE, 2012).

Segundo Resende (2012), aspectos objetivos como condições culturais e materiais dos pais limitam as ações. Essas limitações geram sofrimento a partir do momento em que as famílias consideram a escolaridade, os deveres de casa e o acompanhamento parental como *valores*, já que “as famílias em questão nem sempre encontram, em suas dinâmicas internas, os recursos necessários para corresponder a eles de modo satisfatório” (RESENDE, 2012, p. 163).

Resende (2012) ressalta que é importante destacar essas limitações das camadas populares tendo em vista que o argumento da “omissão parental” ainda é utilizado por educadores, que por vezes delegam a responsabilidade dos baixos resultados dos estudantes para os próprios e/ou para seus pais. Na visão de uma professora da escola que atende camadas populares na pesquisa feita por Resende (2012) as famílias “não estão nem aí” (RESENDE, 2012). Porém, Resende (2012) aponta em seus resultados que esse argumento é contrariado à medida que as famílias de camadas populares investigadas atribuem importância ao dever de casa e à escolaridade dos filhos.

Segundo a autora, “apesar da baixa escolaridade, (...) a maior parte dos pais participantes da pesquisa [10 famílias de camadas populares foram investigadas] (...) afirmava acionar as estratégias que estavam ao seu alcance para acompanhar os deveres dos filhos.” (RESENDE, 2012, p. 167). Dentre as ações mobilizadas na pesquisa de Resende (2012), as famílias de camadas populares faziam com mais frequência as seguintes práticas: lembrar a criança do dever de casa e assegurar que o faça, verificar se os deveres estão completos, exigir capricho e organização nos trabalhos e conferir o dever depois de pronto e sugerir correções. Essa pesquisa mostra, portanto que, apesar das limitações objetivas dadas pela escolaridade dos pais de camadas populares, ações são mobilizadas dentro do que veem como possível de maneira a

promover o que consideram a melhor educação para os seus filhos, o que corrobora com o argumento desta dissertação.

Resende (2006), usando dados de Belo Horizonte, mostra que apenas uma mãe dentre as entrevistadas, com filho em escola pública (2% das respostas) delegou toda a responsabilidade de acompanhar o dever de casa à escola, ao passo que a grande maioria alegou ser também responsabilidade da família acompanhar as tarefas deixadas para casa, o que aponta novamente a legitimação que as famílias (independentemente de posição social) têm dado, nas pesquisas brasileiras, aos deveres de casa e ao acompanhamento familiar de sua realização pelos estudantes.

Percebe-se, portanto, que se reconhece na literatura mais recente da Sociologia da Educação (o contrário da tendência predominante das décadas de 60 e 70) as possibilidades de construção de ações familiares frente aos processos de escolarização, a partir de diferentes finalidades de acordo com a classe social ou no interior da mesma classe. As pesquisas que foram descritas até aqui, que seguem essa tendência, não negam a existência das estruturas sociais/condições objetivas que influenciam nas ações, mas ao mesmo tempo não a consideram determinantes nas trajetórias individuais e esta pesquisa de mestrado segue esse mesmo sentido. Assim, se pretende mapear ações efetivamente mobilizadas pelas famílias de camadas populares associadas à educação escolar de seus filhos, bem como o lugar das escolas na construção das trajetórias, o que ainda é relativamente pouco estudado/mapeado na literatura acerca de relações mais intrínsecas entre as instituições.

As famílias atuam na construção das trajetórias dos filhos, sem que haja determinismos sociais, seja via construção de comportamentos enquadrados pela sociedade organizada em classes sociais (pressões de “fora para dentro”) ou do capital cultural incorporado possivelmente transmitido há gerações na família (pressões de “dentro para fora”).

A partir do que foi e o que ainda será exposto, meu argumento central vai no sentido de que há influência das condições objetivas presentes na sociedade, mas não há determinismo social nas ações das famílias e na realização escolar dos jovens (BOUDON, 1995; CASTRO e TAVARES JÚNIOR, 2016). Mesmo que se reconheça a existência da estrutura de classes, as famílias e escolas mobilizam ações que, em conjunto, podem ampliar ou reduzir as chances de sucesso escolar dos jovens estudantes.

A seguir, estão apresentadas informações acerca dos estudos sobre Eficácia Escolar que, em complemento com os estudos sobre ações familiares, compõem o argumento da pesquisa.

1.2. Organizações escolares e suas ações didáticas

É importante frisar que esta pesquisa, apesar de pretender investigar as ações das famílias nos meios populares e dar ênfase ao seu espaço de agência (BOUDON, 1995) face aos processos de escolarização dos jovens, também aponta para o fato de que as escolas também são fundamentais para as trajetórias escolares, já que estudos sobre eficácia escolar, notadamente sobre efeito escola (BROOKE e SOARES, 2008; ALVES, 2010; CRAHAY e BAYE, 2013) apontam para o espaço de atuação que as escolas efetivamente possuem na escolarização dos estudantes e na redução (ou ampliação) dos efeitos da origem social das famílias sobre os desempenhos e trajetórias.

O campo de estudos da Eficácia Escolar surge juntamente com os estudos microssociológicos após a década de 70, de maneira a demonstrar que o nível socioeconômico das famílias, apesar de influenciar, não é determinante sobre os desempenhos escolares. No Brasil, os estudos de Eficácia Escolar se ampliaram a partir de 1990, “quando o Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), do Ministério da Educação, passou a disponibilizar dados produzidos pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB).” (ALVES e SOARES, 2007, p. 28). Já era sabido que a origem social possuía um efeito sobre os desempenhos escolares, mas os primeiros estudos de efeito-escola no Brasil mostraram que “a proporção da variação nos resultados escolares associada às escolas é muito maior do que os valores usualmente encontrados nas pesquisas realizadas nos países desenvolvidos” (ALVES e SOARES, 2007, p. 28) apontando para o fato de que haveria diferenças nas práticas escolares que ajudassem a explicar as diferenças de resultados educacionais, para além das origens sociais dos estudantes.

Estudos realizados no Brasil mostram que a escola faz diferença a partir da mobilização de ações que vão desde práticas escolares como um todo (considerando aspectos de gestão e outros mais abrangentes) até fatores ligados ao efeito das turmas e dos professores (BARBOSA e FERNANDES, 2001). Sabe-se que práticas escolares como gestão escolar participativa, professor eficaz (que otimiza o tempo de sala de aula, que possui altas expectativas sobre seus alunos e que foca seu trabalho em fatores estritamente pedagógicos) e clima escolar positivo (referente ao ambiente escolar em que as regras são respeitadas, bem como as metas estabelecidas, havendo participação de todos) tendem a criar um cenário favorável para a aprendizagem escolar (BROOKE e SOARES, 2008). Dentre outros fatores, a organização da turma também tem sido vista como importante. A prática de criação de turmas com base em critérios de habilidade tem se caracterizado como sendo fortalecedora da estratificação

intraescolar, de maneira a não favorecer alunos de baixo desempenho (em geral, de menor nível socioeconômico), podendo gerar um cenário de evitação por parte dos professores de turmas vistas como “piores”, sobre as quais eles constroem baixas expectativas, o que pode limitar o currículo em comparação com as turmas vistas como “melhores”. “As escolas estabelecem objetivos bem mais singelos para as turmas com nível mais baixo, sem perspectiva de alcançar alguma equidade.” (ALVES e SOARES, 2007, p. 47).

Outro debate que permeia o campo da Eficácia Escolar é a organização de turnos escolares. No Rio de Janeiro, Bartholo e Costa (2014) mostram que há uma espécie de *tracking* informal, já que os estudantes são alocados em turnos especialmente por conta de seu percurso escolar progressivo, fazendo com que haja alocação de alunos com características semelhantes, alocando estudantes que se assemelham em variáveis como cor, desempenho e defasagem idade-série em turnos iguais, sendo que

há fortes indícios de que agrupar alunos com características específicas pode impactar a forma como eles são tratados nas escolas, assim como a qualidade do ensino, os níveis gerais de desempenho e as probabilidades de acesso ao ensino superior (BARTHOLO e COSTA, 2014, p. 673)

A burocracia escolar do sistema educacional do município do Rio de Janeiro controla, exclusivamente, os critérios e mecanismos de alocação de jovens em turnos. Em linhas gerais, ela controla a produção e reprodução das vantagens e desvantagens sociais que podem ser geradas com a divisão de uma escola em turnos.

Os estudos sobre efeito das escolas ganham importância no Brasil na medida em que ajudam a explicar a diferença entre os resultados escolares (mesmo que não encerrem em si todas as explicações para os desempenhos escolares) e na medida em que “em geral há muito maior variação no nível das salas de aula do que no nível das escolas” (ALVES e SOARES, 2007, p. 46).

Como vimos até aqui, tanto escolas quanto famílias podem se inserir ativamente na construção das trajetórias estudantis, portanto, pretende-se discutir de que maneira as famílias de camadas populares vêm se inserindo nas relações com as escolas no Rio de Janeiro de maneira a compreender quais ações são mobilizadas (e como são mobilizadas) pelas famílias frente às práticas escolares, delineando as trajetórias das crianças e jovens matriculadas da rede municipal de educação do Rio de Janeiro.

Como os jovens pertencentes às famílias pesquisadas neste trabalho estiveram ou estão matriculados na rede municipal de educação do Rio de Janeiro, é necessário caracterizar esse sistema, em termos de composição e organização, procedimentos de matrícula, estratificação escolar e formas de acesso.

CAPÍTULO 2: O SISTEMA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

Este capítulo visa descrever como é organizado o sistema de educação do município do Rio de Janeiro e como se dá o acesso a ele. Apresentaremos como ocorre a organização das escolas no sistema, os procedimentos de matrícula, a estratificação interna e suas consequências no acesso.

2.1. Composição do sistema

Nesta seção será descrita a estrutura do sistema de educação da rede municipal do Rio de Janeiro, para que seja possível compreender, posteriormente, como se dá o acesso à rede.

As escolas municipais do Rio de Janeiro oferecem o Ensino Fundamental aos alunos distribuídos por toda a capital. O sistema municipal de educação do Rio de Janeiro possui sua administração conduzida pelas Coordenadorias Regionais de Ensino (CRE's) que, no total, são 11. Cada CRE é responsável por uma região específica do município e, portanto, pelas escolas ali inseridas. Essas escolas são organizadas em grupos e, nesses grupos (chamados de polos), as escolas ficam na mesma região geográfica. Os polos possuem entre dez e quinze escolas, sendo algumas só de primeiro segmento ou anos iniciais (1° ao 5° ano), outras que possuem somente o segundo segmento ou anos finais (6° ao 9° ano) e algumas que possuem os dois segmentos⁷ (ROSISTOLATO, PIRES DO PRADO e COSTA, 2014; KOSLINSKI e CARVALHO, 2015).

A seguir, apresentaremos como se dá o procedimento de matrícula da rede municipal do Rio de Janeiro, a estratificação interna e consequências da estratificação para o acesso ao sistema.

2.2. Acesso ao sistema

Nesta seção abordaremos as mudanças que ocorreram nos últimos anos nos procedimentos de matrícula à rede municipal de educação do Rio de Janeiro.

Como existem escolas de cada polo que possuem apenas o primeiro segmento do Ensino Fundamental, nessas escolas, ao fim dessa etapa, os estudantes passam pelo processo de

⁷ Há, ainda, escolas que possuem até o 6° ano do Ensino Fundamental.

remanejamento, que consiste na alocação desses alunos em escolas que possuam segundo segmento (ROSISTOLATO, PIRES DO PRADO e COSTA, 2012; ROSISTOLATO, PIRES DO PRADO e COSTA, 2014; ROSISTOLATO, PIRES DO PRADO, KOSLINSKI, CARVALHO e MOREIRA, 2016).

Esse processo de alocação de alunos em escolas de segundo segmento passou por mudanças em 2010 (SOUZA, 2018). Até 2009, os pais, no período do remanejamento, deveriam preencher uma lista com três opções de escolas, em ordem de preferência. As escolas deveriam ser do mesmo polo do estabelecimento escolar em que o aluno estivesse matriculado. Dessa maneira, as escolas de primeiro segmento, em reunião com as escolas de segundo segmento, distribuía os alunos entre as escolas (COSTA e KOSLINSKI, 2012). Posteriormente, havia o preenchimento de vagas remanescentes a partir de um sistema *online* e todas as escolas do mesmo polo se reuniam em um só lugar para atender as pessoas interessadas nas vagas (COSTA e KOSLINSKI, 2012). O terceiro momento possível para realização da matrícula era diretamente na escola, podendo a direção matricular diretamente os alunos em vagas que podiam não ter sido oferecidas nas duas fases anteriores (KOSLINSKI e CARVALHO, 2015). Por último, havia as transferências de alunos entre as escolas ao longo do ano letivo. Nesse caso, a matrícula também era feita na própria escola desejada.

A partir de 2010, algumas regras foram modificadas. O procedimento de matrícula no início do ano letivo que levava à migração de alunos de escolas de primeiro segmento para escolas de segundo segmento também passou a ser realizado pela internet, a partir da Matrícula Digital, com o preenchimento digital de uma lista, que poderia conter de três a cinco escolas da preferência dos pais, juntamente com outras informações como dados da escola de origem, local de moradia, último ano cursado, idade do estudante, dentre outros fatores (SOUZA, 2018); é importante ressaltar que a regra estabelece que deve ser feito um sorteio entre os alunos e também prioridades para alocação de um aluno em detrimento do outro em caso de haver mais de um aluno concorrendo a uma mesma vaga⁸ (KOSLINSKI e CARVALHO, 2015). Essa lista de prioridades também sofreu alteração ao longo dos anos. Até 2010

Candidatos com irmãos participando do processo, candidatos oriundos de abrigos, responsáveis com filhos matriculados em unidade escolar que ofereça Educação de Jovens e Adultos, filhos de mãe adolescente não eram considerados prioridades. Além disso, o item referente aos estudantes com deficiência passou a abranger também os candidatos com transtornos globais do desenvolvimento como prioridade. A partir de 2010, filhos de funcionários que trabalham na unidade escolar cujo estudante pretende estudar, deixam de ter prioridade no acesso às vagas (SOUZA, 2018, p. 13)

⁸ as prioridades incluem candidatos com deficiências, que possuem irmãos matriculados na escola em que a vaga é pleiteada, filhos de servidores da escola, filhos adotivos e candidatos de orfanatos. (KOSLINSKI e CARVALHO, 2015)

Essas mudanças são mostradas no quadro comparativo a seguir, extraído de Souza (2018):

Tabela 1 – Lista de prioridades para matrícula na rede municipal de educação do Rio de Janeiro em 2010 e após esse ano.

Lista de prioridades até 2010	Lista de prioridades depois de 2010
a) Candidatos com deficiências; b) Candidatos que possuam irmãos frequentando a Unidade Escolar procurada; c) Filhos de servidores lotados na Unidade Escolar procurada; d) Filhos adotivos amparados pela Lei Municipal nº 2.210 de 21/07/1994; e) Candidatos oriundos de orfanatos. (Portaria E/SUBG/CP nº 24, de 22 de outubro de 2010, art. 7º)	a) candidatos com deficiência e/ou transtornos globais do desenvolvimento; b) candidatos que possuam irmãos frequentando a Unidade Escolar procurada; c) candidatos que possuam irmãos participando do processo; d) candidatos oriundos de abrigos; e) candidatos oriundos de orfanatos; f) filhos adotivos amparados pela Lei Municipal n.º 2.210 de 21/07/1994 g) responsáveis com filhos matriculados em unidade escolar que ofereça Educação de Jovens e Adultos; h) filhos de mãe adolescente. (Resolução SME nº 1428, de 24 de outubro de 2016, art. 13º)

As famílias que entrevistamos são de jovens que estavam/estão matriculados em escolas públicas municipais de segundo segmento do ensino fundamental no Rio de Janeiro. Como a rede municipal de educação do Rio de Janeiro é estratificada, no sentido de que há escolas municipais de diferentes prestígios e desempenhos (COSTA, 2008), isso influenciou diretamente no acesso das famílias investigadas nesta pesquisa à rede municipal de educação do Rio de Janeiro em 2013. Essa estratificação interna cria disputas de famílias por vagas nas escolas, criando o que tem sido chamado na literatura brasileira de quase-mercado oculto (COSTA e KOSLINSKI, 2011, 2012). “Quase” porque não é um mercado propriamente já que as escolas públicas (oferta) não tem lucro como objetivo e as famílias dos estudantes (demanda) não compram vagas com dinheiro; “oculto” pois o quase-mercado do Rio de Janeiro não é regulamentado, como ocorre em países como o Chile (LE GRAND, 1991).

As famílias investigadas nesta pesquisa se inseriram, de 2012 para 2013 na disputa por vagas nas escolas de interesse no quase-mercado oculto carioca e escolheram e acessaram as

escolas a partir de estratégias mapeadas em Rosistolato, Pires do Prado e Costa (2014). Dessa forma, o objetivo desta pesquisa de mestrado é compreender o que aconteceu com esses estudantes em termos de trajetórias escolares, de maneira a interpretá-las a partir das ações familiares mobilizadas pelas famílias desde o ano do acesso (2013) até o ano em que, em tese, os estudantes estariam saindo da rede municipal de educação por finalizar os estudos nos anos finais do Ensino Fundamental (2016/2017).

A partir das informações que permeiam os procedimentos de escolha, acesso e permanência, focalizando nas relações família-escola, é que construímos esta dissertação de mestrado. A seguir, se encontra a metodologia deste trabalho, incluindo modelo de análise proposto.

CAPÍTULO 3: METODOLOGIA

Inicialmente, selecionamos 12 famílias dentre as 52 entrevistadas em 2013. Esses 12 casos, em tese, deveriam estar organizados a partir das tipologias de acesso⁹ utilizadas em 2013.

Porém, enfrentamos dificuldades de entrar em contato com as famílias. Inicialmente não obtivemos sucesso, nas tentativas por telefone, de marcar entrevista com nenhuma das 12 famílias a partir dos telefones que tínhamos da pesquisa de 2013.

Tendo em vista esse cenário, tivemos que entrar em contato com o máximo de casos que fosse possível, abrindo mão, inicialmente, da prioridade pelos 12 casos organizados a partir das tipologias de acesso às escolas de segundo segmento.

Mesmo com contatos mais atualizados (obtidos a partir do banco de dados da Secretaria Municipal de Educação - SME), ainda assim o sucesso de contato telefônico estava baixo, dentre recusas e insucessos nas ligações. Decidimos, portanto, não insistir nos contatos por telefone e, ao invés disso, ir diretamente aos endereços, a partir de dados de endereço da pesquisa de 2013 e dos bancos de dados da Secretaria Municipal de Educação. Objetivamente, após tentativa de entrevista em 25 residências, verificamos que 6 famílias se mudaram e/ou deixaram de trabalhar no local dado como endereço¹⁰. Mas foi a partir da ida às residências que conseguimos 9 das 10 entrevistas feitas, sendo duas integrantes da amostra inicial de 12 famílias.

Tivemos, portanto, uma amostra intencional, causando inevitavelmente um viés de seleção. Isso porque o critério prioritário de seleção dos casos para entrevistas passou a ser o sucesso na marcação da mesma.

No total, esta pesquisa investigou 10 casos, sendo seis na zona norte e quatro na zona sul do Rio de Janeiro. Essa escolha de regiões foi realizada porque as zonas norte e sul do Rio de Janeiro são regiões populosas, socioeconomicamente diversas e apresentam concentração de escolas municipais que se diferenciam por seus desempenhos nas avaliações nacionais e

⁹ As tipologias de acesso são três: acesso com uso exclusivo da burocracia municipal, acesso com relações pessoais na burocracia municipal e acesso utilizando exclusivamente relações pessoais fora da burocracia municipal. Cada tipologia é descrita em Rosistolato e Pires do Prado (2013).

¹⁰ Das seis famílias que soubemos que se mudaram (por meio de alguém que conhecia a família no endereço), duas colocaram nas escolas endereços de referência que na verdade eram de seus trabalhos e não de seus locais de moradia e, na verdade, não trabalham mais no local segundo os antigos patrões. Das seis mudanças, cinco foram na zona sul. Obtivemos esse dado a partir da pesquisa de campo.

regionais em larga escala; é importante lembrar, também, que esta pesquisa é continuidade de investigação anterior, que também teve como recorte regional as zonas sul e norte do Rio de Janeiro, pelas mesmas justificativas.

Nas duas regiões mencionadas, zona sul e zona norte, duas CRE's foram selecionadas para a pesquisa: segunda¹¹ e quarta¹². Apresentaremos, a seguir, uma tabela¹³ com todas as escolas citadas na pesquisa para conhecimento do tipo de administração, séries oferecidas e quantidade de alunos atendidos.

Tabela 2: Caracterização das escolas mencionadas na pesquisa

Escola	Administração	Séries oferecidas	Quantidade de alunos atendidos
Escola Municipal ZS1¹⁴	Municipal	Pré-escola, 1º ao 6º ano do Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Educação especial	Pré-escola: 44 Anos iniciais: 342 Anos finais: 50 EJA: 140 Educação especial: 25

¹¹A 2ª CRE tem 146 escolas nas seguintes regiões da cidade: Tijuca. Jardim Botânico. Vidigal. Urca. Praça da Bandeira. Grajaú - Morro Nova Divinéia. Andaraí - Jamelão. Tijuca - Comunidade Chacrinha. Humaitá. Tijuca - Andaraí. Andaraí. Botafogo. Cosme Velho. Rocinha. Leblon. Vila Isabel. São Conrado. Copacabana. Ipanema. Grajaú. Praça Da Bandeira. Usina. Glória. Alto da Boa Vista. Laranjeiras. Gávea. Flamengo. Andaraí - Morro do Andaraí. Maracanã. Copacabana - Morro dos Cabritos. Leme. Rio Comprido. Catete. Lagoa. Praia Vermelha. Alto Boa Vista.

¹²A 4ª CRE tem 145 escolas nas seguintes regiões da cidade: Ramos. PENHA. Vila do João/Maré. Vigário Geral. Bonsucesso (maré). Olaria. Bonsucesso - Maré. Manguinhos. Praça Do Carmo/Penha. Penha Circular. Penha Circular. Penha. Bonsucesso. Cordovil. Benfica. Manguinhos - Bonsucesso. Brás de Pina. Ilha do Governador. Bonsucesso. Vila Da Penha. Parada de Lucas. Jardim América

¹³ Dados baseados no QEdU.org.br, referentes a 2017. No que se refere à escola federal e a escola técnica, os dados foram extraídos dos sites das respectivas instituições.

¹⁴ Usamos nomes fictícios para escolas que poderiam se comprometer de alguma forma com os dados apresentados. A terminação “ZS” é referente a escolas da zona sul e “ZN” às da zona norte. Os nomes iniciados em “Escola Municipal” representam escolas que oferecem o Ensino Fundamental e os nomes iniciados em “Colégio Estadual” representam escolas que oferecem o Ensino Médio; também foram citadas, nas entrevistas, escolas privadas, técnica e federal, com nomes fictícios iniciados em “Escola Particular”, “Colégio Técnico” e “Colégio Federal”, respectivamente.

Escola ZS2	Municipal	Municipal	1º ao 9º ano do Ensino Fundamental e Educação Especial	Anos iniciais: 227 Anos finais: 499 Educação Especial: 7
Escola ZS3	Municipal	Municipal	1º ano do Ensino Fundamental, 6º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial	Anos iniciais: 11 Anos finais: 270 EJA: 102 Educação Especial: 21
Escola ZS4	Municipal	Municipal	Pré-escola, 1º ao 6º ano do Ensino Fundamental e Educação Especial	Pré-Escola: 113 Anos iniciais: 174 Anos finais: 24 Educação Especial: 9
Escola ZS5	Municipal	Municipal	Escola desconhecida (família entrevistada não sabia o nome da escola)	-
Escola ZS6	Municipal	Municipal	Pré-escola, 1º ao 6º ano do Ensino Fundamental e Educação Especial	Pré-Escola: 69 Anos iniciais: 172 Anos finais: 28 Educação Especial: 8
Escola ZS7	Municipal	Municipal	1º ao 9º ano do Ensino Fundamental e Educação Especial	Anos iniciais: 180 Anos finais: 418 Educação Especial: 4
Escola ZS8	Municipal	Municipal	Pré-Escola, 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental e Educação Especial	Pré-Escola: 46 Anos iniciais: 179 Educação Especial: 11
Colégio Estadual ZS1		Estadual	1º ao 3º ano do Ensino Médio e Educação Especial	Ensino Médio: 855 Educação Especial: 11

Colégio Estadual ZS2	Estadual	1º ao 3º ano do Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos	Ensino Médio: 958 EJA: 46
Colégio Estadual ZS3	Estadual	1º ao 3º ano do Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial	Ensino Médio: 1674 EJA: 225 Educação Especial: 20
Colégio Estadual ZS4	Estadual	1º ao 3º ano do Ensino Médio e Educação Especial	Ensino Médio: 529 Educação Especial: 3
Colégio Particular ZS1	Privada	Ensino Fundamental e Ensino Médio	Dados não encontrados
Colégio Particular ZS2	Privada	Dados não encontrados	Dados não encontrados
Escola Municipal ZN1	Municipal	Pré-escola, 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental e Educação Especial	Pré-Escola: 25 Anos iniciais: 311 Educação especial: 47
Escola Municipal ZN2	Municipal	1º ao 5º ano do Ensino Fundamental e Educação Especial	Anos iniciais: 263 Educação Especial: 3
Escola Municipal ZN3	Municipal	1º ao 6º ano do Ensino Fundamental e Educação Especial	Anos iniciais: 604 Anos finais: 104 Educação Especial: 5
Escola Municipal ZN4	Municipal	6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e Educação Especial	Anos finais: 376 Educação Especial: 8
Escola Municipal ZN5	Municipal	7º ao 9º ano do Ensino Fundamental e Educação Especial	Anos finais: 424 Educação Especial: 3
Escola Municipal ZN6	Municipal	6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e Educação Especial	Anos finais: 374 Educação Especial: 4

Escola ZN7	Municipal	Municipal	Creche, Pré-Escola e Educação Especial	Creche: 98 Pré-Escola: 247 Educação Especial: 1
Escola ZN8	Municipal	Municipal	Pré-escola, 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial	Pré-escola: 93 Anos iniciais: 538 EJA: 145 Educação Especial: 66
Escola ZN9	Municipal	Municipal	Escola desconhecida (família entrevistada não sabia o nome da escola)	-
Escola ZN10	Municipal	Municipal	Pré-escola, 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental e Educação Especial	Pré-Escola: 89 Anos iniciais: 310 Anos finais: 632 Educação Especial: 80
Escola ZN11	Municipal	Municipal	4º ao 9º ano do Ensino Fundamental e Educação Especial	Anos iniciais: 227 Anos finais: 707 Educação Especial: 10
Escola ZN12	Municipal	Municipal	Pré-escola, 1º ao 6º ano do Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial	Pré-Escola: 42 Anos iniciais: 254 Anos finais: 68 EJA: 82 Educação Especial: 41
Colégio ZN1	Estadual	Estadual	1º ao 3º ano do Ensino Médio e Educação Especial	Ensino Médio: 840 Educação Especial: 2
Colégio ZN2	Estadual	Estadual	1º ao 3º ano do Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial	Ensino Médio: 728 EJA: 329 Educação Especial: 9

Colégio ZN3	Estadual	Estadual	1º ao 3º ano do Ensino Médio e Educação Especial	Ensino Médio: 921 Educação Especial: 4
Colégio ZN4	Estadual	Estadual	1º ao 3º ano do Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial	Ensino Médio: 771 EJA: 61 Educação Especial: 2
Colégio ZN5	Estadual	Estadual	1º ao 3º ano do Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial	Ensino Médio: 1097 EJA: 144 Educação Especial: 11
Colégio ZN1	Particular	Privada	Dados não encontrados	Dados não encontrados
Colégio ZN2	Particular	Privada	Dados não encontrados	Dados não encontrados
Colégio Federal 1¹⁵		Federal	Na educação básica: Pré-escola, 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, Ensino Médio, PROEJA ¹⁶ e Ensino Médio Integrado	Pré-escola: 168 Anos iniciais: 2844 Anos finais: 4127 Ensino Médio: 4575 PROEJA: 528 Ensino Médio integrado: 474
Colégio Técnico 1		Estadual	Na educação básica: 1º ao 3º ano do Ensino Médio e	Dados não encontrados

¹⁵ Dados referentes ao ano de 2016 e extraídos do site da instituição. Os números se referem ao somatório do quantitativo de alunos de todas as unidades. Números referentes ao PROEJA e Ensino Médio integrado foram somados manualmente já que há mais de uma categoria de PROEJA e Ensino Médio integrado.

¹⁶ De acordo com o Portal do Ministério da Educação (MEC): “Originário do [Decreto nº. 5.478](#), de 24/06/2005, e denominado inicialmente como Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos, o Proeja foi uma decisão governamental de atender à demanda de jovens e adultos pela oferta de Educação Profissional Técnica de Nível Médio, da qual, em geral, são excluídos, bem como, em muitas situações, do próprio ensino médio.”

		Ensino Técnico	
		Profissionalizante	

Em termos de técnica, realizamos entrevistas em profundidade (orientadas por dois roteiros, que mesclam características de questionário) com as famílias dos estudantes¹⁷.

Os roteiros de entrevista estão organizados de maneira semelhante. Estão divididos em seções que tem como objetivos: descrever o perfil das famílias em termos de aspectos como escolaridade dos pais, cor/raça e ocupação, caracterizar como se deu a trajetória dos jovens nos anos finais do Ensino Fundamental (se houve mudança de turma, de turno, de escola, reprovações, dentre outros aspectos), avaliar as percepções sobre a escola, mapear as expectativas de continuidade dos estudos, as ações das escolas, dos estudantes e de suas famílias durante o processo de escolarização no segundo segmento do Ensino Fundamental e durante um possível processo de entrada dos jovens no Ensino Médio. Para esta dissertação interessaram especialmente as perguntas voltadas para caracterizar as trajetórias nos anos finais do Ensino Fundamental, as que medem as percepções sobre a escola, as ações das escolas e das famílias, de forma a dar conta das questões propostas.

Mais de um pesquisador esteve presente no dia das entrevistas, de forma a facilitar o trabalho, captar o máximo de informações possíveis e aumentar a validade e confiabilidade¹⁸ dos resultados.

Também foram utilizadas fichas cadastrais e históricos escolares dos estudantes obtidas junto à Secretaria Municipal de Educação, que ajudaram a mapear as trajetórias escolares nos anos finais do Ensino Fundamental, inclusive no que se refere a possíveis movimentos dos estudantes durante o Ensino Fundamental, como transferência de escola e abandono. Além disso, essas fichas ajudaram a compor os perfis das famílias junto com as entrevistas, com dados atualizados (até 2016 e, em alguns casos, antes desse ano) sobre escolaridade e ocupação dos pais.

¹⁷ Os estudantes também foram entrevistados mas, para esta dissertação, apenas utilizo entrevista com os pais. As falas que serão utilizadas dos jovens serão somente as obtidas a partir das interferências dos jovens nas entrevistas com os responsáveis.

¹⁸ Para detalhes sobre os conceitos de confiabilidade e validade, ver CANO (2005).

Os dados coletados foram analisados, as entrevistas foram sistematizadas, tomando como base um modelo de sistematização construído a partir do modelo de análise descrito a seguir, em que se mostra como se deu a operacionalização¹⁹ das variáveis analisadas.

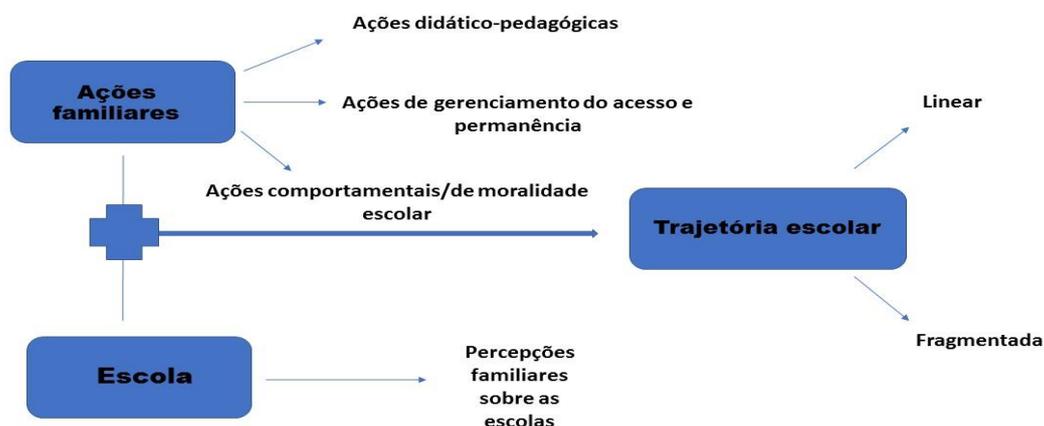


Figura única: Modelo de análise.

Foram usadas três categorias de ação familiar construídas a partir dos dados obtidos: **ações de gerenciamento de acesso e permanência**, que estão associadas a maneira pela qual as famílias gerenciam as trajetórias estudantis em termos de alocação em escolas e turnos; **ações didático-pedagógicas**, que são ações ligadas diretamente ao desempenho estudantil nas escolas, como auxílio nos deveres de casa e acompanhamento dos cadernos e demais materiais escolares; **ações comportamentais/de moralidade escolar**, que estão associadas a discursos mobilizados pelas famílias para a valorização da educação escolar, bem como as ações que visam um bom comportamento (na visão das famílias) na escola, em termos de disciplina. As *ações comportamentais/de moralidade escolar* incluem falas sobre importância da formação escolar, idas a reuniões para tratar questões de disciplina do aluno e também repreensões acerca de comportamentos vistos pelas famílias como indesejáveis no ambiente escolar. A seguir, disponibilizamos os dados da pesquisa bem como a análise realizada.

¹⁹ Para detalhes sobre operacionalização de conceitos, que visa, em linhas gerais, transformar conceitos não diretamente mensuráveis em variável(is) mensurável(is), ver CANO (2005) e QUIVY e CAMPENHOUDT (2005).

CAPÍTULO 4: TRAJETÓRIAS ESCOLARES E AÇÕES FAMILIARES

O objetivo desse capítulo é analisar os casos investigados demonstrando como eles permitiram a relativização da hipótese inicial do trabalho. No primeiro momento, pensávamos que haveria *trajetórias lineares* associadas a ações pragmáticas das famílias ligadas ao processo de formação escolar, como deveres de casa, cobranças por desempenho escolar, dentre outras e *trajetórias fragmentadas* associadas a um menor número dessas ações. A investigação revelou um conjunto de aspectos não previstos e permitiu que refinássemos nossa interpretação sobre as ações das famílias analisadas. Para apresentar os dados, descreveremos, em um primeiro momento, detalhadamente, cada caso investigado. Na sequência, no capítulo 5, apresentaremos uma tabela comparativa relacionando as famílias, suas ações e as trajetórias dos estudantes. Ao final, descreveremos as evidências que sustentam a relativização de nossa hipótese inicial.

4.1. As famílias e suas percepções sobre os estudantes

Apresentaremos, na sequência, os perfis das famílias investigadas, com dados das pessoas responsáveis pelas informações mapeadas nas entrevistas, bem como tipos de escolha e acesso às escolas de segundo segmento de Ensino Fundamental em 2013, expectativas acerca dos estudos dos jovens (os dados sobre tipologias de escolha e acesso às escolas e expectativas estão sintetizados na tabela 3) e percepções sobre os estudantes em 2013 e em 2017. O texto será dividido em zona sul e zona norte para possibilitar a comparação entre os casos da mesma região. No item 4.2, além da divisão regional, também dividiremos o texto em *trajetórias lineares* e *fragmentadas* para que possamos apresentar as ações mobilizadas pelas famílias inseridas em cada tipo de trajetória. Essas descrições possibilitarão que, no capítulo 5, comparemos os casos e testemos as hipóteses. Realizaremos uma descrição densa, inspirada em Geertz (2008) e no modelo descritivo utilizado por Lahire (1997). Por isso, cada família será descrita com referência a todos os dados que foram considerados centrais para as comparações e análises posteriores.

4.1.1. Zona Sul

Neste item apresentaremos os casos da zona sul: família de Jerônimo, família de Gabriele, família de Lara e família de Denilson para que no item 4.2 possamos descrever as trajetórias desses estudantes e as ações de suas famílias e, no capítulo 5, comparar os casos e interpretar as trajetórias a partir das ações familiares mobilizadas.

4.1.1.1. Família do Jerônimo²⁰

A família é moradora da zona sul do Rio de Janeiro e a entrevistada foi a mãe de Jerônimo, dona Teodósia, na varanda de sua residência, em uma terceira tentativa de ida na casa, localizada em um prédio em uma galeria comercial. A mãe tem 38 anos, é divorciada, branca, católica e trabalha como técnica de enfermagem (funcionária pública). Seu nível de escolaridade é o Ensino Médio completo (fez o curso técnico em conjunto com o Ensino Médio).

Em 2013, a escolha da escola de Jerônimo (Escola Municipal ZS2²¹) por dona Teodósia foi do tipo “escolha com relações pessoais externas à burocracia municipal”, que é uma escolha orientada por relações pessoais externas à burocracia educacional, como pessoas conhecidas, parentes e amigos que não estão inseridos em algum cargo ou função do sistema municipal de educação. O acesso de Jerônimo à escola de segundo segmento se deu via “acesso pela burocracia municipal”, que é quando a matrícula do jovem é realizada a partir de vias exclusivamente burocráticas, com preenchimento de uma lista de escolas *online* ou diretamente no estabelecimento escolar.

No momento da primeira entrevista, a mãe de Jerônimo disse que ele era um aluno bom e disciplinado e que ele chegaria até o Ensino Superior. Em 2017, dona Teodósia diz que ele é “uma criança obediente” e que é disciplinado. Segundo ela, nunca foi chamada na escola para tratar da disciplina do estudante e nem de outros assuntos mais específicos sobre o aluno.

A mãe de Jerônimo não quer que ele trabalhe durante o Ensino Médio e mantém a expectativa de que vai chegar até o Ensino Superior:

Pesquisador: E em relação a período...período escolar...até quando a senhora gostaria que ele estudasse? Primeiro ano do Ensino Médio, segundo ano do Ensino Médio? Técnicos, superior, pós graduação...?²²

Dona Teodósia: Superior...superior

Pesquisador: E até quando a senhora acha que de fato ele vai continuar estudando?

²⁰ Todos os nomes de estudantes e de seus responsáveis são fictícios. E ocultamos os nomes de professores, gestores, parentes, bairros em que ficam as escolas e pontos de referência mencionados nas entrevistas.

²² Foi cometido um erro metodológico neste momento tendo em vista que as opções não deveriam ser apresentadas logo em seguida à pergunta, apenas em caso de não resposta ou dúvida do entrevistado.

Dona Teodósia: Eu acho que ele vai fazer o superior

4.1.1.2. Família da Gabriele

A família é moradora da zona sul do Rio de Janeiro em um prédio no qual o pai de Gabriele é porteiro. Dona Laura, mãe da jovem, foi entrevistada em sua residência, após marcação por telefone. Ela tem 37 anos, solteira legalmente mas “mora junto” com o companheiro, branca, católica (e diz que gosta de frequentar a igreja evangélica), diarista e estudou até o 6º ano do Ensino Fundamental²³.

Em 2013, a escolha da escola de segundo segmento do Ensino Fundamental (Escola Municipal ZS2) de Gabriele se deu via “escolha dirigida”, que é quando a escola de primeiro segmento matricula a criança na escola de segundo segmento. O acesso à escola se deu pelo tipo “acesso pela burocracia municipal”.

No momento da primeira entrevista, a mãe de Gabriele a via como uma aluna muito boa e disciplinada e achava que sua filha chegaria ao Ensino Superior. Em 2017, a mãe diz que a filha tira boas notas e quer que ela chegue até o Ensino Superior, mas diz que não sabe de fato se ela vai chegar até lá pois é algo que não depende só dela [mãe], já que a filha também teria que decidir o que quer fazer:

Pesquisador: E até quando você gostaria que a Gabriele estudasse? Até o Ensino Médio? Até depois do Ensino Médio?

Dona Laura: Até quando ela decidir né...por ela mesma. Quer continuar, se tiver força e disposição...

Pesquisador: Mas até quando você acha que ela vai de fato chegar?

Dona Laura: Olha, aí são coisas que eu não sei te falar...

Por mim eu quero que ela termine, entre na faculdade e faça cursos, essas coisas. Mas também não depende só de mim né...

Diz que a filha quer trabalhar embora diga para ela esperar um pouco. O desejo que sua filha continue estudando está associado a inserção no mercado de trabalho e a ganhos financeiros:

Pesquisador: Mas você pretende que ela só estude a partir do ano que vem até chegar na faculdade como você disse, ou você quer que ela trabalhe junto ou alguma coisa assim?²⁴

²³ Na ficha cadastral disponibilizada pela prefeitura existe a informação de que ela fez o Ensino Fundamental completo. Há uma divergência, portanto.

²⁴ Aqui também ocorreu um erro metodológico por conta de apresentar uma possibilidade de resposta.

Dona Laura: Olha...eu quero...ela que vai decidir, né. Ela tá...ela já fala em trabalhar, só que eu falei pra ela esperar mais um pouquinho. Aí ela pretende, assim, arrumar um trabalho como menor aprendiz. Mas só pega com 16 anos.

Pesquisador: Mas por que você quer que ela continue estudando direto assim, até a faculdade?

Dona Laura: Ué...pra no futuro ela ter um trabalho melhor né...um trabalho que...ela possa trabalhar...pouco que ela ganhe um pouquinho melhor, pra ela ter as coisas dela, algo que eu não pude dar pra ela até hoje. Porque a gente não tem condições suficientes pra poder mantê-la. Assim...tem coisas caras. Vamos supor...curso, colégio particular, essas coisas. Só o básico mesmo. Ainda mais hoje...esses políticos que não ajudam ninguém.

4.1.1.3. Família da Lara

A família é moradora da zona sul do Rio de Janeiro, em um prédio no qual o pai de Lara é porteiro. Dona Luana, mãe de Lara, foi a entrevistada. Ela tem 36 anos, é casada, se identificou como sendo parda, católica e trabalha como diarista. Ela estudou até a “6ª série do segundo grau” segundo ela²⁵. Disse que tem vontade de voltar a estudar mas que com filho pequeno “é meio complicado”.

Em 2013, a escolha da escola de segundo segmento do Ensino Fundamental (Escola Municipal ZS7) se deu como “escolha com relações pessoais externas à burocracia municipal” e o acesso foi do tipo “acesso pela burocracia municipal”. No momento da primeira entrevista, dona Luana considerava a filha uma boa aluna e disciplinada, mas dizia que o nascimento do segundo filho tinha provocado mudanças de comportamento na filha. Dona Luana achava que a filha chegaria até a universidade. Em 2017, dona Luana diz que a filha é uma boa aluna, mas que é ruim em matemática. Sobre a disciplina, ela afirmou que Lara é boa, só que conversa muito, o que os professores chegavam a comentar em reunião, mas disse que nunca foi chamada na escola por questões de desempenho ou de disciplina de sua filha. A mãe de Lara diz que quer que a jovem continue estudando após o Ensino Fundamental e que faça uma faculdade; e acha que, de fato, a jovem vai chegar até a faculdade de veterinária. Dona Luana diz que quer que a jovem continue estudando e que faça o que ela [mãe] não conseguiu fazer. Para a mãe, a filha deve continuar estudando “para ser alguém na vida” e diz que isso tem ligação com conseguir um bom trabalho:

“eu não quero ela numa portaria e nem limpando casa de ninguém. Eu quero ela lá em cima...quero que ela estude muito pra que ela consiga um trabalho bom.”

Dona Luana disse que falou para a Lara: “estuda, estuda, porque se você não conseguir marido rico, você vai trabalhar na casa dos outros”.

²⁵ Entendemos que ela tenha intencionado dizer que estudou até a 6ª série do primeiro grau, o que seria Ensino Fundamental incompleto, o que é convergente com dados da ficha cadastral da SME.

4.1.1.4. Família do Denilson

A entrevista foi realizada em uma praça da favela em que mora a família do jovem, na zona sul do Rio de Janeiro. A entrevistada foi Dona Roberta, avó de Denilson. Ela tem 54 anos, se identificou como sendo solteira e preta (“pretinha” segundo ela). É evangélica da igreja “Deus e amor”.

A avó do jovem disse que está desempregada e que atua como dona de casa. A frequência na escola por parte dela não foi informada com exatidão, mas alegou ser analfabeta, e que só sabe assinar o próprio nome. Ela é responsável por todas as crianças (netos em sua maioria) que moram na casa com ela e disse que por isso não seria possível retornar os estudos: “meu pensamento é só nas crianças”.

Em 2013, a escolha da escola de segundo segmento de Denilson (Escola Municipal ZS5²⁶) se deu via “escolha dirigida” e o acesso foi do tipo “acesso pela burocracia municipal”. No momento da primeira entrevista, dona Roberta classificava Denilson como um bom aluno pois não havia do que reclamar dele. A expectativa era a de que Denilson chegasse “até o final”; não soube dizer o que era “final” e disse que achava que ele chegaria ao Ensino Médio. Em 2017, dona Roberta diz que seu neto é um bom aluno (embora não soubesse informar seus conceitos/notas na escola) e que raras são as vezes que foi chamada na escola por conta de comportamentos do jovem. Em relação à disciplina, disse que é um aluno “muito nervoso” mas só “se [alguém] se meter com ele”. Na Escola Municipal ZS5, dona Roberta disse que foi chamada uma vez por conta de brigas, alegando que nessa escola “tem um pessoal que gosta de juntar, gosta de bater”.

Dona Roberta afirmou que a diretora dizia que Denilson estava “arrumando briga na escola”, o que era questionado por ela: “é ele mesmo que tá arrumando briga na escola ou são os outros que querem arrumar briga com ele?”, perguntava ela à diretora. A expectativa da avó sobre o aluno em 2017 é a de que ele vai terminar os estudos, apesar de não dar certeza do que seria “terminar os estudos”. Ao longo da entrevista, dá a entender que “terminar os estudos” seria terminar o Ensino Médio, já que ela diz que o jovem já está terminando (e ele estava no Ensino Médio). Ela diz que prefere que o neto estude para depois trabalhar de maneira que, futuramente, ele consiga um trabalho melhor:

²⁶ A avó não soube identificar a escola, apenas seu bairro.

“Eu prefiro ele terminando o estudo todo. Porque ele terminando o estudo todo, vai chegar lá na frente e vai encontrar um trabalho melhor pra ele.” (Dona Roberta).

Ela prefere que ele trabalhe concomitantemente aos estudos caso ele consiga dar conta, mas frisa que seu desejo é que ele estude primeiro. Ao falar sobre isso, relembra sua vida profissional e suas dificuldades por conta do analfabetismo.

4.1.2. Zona Norte

Neste item, a exemplo do que fizemos para os casos da zona sul, apresentaremos os casos da zona norte: família da Giovana, família da Thais, família do Yam, família da Vanessa, família da Yara e família da Suelen para que, no item 4.2, possamos descrever as trajetórias desses estudantes e as ações de suas famílias e, no capítulo 5, comparar os casos e interpretar as trajetórias a partir das ações familiares mobilizadas.

4.1.2.1. Família de Giovana

A família reside em uma casa na zona norte do Rio de Janeiro. A entrevista foi feita na casa de Giovana, com a mãe dela, dona Angélica, em uma segunda visita à residência. Na primeira, a Giovana estava viajando.

A mãe de Giovana tem 50 anos, é solteira, parda e católica, não trabalha fora; disse que trabalha com produções de bolsas, envelopes e itens semelhantes em sua própria casa. A última série que concluiu foi a 6ª série (5º ano).²⁷

A escolha da escola em que Giovana foi matriculada após sair da escola de primeiro segmento (saiu da Escola Municipal ZN1 e foi para a Escola Municipal ZN3) se deu por “escolha dirigida” e o acesso foi do tipo “acesso pela burocracia municipal”.

Em 2013, a mãe de Giovana achava que sua filha era “muito disciplinada” e muito boa e achava que iria estudar até o Ensino Médio. Mencionava a faculdade, mas se a filha trabalhasse para isso. Achava importante terminar o Ensino Médio. Em 2017, para a mãe de Giovana, a filha é “muito disciplinada” na escola “porque é boa aluna...notas boas.” A expectativa de continuidade dos estudos em 2017 é que a Giovana faça faculdade, no curso que desejar. Dona Angélica diz que tem certeza que filha fará faculdade: “acho que ela vai fazer

²⁷ A ficha cadastral da SME aponta que ela fez o Ensino Fundamental completo, portanto, há uma divergência.

faculdade. Acho não, tenho certeza. A gente não pode achar...”. A mãe quer que sua filha continue estudando após o Ensino Fundamental e não quer que ela trabalhe. Mas diz que a jovem quer participar do programa Jovem Aprendiz²⁸. Insiste que não vê necessidade de a jovem trabalhar por enquanto e que não quer que ela continue o trabalho caso esteja atrapalhando os estudos. Diz que quer que a filha estude o que ela não estudou.

4.1.2.2. Família de Thais

A família mora em uma casa da zona norte do Rio de Janeiro, teve como representante, na entrevista, a mãe de Thais, dona Taissa. A entrevista se deu em sua residência e Thais se encontrava ao lado da mãe durante a entrevista. A mãe tem 36 anos, é solteira, negra (preta, quando solicitamos adequação nas categorias do IBGE), católica, não trabalha e tem Ensino Fundamental completo.

Em 2013, a mãe de Thais conseguiu matriculá-la na Escola Municipal ZN6 com escolha do tipo “escolha com relações pessoais na burocracia municipal”, que é quando a família utiliza, para orientar sua escolha, relações pessoais no interior da burocracia educacional como professores, gestores e outras pessoas que ocupem cargos ou funções nas instâncias da rede municipal de educação. O acesso à escola foi do tipo “acesso pela burocracia municipal”.

No momento da primeira entrevista, dona Tassia considerava a filha uma boa aluna e muito disciplinada. Achava que Thais chegaria até o Ensino Superior e dizia que ela “adorava um caderno”. Em 2017, a mãe de Thais a considera uma boa aluna e continua dizendo que a filha fica frequentemente com cadernos próximos a ela: “o caderno tá sempre na mão dela. É 24 horas...” A expectativa da mãe em relação aos estudos da filha continua sendo o Ensino Superior e, se possível, para além dessa etapa, já que diz que quer que sua filha estude “para sempre” e menciona o desejo que a jovem faça cursos após o Ensino Superior.

Dona Tassia: É, depois que ela fizer faculdade ela vai fazer esses cursinhos aí por fora

Pesquisador: Então a senhora quer que ela vá além da Universidade?

Dona Tassia: É, acredito que ela vá porque ela gosta muito de caderno...negócio de escola assim...acredito que ela vai além sim...

(pausa)

Pesquisadora: Cursinho de que que a senhora disse?

²⁸ O Jovem Aprendiz é um programa do Senac RJ, que se propõe a ser de Responsabilidade Social e que tem como objetivo qualificar e promover inclusão social e profissional de jovens 14 a 24 anos.(fonte: rj.senac.br)

Dona Tassia: Ah, quando fizer assim...agora ela tá na escola...no Jovem Aprendiz...aí mais pra frente quando ela tiver a oportunidade de fazer esses cursinhos de Senai...essas coisas que for pra ensino né...

Pesquisadora: Aham...

Dona Tassia: Pra ela que gosta...

(pausa)

Pesquisadora: E até quando você acha que ela vai estudar? A primeira foi até quando você gostaria e agora até quando você acha que ela vai

Dona Tassia: Ih, pelas contas, acho até uns 24 anos ela chega lá...

Pesquisadora: Mas aí você quer que ela chegue até aonde? Até o Ensino Superior Completo? Até a faculdade?

Dona Tassia: É, até a faculdade...até a faculdade que ela quer fazer e depois quando tiver oportunidade ela vai encaixando

Para a mãe de Thais, a filha deve continuar estudando. Ela alega que o trabalho é mais por conta de desejo da jovem, pois afirma que não diz para a filha que ela precisa trabalhar para ajudar em casa. Já que a filha quer, disse que então iriam ver um “horariozinho” que desse para conciliar trabalho e escola; se possível, um trabalho perto de casa. Disse que a jovem também quer continuar estudando e que nunca reclamou de ter que ir para a escola.

4.1.2.3. Família da Vanessa

A família é moradora de uma casa na zona norte do Rio de Janeiro e a entrevistada foi dona Vânia, mãe de Vanessa. A mãe tem 47 anos, é solteira, parda, evangélica da igreja “Assembleia de Deus” e está desempregada, realizando comércio de bolo em sua casa. A escolaridade é Ensino Médio completo, tendo terminado aos 40 anos após ter voltado a estudar na Educação de Jovens e Adultos (EJA)²⁹.

Em 2013, a escolha da escola de segundo segmento de Ensino Fundamental (Escola Municipal ZN5) foi “escolha dirigida” e o acesso foi do tipo “acesso pela burocracia municipal”.

Naquele período, dona Vânia dizia que Vanessa era uma boa aluna e falava que “filho na nossa frente é uma coisa, por trás é outra”, mas nunca havia tido reclamação da aluna. Quanto à disciplina da aluna na escola, disse que também nunca teve queixa em relação ao

²⁹ Na ficha cadastral da SME consta que dona Vânia tem Ensino Fundamental incompleto, portanto há uma divergência.

comportamento da filha. Dessa forma, classificou-a como uma aluna cuja disciplina é regular. A mãe, em 2013, esperava que a filha terminasse os estudos, o que significava terminar a faculdade e dizia que a filha tinha vontade de fazer veterinária. Em 2017, dona Vânia classifica sua filha como uma excelente aluna e diz que só foi chamada uma vez por não estar prestando atenção nas aulas de matemática. A mãe diz que nessa fase, que se deu no 9º ano, a jovem estava “meio rebelde” e com “o coração ocupado”, se referindo a sentimentos associados a relacionamentos amorosos da filha. Dona Vânia disse que foi chamada novamente depois para elogiar a melhora da jovem. Em relação a disciplina, a mãe de Vanessa considera a filha uma boa aluna e diz que não recebia reclamações sobre a jovem; pelo contrário, recebia elogios. Em 2017, ao ser perguntada sobre desejo em relação à continuidade dos estudos da filha, ela muda o tom de voz para um tom mais calmo do que antes e diz: “Ah, a Vanessa eu gostaria que ela estudasse até muito tempo...muuuuito tempo”. E fala que a filha é a única menina dentre os outros filhos e diz que tem muita vigilância e controle sobre ela: “eu dou um pouquinho de corda e puxo”. Diz que não deixa a jovem sair, apenas para a igreja e diz que tem medo de influências já que muitas meninas de 13 anos do bairro já não são mais virgens e são envolvidas com drogas. Diz que a filha é uma excelente desenhista e quer que ela seja designer gráfica ou arquiteta. E diz que veterinária é uma carreira que a filha gostaria, o que significa que a jovem manteve um dos desejos que tinha em 2013. Ao mesmo tempo, dona Vânia diz que também ficaria feliz se a filha fosse maquiadora ou cabelereira. Diz que briga muito para que a filha estude e ajuda a jovem nos estudos se necessário, diz que tem medo de a filha “arrumar filho fora de hora”. Dona Vânia afirma para a filha: “não é porque eu cometi um erro que você vai cometer o mesmo erro que eu cometi”, se referindo ao ato de ter interrompido os estudos para trabalhar e contribuir para as finanças da casa e, em seguida, ter tido muitos filhos. Ao ser questionada sobre expectativa de continuidade dos estudos da jovem, ela diz que a filha quer continuar estudando e que fica satisfeita com o desejo da filha: “ela fala que ela quer continuar estudando, que ela quer terminar, fazer faculdade...ela fala...ela fala e eu oro (risos)”. Dona Vânia diz que sua filha Vanessa “tem uma cabeça muito boa” e diz novamente que fala para a jovem continuar estudando.

4.1.2.4. Família do Yam

A família é da zona norte do Rio de Janeiro e teve como entrevistado o pai do estudante, o Sr. Alécio. A entrevista foi realizada na porta da residência da família após marcarmos com o pai em visita anterior.

O pai tem 51 anos, pardo, solteiro, sem religião (frequenta a igreja Universal, mas disse que não possui religião), trabalha com frentista autônomo (sem registro no INSS) e concluiu o Ensino Fundamental.

Em 2013 a entrevistada foi a mãe do estudante Yam e não o pai. Naquele período, tendo em vista que o filho morava com o pai, ela disse que não sabia os critérios de escolha de escola dele (bem como estratégias de acesso) para a escola de segundo segmento do Ensino Fundamental do seu filho. Porém, acreditava que o pai havia seguido o desejo do filho de continuar com os mesmos colegas da escola anterior, além de considerar o critério de distância, já que as escolas são próximas. A escola de primeiro segmento (Escola Municipal ZN2) remanejou, segundo a mãe, o jovem para a escola de segundo segmento (Escola Municipal ZN3) e o pai apenas teria concordado com esse processo de mudança de escola. Sendo assim, essa escolha se enquadra na tipologia “escolha dirigida” e o acesso se adequa a “acesso pela burocracia municipal”.

Em 2013, a mãe classificava o jovem como um aluno regular e também o colocava como regular quanto à disciplina na escola. A expectativa da mãe era que o jovem chegasse ao Ensino Superior. Em 2017, o pai também disse que seu filho é regular como aluno e no que se refere à disciplina. O jovem trabalha como frentista junto com o pai, o qual tem o desejo que o seu filho faça uma faculdade: “Pô, esse meu sonho pô...o cara pegar um diploma maior aí...pra frente, né..” mas diz não saber de fato até que momento escolar seu filho irá chegar. Esse desejo para o filho, segundo o pai, está relacionado ao fato de ele querer “coisa melhor” para o jovem, de maneira que ele não fique muito tempo trabalhando como frentista junto ao pai. Sr. Alécio cita que uma de suas motivações para as expectativas relacionadas ao filho Yam é a perda de seu outro filho. Ele destacou:

“ele é o que me resta, cara... então eu quero o melhor para ele... quero que ele sempre bote na cabeça: ‘poxa, eu tenho que fazer isso, eu sou capaz’, tem que seguir em frente”.

Ao longo do Ensino Médio, sr. Alécio deseja que o filho trabalhe. Já disse para o filho fazer um curso de mecânica, mas o jovem não quer. Ele afirma que o filho não quer fazer nada e espera para ver se o quartel vai “dar um jeito nele”. Diz que Yam não tem “projeto nenhum”.

4.1.2.5. Família da Yara

A família de Yara é moradora da zona norte do Rio de Janeiro e a entrevistada foi a mãe da jovem, dona Tâmara. Ela tem 35 anos, é solteira, parda, católica, desempregada (disse que atua como garçonete e copeira de vez em quando) e estudou até o 1º ano do Ensino Médio.

Em 2013, a escolha da Escola Municipal ZN3 se deu a partir de “escolha dirigida” e o acesso foi “acesso pela burocracia municipal”.

No momento da primeira entrevista, dona Tâmara disse que Yara era “abusadinha” e achava que a filha estudaria até o Ensino Superior. Em 2017, dona Tâmara diz que sua filha é inteligente e, como a jovem descobriu que estava grávida em 2017, a mãe diz: “tô te falando, não sei o que deu na cabeça dela, de engravidar...não sei...ela é inteligente”. Dona Tâmara quer que a filha continue estudando após o Ensino Fundamental e diz que não gostaria que a jovem tivesse engravidado por achar que isso pode atrapalhar a sua formação escolar. Disse que é necessário estudar porque do contrário não se consegue trabalho. A mãe diz que, inclusive, quer voltar a estudar já que parou no 1º ano do Ensino Médio.

Dona Tâmara diz que também quer que a filha trabalhe e que já tinha conseguido possibilidade de emprego para ela no mercado Intercontinental a partir do Jovem Aprendiz. Disse que a filha questionou ter que trabalhar em mercado e ela disse que repreendeu a filha, dizendo que toda forma de trabalho seria válida. E disse que trabalhando no Intercontinental a partir do Jovem Aprendiz, a jovem não faria nada:

“eles botam você pra etiquetar, é...como é o nome? Não é etiquetar não...negócio de código de barras, trocar coisa que tá em promoção, tirar, botar na promoção...bota pra pesar o legume. Falei: ‘onde isso é difícil? Isso aí é fácil’ falei pra ela.” (Dona Tâmara)

A mãe diz que a jovem também quer trabalhar porque “gosta de dinheiro”. Sobre cursos, dona Tâmara diz que chegou a matricular a jovem em um em São João de Meriti, mas só lembra que era relacionado com informática e disse que a filha não quis ir, pois era longe. Disse que sua filha gostaria de fazer curso de maquiadora.

Quando questionada novamente sobre o desejo de que a jovem continue estudando, ela disse “quero não, ela vai” e complementou: “ano que vem nem que eu arraste ela meu filho, ela vai. Nem que tiver com o leite pingando, ‘vai minha filha, tira o leite primeiro’(risos)”. Segundo a mãe, a decisão de continuar estudando também é da jovem porque disse que depois conversou com a filha sobre a gravidez, a jovem chorou e disse que deveria estar estudando.

Ao ser questionada sobre ao momento da formação escolar que gostaria que sua filha chegasse, dona Tâmara disse: “olha, eu vou ser muito sincera: eu sou pobre, então se ela fizer o Ensino Médio pra mim já tá de bom tamanho”. Diz que não poderia pagar faculdade para a filha e que para que a jovem conseguisse entrar no Ensino Superior de outra maneira que não pagando seria passando para uma universidade pública, o que deixaria ela muito feliz: “faculdade eu acho lindo” e diz que é preciso ser muito inteligente.

Quando foi questionada sobre o momento da formação escolar que achava que sua filha chegaria, dona Tâmara disse que acha que ela termina o Ensino Médio. A mãe diz que a filha vai acabar deixando a neta (que ela chama de “bombinha”) que está para nascer com ela e com a sogra para continuar estudando.

4.1.2.6. Família de Suelen

A pesquisa com essa família, moradora da zona norte do Rio de Janeiro, se deu a partir de entrevista por telefone³⁰ com a mãe de Suelen, dona Antônia. Ela se identificou como solteira, parda, 32 anos, sem religião e disse que parou os estudos na 5ª série³¹.

Em 2013, a Suelen foi matriculada na Escola Municipal ZN3 via “acesso pela burocracia municipal” e o tipo de escolha foi “escolha com relações pessoais externas à burocracia municipal”.

No momento da primeira entrevista, a mãe de Suelen considerava a filha regular, com disciplina regular e achava que a filha chegaria até o 3º ano do Ensino Médio. Em 2017, dona Antônia a considera uma boa aluna por, segundo ela, ser boa desde o tempo em que estudava na Escola Municipal ZN2. Em termos de expectativa de continuidade dos estudos, a mãe de Suelen continua achando que ela vai chegar até o 3º ano do Ensino Médio. Quanto aos planos para o futuro, dona Antônia diz querer que a filha trabalhe e faça um curso, do que quiser. Citou uma proposta de curso preparatório para a Marinha, que recebeu uma vez (todos os alunos receberam segundo ela) na Escola Municipal ZN4, que atende do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental e correção de fluxo. Disse que gostaria que ela fizesse esse curso, embora não tenha buscado saber mais sobre ele:

Dona Antônia: Eu quero que ela estude...quero que ela faça um curso...quero que ela estude pra ela fazer o Jovem Aprendiz. Eu quero que ela estude pra ela fazer alguma coisa. E pra ela fazer algum curso, pra ela fazer o Jovem Aprendiz ela tem que tá estudando.

Pesquisador: Entendi, ok. E qual área que você quer que ela trabalhe no futuro?

Dona Antônia: Qual área que eu quero que ela trabalhe?

Pesquisador: É...qual curso que você quer que ela faça? E com que que você quer que ela venha a trabalhar?

Dona Antônia: Qual curso que eu quero que ela faça?

³⁰ Havíamos comparecido à residência da família anteriormente, porém foi dito por um homem no local que ali funcionava uma boca de fumo e foi insinuado que não deveríamos utilizar gravador. Não fizemos a entrevista no dia e chegamos a marcar uma data poucos dias depois, na mesma residência. Fomos orientados a não retornar à casa e sugerimos à mãe de Suelen, no dia e horário da entrevista, uma ida dela com a filha na UFRJ. Como ela negou, sugerimos (e foi aceito) uma entrevista por telefone (o qual ficou no viva voz) e gravamos em mídia digital com autorização da mãe.

³¹ Na ficha cadastral consta que ela tem Ensino Fundamental completo. Há uma divergência, portanto.

Pesquisador: É...curso de quê?

Dona Antônia: No caso isso ela que tem que ver né...

Suelen havia tido uma filha, que já tinha por volta de 2 anos. Sobre a bebê, ela fica com o pai na maioria das vezes, segundo dona Antônia. Isso porque a mãe de Suelen tem 5 filhos e disse que não tem uma estrutura muito boa para que a criança fique lá. Então, a própria Suelen preferiu deixar a jovem na casa do pai (que mora com a mãe dele).

Até aqui foram apresentados os perfis das famílias investigadas, de forma a mostrar os dois momentos: 2013 e 2017 no que se refere às suas percepções, desejos e expectativas acerca dos jovens pelos quais são responsáveis. A seguir, após apresentarmos a tabela 3 contendo uma síntese da tipologias de escolha e acesso às escolas em 2013 e expectativas em 2013 e em 2017, descreveremos as trajetórias escolares dos jovens, a percepção das famílias sobre as escolas pelas quais os estudantes passaram e, por fim, as ações mobilizadas pelas famílias durante a construção das trajetórias.

Tabela 3: Tipologias de escolha e acesso às escolas em 2013 e expectativas familiares de continuidade dos estudos em 2013 e em 2017

Família	Tipo de escolha à escola em 2013	Tipo de acesso à escola em 2013	Expectativa em 2013	Expectativa em 2017
Família do Jerônimo	Escolha com relações pessoais externas à burocracia municipal	Acesso pela burocracia municipal	Ensino Superior	Ensino Superior
Família da Gabriele	Escolha dirigida	Acesso pela burocracia municipal	Ensino Superior	Deseja que a filha chegue até o Ensino Superior mas não informa a expectativa

Família da Lara	Escolha com relações pessoais externas à burocracia municipal	Acesso pela burocracia municipal	Ensino Superior	Ensino Superior
Família do Denilson	Escolha dirigida	Acesso pela burocracia municipal	Ensino Médio	Ensino Médio
Família da Giovana	Escolha dirigida	Acesso pela burocracia municipal	Ensino Médio	Ensino Superior
Família da Thais	Escolha com relações pessoais na burocracia municipal	Acesso pela burocracia municipal	Ensino Superior	Ensino Superior
Família do Yam	Escolha dirigida	Acesso pela burocracia municipal	Ensino Superior	Deseja que o filho chegue até o Ensino Superior mas não informa a expectativa
Família da Vanessa	Escolha dirigida	Acesso pela burocracia municipal	Ensino Superior	Deseja que a filha chegue até o Ensino Superior mas não informa a expectativa
Família da Yara	Escolha dirigida	Acesso pela burocracia municipal	Ensino Superior	Ensino Médio

Família da Suelen	Escolha com relações pessoais externas à burocracia municipal	Acesso pela burocracia municipal	Ensino Médio	Ensino Médio
--------------------------	---	----------------------------------	--------------	--------------

4.2. Trajetórias escolares, percepções familiares sobre as escolas e ações

Um dos objetivos desta seção é descrever as trajetórias escolares dos jovens a partir das entrevistas com os seus responsáveis e contando também com os dados do histórico escolar de cada aluno, cedido pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. O outro objetivo é descrever as percepções que as famílias têm sobre as escolas pelas quais os jovens passaram ou que pretendem que eles ainda acessem.

Por fim, esta seção pretende descrever as ações familiares ligadas aos processos de escolarização, bem como categorizá-las em três tipos, construídos a partir dos dados empíricos: **ações de gerenciamento de acesso e permanência, ações didático-pedagógicas, e ações comportamentais/de moralidade escolar**, descritas na seção de metodologia.

É importante ressaltar que essas categorias de ações não são mutuamente excludentes e que, portanto, mais de um tipo de ação pode ser mobilizado pela mesma família. Para classificar as ações nessas categorias, consideramos as ações que mais se destacaram (em quantidade, principalmente) nas entrevistas, bem como as famílias que mais mobilizaram determinado tipo de ação. As ações serão descritas a partir da divisão dos casos em *trajetórias lineares* e *fragmentadas* para fins de comparação entre tipos de trajetórias e para que essas diferenças possam ser interpretadas utilizando as ações mobilizadas pelas famílias, o que será feito no capítulo 5.

4.2.1. Zona Sul

4.2.1.1. Trajetórias lineares

Apresentaremos, a seguir, os casos da zona sul que apresentaram *trajetórias lineares*, sem interrupção nos estudos e matriculados no Ensino Médio regular.

4.2.1.1.1. Jerônimo

Jerônimo fez todos os anos finais do Ensino Fundamental na Escola Municipal ZS2, localizada no bairro de moradia da família. Segundo a mãe, dona Teodósia, é uma escola “muito boa” pois tem aula todos os dias. Ela diz que os professores são motivados; elogiou a gestão da escola, principalmente no que se refere à coordenação. Segundo a mãe, não havia motivos para não recomendar a escola e deu nota 10 para o estabelecimento em todos os anos em que seu filho esteve lá. Destacou a formatura do Jerônimo, no último ano, em que a escola fez uma celebração e falou sobre a trajetória de cada estudante.

Dona Teodósia diz que o único momento em que seu filho parou de estudar foi durante 20 dias no 8º ano, quando ele teve uma paralisia facial. Mas mesmo em casa, a mãe disse que a escola passava trabalhos para compor as notas. No mais, Jerônimo não teve outros tipos de interrupção nos estudos, nunca repetiu de série, não trocou de turno (sempre estudou de manhã) e/ou turma e também não participou de nenhum projeto de aceleração (correção de fluxo) na escola ou programas de reforço escolar.

Em 2017, o jovem estava matriculado em uma escola privada, no Ensino Médio, o que será analisado mais à frente. Caso não estivesse nessa escola, a mãe disse que o filho iria pensar no Colégio Estadual ZS1, que atende Ensino Médio. A mãe de Jerônimo disse que o Colégio Estadual ZS1 é a melhor escola pública de Ensino Médio do bairro, mas destacou que não conhece a outra: Colégio Estadual ZS2, que também atende Ensino Médio. Para ela, a melhor escola, no geral, é a Escola Particular ZS2³² e destaca que é um colégio bom por ser antigo e religioso. A pior escola pública ela disse que não sabe, pois não sabia como funcionava o Colégio Estadual ZS2. Para ela, a pior escola de Ensino Médio no bairro é uma que, segundo ela, “dizem que é muito ruim”; é uma escola privada, mas não se lembrou do nome.

A ação que se destaca na entrevista com dona Teodósia é o fato de a mãe de Jerônimo tê-lo matriculado em uma escola privada no Ensino Médio: Escola Particular ZS1 (atende Ensino Fundamental e Ensino Médio). Ela considera que era o melhor a se fazer tendo em vista que não sabia o que poderia acontecer em relação ao sistema estadual de educação. A mãe tinha medo de greves e outros acontecimentos que pudessem interferir na trajetória escolar do filho e diz que não chegou a fazer a matrícula do jovem em nenhum colégio estadual. Dona Teodósia diz que já conhecia essa escola particular e conseguiu desconto na mensalidade tendo em vista que uma outra filha estudava lá (no primeiro ano do Ensino Fundamental).

³² Não encontramos dados acerca das séries oferecidas pela escola.

Pesquisador: É...ok. Sobre o Jerônimo...é...antes de entrar no Jerônimo já que a gente já tá no assunto de Ensino Médio. Então a senhora não matriculou ele numa escola estadual?

Dona Teodósia: Não

Pesquisador: Matriculou ele numa escola particular...

Dona Teodósia: Uhum

Pesquisador: E que escola é esse que ele tá agora?

Dona Teodósia: Escola Particular ZS1

Pesquisador: Escola Particular ZS1. Mas por que a senhora decidiu colocar ele lá e não no Colégio Estadual ZS1?

Dona Teodósia: Porque está ruim

Pesquisador: Por conta de...

Dona Teodósia: Greve, sei lá, alguma coisa pode acontecer aí

Pesquisador: Entendi. A senhora tentou matricular?

Dona Teodósia: Não

Pesquisador: Não chegou a fazer matrícula no site, nada disso?

Dona Teodósia: Não cheguei a fazer matrícula não..

(...)

Pesquisador: Mas a mensalidade é muito cara?

Dona Teodósia: Não...ela faz um desconto bom porque eu tenho dois filhos lá...e por isso que dá pra manter, mas se fosse pagar só pra eles específico acho que não daria

Pesquisador: Mas é diferente a mensalidade que a senhora paga pra ele e que a senhora paga pra sua filha?

Dona Teodósia: Não, mesma coisa

Pesquisador: É tudo igual...não varia por série lá não?

Dona Teodósia: Não

Pesquisador: Ah tá...

Dona Teodósia: Pelo menos não pra mim né....não sei se varia (risos)

A ação da mãe de Jerônimo descrita acima, por estar associada com alocação de Jerônimo em uma escola de Ensino Médio que a dona Teodósia considera melhor para a educação de seu filho, pode ser classificada como *ação de gerenciamento de acesso e permanência*.

A mãe de Jerônimo diz que também paga curso de inglês para ele durante duas vezes na semana e, pelo tempo que ela diz que ele faz o curso (1 ano), depreende-se que ela começou a pagá-lo quando o filho estava no último ano do Ensino Fundamental:

Dona Teodósia: Então...fora ele faz curso de inglês...

Pesquisador: E já fazia? Faz há quanto tempo esse curso de inglês?

Dona Teodósia: Faz há um ano só, faz há pouco tempo

(...)

Pesquisador: E com que frequência?

Dona Teodósia: Duas vezes na semana

Essa ação de dona Teodósia está, a nível de hipótese, diretamente associada ao desempenho do estudante na escola na disciplina de língua inglesa, portanto podemos classifica-la como *ação didático-pedagógica*. Temos dados do desempenho de Jerônimo em inglês entre 6º ano e 8º ano e todas as notas são acima de 7, chegando a passar de 8 em dois anos letivos (6º ano e 8º ano). Porém, não é possível correlacionar esse desempenho ao curso

de inglês já que a mãe diz que o jovem faz o curso há um ano; dessa forma, o jovem estava iniciando o 9º ano quando entrou no curso, etapa da escolarização sobre a qual não temos dados de desempenho.

4.2.1.1.2. Gabriele

Gabriele fez todo segundo segmento do Ensino Fundamental na Escola Municipal ZS2, sobre a qual a sua mãe diz que as outras mães falam bem. Dona Laura diz que recomendaria a escola por conta dos professores e a diretoria da escola. A mãe diz que não recomendaria a escola por motivos associados a falta de suporte prestado pela prefeitura que, segundo ela, poderia promover mais recursos ligados a lazer na escola, comparando a instituição com a Escola Municipal ZS3 (atende 1º ano, 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, correção de fluxo e Educação de Jovens e Adultos Projovem), em que a filha fazia atividades de lazer (balé) enquanto estudava na Escola Municipal ZS1:

Dona Laura: Olha...não recomendaria por, assim...porque o...prefeito poderia tá ajudando mais a escola. Pra poder ter mais assim...ah, não sei explicar...mais coisa. Mais tarefas pras crianças...tarefas assim, pra eles brincarem, essas coisas não tem quase. Só a única coisa que tem mesmo é só o intervalo do recreio que eles falam. Só. É a Educação física. Lá não tem essas coisas que nem lá na Escola Municipal ZS3. Na Escola Municipal ZS3 tem várias atividades pra eles fazerem. E aqui não tem. Só isso. Porque a escola precisa de ajuda da prefeitura, do governo, do estado... Isso aí...tem, mas é pouco.

Pesquisadora: Mas o que tem na Escola Municipal ZS3?

É a outra escola municipal aqui perto, né?

Dona Laura: É..

O que tem na Escola Municipal ZS3 são atividades na parte da...o dia todo. Tem aula de arte, tem aula de música, aula de... informática. Aula de várias coisas. Ela até já fez balé, muitas coisas.

Dona Laura dá nota 10 para a Escola Municipal ZS2 por todos os anos em que a filha esteve lá. Disse que a jovem “foi sempre respeitada por todos os profissionais da área que trabalham lá”. Segundo ela, no início, tinha receio acerca da entrada da jovem na escola por não conhecer a instituição, mas disse que ao longo do tempo foi se acostumando com a escola. Comenta que “qualquer assim, coisas que tem...que a criança passa mal na escola, eles não deixam a criança sair só. Os pais tem que ir buscar, o responsável.”

A mãe de Gabriele diz que mudou a filha do turno da manhã para a tarde por motivos de experimentação. Disse que tentou mudar a filha novamente para o turno da manhã, mas não havia mais vaga; enfatizou que se tivesse vaga de manhã novamente, colocaria a filha de volta no turno, mas não detalhou mais sobre o assunto.

Dona Laura diz que a filha nunca mudou de turma, nunca repetiu de série e também não participou de nenhum projeto de correção de fluxo ou outros projetos na escola.

Sobre a escola de Ensino Médio, a mãe de Gabriele diz que gostaria que sua filha fosse para o Colégio Estadual ZS1 por conta da proximidade e por não ver bagunça ao passar em frente à escola. Para ela é a melhor escola de Ensino Médio do bairro, apesar de dizer que não conhece outra.

Na entrevista, a mãe disse que dentro de cinco dias haveria uma reunião para tratar sobre as matrículas no Ensino Médio. Em contato por telefone realizado por volta de duas semanas após a entrevista, a mãe disse que a Escola Municipal ZS2 tinha sugerido e matriculado a Gabriele em duas escolas de Ensino Médio. Pela descrição das localidades, as escolas seriam o Colégio Estadual ZS1 e Colégio Estadual ZS2. Nesse momento, havia dependência de saber se a Gabriele passaria ou não de série, mas não conseguimos confirmar essa informação depois. Os dados que temos em relação a isso são de postagens das redes sociais de Gabriele, dizendo que iria iniciar seus estudos no Colégio Estadual ZS2 no ano de 2017.

Para dona Laura, a pior escola do bairro é a Escola Municipal ZS3 por conta de comentários de outras pessoas e pelo que observava no período em que Gabriele fez balé na escola. Destaca positivamente as atividades que haviam lá dentro, dentre as quais a sua filha aproveitava, mas disse que as pessoas falavam que a escola era desorganizada; observou o fato de que poderia ter melhorado por conta da inserção de câmeras em toda a escola.

Pesquisador: Mas se você pudesse dar alguns motivos assim, de você achar ela [Colégio Estadual ZS1] a melhor escola de Ensino Médio do bairro? Quais seriam esses motivos?

Dona Laura: Ah, eu sempre passo lá em frente e nunca vejo bagunça. Nem barulho e nem nada. Nunca vejo aluno ali em frente ali daquelas grades. E porque também é mais próximo. Eu nunca entrei lá dentro daquela escola não, mas se passar na frente você nunca vê barulho, nunca vê nada, apesar de que é em condomínio né, em prédio. Às vezes já vi aluno, assim, na frente depois que já tá saindo todo mundo, mas referente a isso não.

Pesquisador: E se pudesse eleger a pior escola do bairro, qual seria?

Dona Laura: Olha, por alguns motivos, as pessoas falam muito mal da Escola Municipal ZS3. Agora, na parte de atividade as pessoas falam muito bem. Agora, na parte...não é do ensino lá de dentro, é a bagunça e o controle que não tava tendo. Não sei se tá tendo agora porque botaram câmeras, né, lá no prédio inteiro. Aí por esse motivo deve ter dado uma melhorada porque antes de não ter câmera era a maior bagunça. Só. Só porque as pessoas falavam e porque eu também ia lá sempre levar ela e ficava lá esperando, né...e eu via a bagunça dos alunos nos corredores.

Dona Laura diz que já pagou curso de informática para a jovem quando ela entrou na Escola Municipal ZS2, mas que havia tirado a filha do curso por conta da preocupação de a jovem ir e voltar sozinha do curso, que ficava em outro bairro.

A mãe diz que a filha é uma aluna que sempre tirou notas boas embora tivesse algumas dificuldades. Segundo ela, nunca foi chamada na escola para resolver problemas com a disciplina da jovem. Por outro lado, já havia sido chamada na escola para tratar de desempenho

da filha. Segundo ela, uma ação que resolveu promover uma vez foi ir até a escola, solicitar que chamassem sua filha na sala de aula, durante a aula, para que pudesse conversar com quatro professores na presença dela. Disse que quando fez isso, o desempenho da jovem melhorou.

Pesquisadora: O que estava acontecendo com a Gabriele?

Dona Laura: As notas tavam baixas.

Pesquisadora: Quando foi isso?

Dona Laura: Tem uns dois anos.

Pesquisadora: Foi antes ou depois de ela mudar de turma?

Dona Laura: Foi antes.

Pesquisadora: Ah, quando ainda tava na manhã...

E aí? Mas o que aconteceu?

Dona Laura: Porque ficava conversando na sala. Não tava prestando atenção e aí tava tirando nota baixa.

Pesquisadora: Aí você teve que ir lá?

E como vocês resolveram?

Dona Laura: Numa boa. Foram duas vezes ou foram três.

(Risos)

Resolvi foi o seguinte: conversei com ela e ela continuou. O que eu fiz...fui lá, aí eram 4 professores pra conversar comigo no mesmo momento. Peguei e pedi pra direção chamar ela na sala, pra falar na frente dela. Aí após a conversa com ela junto, aí melhorou. Porque sozinha não tava (inaudível). Pra não dizer que é mentira né? Porque aluno tem isso... “ah, não aconteceu isso, é mentira, não sei o que...” aí dessa vez eu fiz o contrário. Cheguei lá e peguei de surpresa: “vou chamar ela junto” aí a professora: “ah, mas ela tá em aula”, eu disse:” tudo bem, ela tá em aula, mas eu gostaria que chamasse”.

Aí após isso aí as notas melhoraram.

Dona Laura diz que Gabriele costuma estudar fora da escola para realizar os deveres de casa, que raramente não eram passados, segundo a mãe. Nos momentos de dificuldade, destacou as ajudas que a prima oferecia nos estudos da filha. Às vezes, o pai de Gabriele ia até a casa da prima dela, no Centro do Rio de Janeiro, para que ela pudesse ajudar a jovem, especialmente com matemática. A prima já havia se formado no Ensino Médio, já estava na faculdade e não cobrava pelas ajudas.

Pesquisador: E a Gabriele costuma estudar fora da escola?

Dona Laura: Quando tem dever de casa ela faz sim. Só se não tiver porque raramente não vem.

Pesquisador: Raramente não vem dever de casa?

Dona Laura: Não. [a mãe quer dizer, com essa resposta, que os deveres de casa eram frequentes]

Pesquisador: Entendi. E com qual frequência, assim...quantas horas por dia ela estuda em casa?

Dona Laura: No momento, não tá estudando...hora nenhuma (risos)

Pesquisador: Mas quando tinha muito dever de casa?

Dona Laura: Quando tinha ela fazia sim...às vezes até eu ia...eu não, o pai dela ia até lá na prima dela pra, assim, dar uma força, pra ajudar. Principalmente com matemática.

Pesquisadora: Mas o que tem essa prima...ela, ela...já..

Dona Laura: Terminou já os estudos, já tá fazendo faculdade aí já fez uma faculdade, tá fazendo outra, fez outra, fez outra...

Pesquisadora: Ah tá..

Dona Laura: Ela, assim, ela sabe mais né? Aí dá uma força

Pesquisadora: Mas ela cobrava alguma coisa por isso?

Dona Laura: Não, não, ela fazia de coração...só pra ajudar mesmo
Várias vezes ela ajudou ela...isso aí eu não tenho que me queixar não...e se ela precisar, ela ainda ajuda sim

Pesquisadora: E ela mora por aqui também?

Dona Laura: Lá [cita o nome do bairro no Centro do Rio de Janeiro]

Pesquisadora: Ah sim...

Pesquisador: E além dela, tem mais alguém que ajuda?

Dona Laura: Não, só a gente mesmo que conversa, orienta.

Pesquisador: Entendi.

Dona Laura: Porque o que eu não tive eu quero que ela tenha, né, pelo menos os estudos.

A mãe disse que, junto com o pai, orienta a filha acerca da importância dos estudos, citando exemplos das primas que se formaram no Ensino Médio. Disse que está difícil conseguir trabalho tendo estudo e que essa situação piora sem estudo.

Pesquisador: E em relação a estímulo a estudar. Você já falou que vocês conversam, dão orientação...

Dona Laura: Eu converso sim, porque hoje em dia trabalho tá difícil, mesmo com estudo. É difícil você conseguir trabalho e não tendo estudo, pior ainda.

Pesquisador: Mas tem alguma outra pessoa que ela converse sobre isso ou que você mesma indique pra ela conversar?

Dona Laura: Se tem colegas, amigos que conversam com ela, eles conversam...a respeito disso...tô fora, também não sei.

Eu sei que, assim, eu converso com ela a respeito, assim, dessas coisas porque as primas delas, apesar de os pais não poderem arcar com despesas, essas coisas, terminaram o terceiro. Uma casou e tá fazendo faculdade. O marido agora tá arcando com a despesa né...e a outra recebeu metade da bolsa na faculdade [nome de faculdade privada]. Aí pagou só metade. Passou...Enfermagem. Se formou em Enfermagem, mas não consegui trabalho na área que ela queria. Deixou currículo, até eu deixei currículo aqui pra ela...em vários hospitais. Mas...nada. Aí tá trabalhando no setor mesmo que ela tava antes. É isso que eu quero...que ela tenha...termine pra poder ter um trabalho e possa ser bem estabilizada... mais futuramente.

Como descrito, dois tipos de ações familiares se destacaram na família de Gabriele. A ida da mãe na escola para repreender a filha na frente dos professores no que se refere ao desempenho e disciplina da jovem e os discursos sobre a importância da escola para o futuro da jovem caracterizam essas ações como sendo do tipo *ação comportamental/de moralidade escolar* já que visam orientar Gabriele para que siga comportamentos que a família considera que sejam adequados para a manutenção de uma trajetória escolar que garanta um futuro de sucesso no mercado de trabalho. A outra ação familiar que se destacou foi *ação didático-pedagógica* pois a prima, que era chamada pelos pais, ajudava a Gabriele na escola, o que está associado diretamente ao seu desempenho escolar.

4.2.1.1.3. Lara

Lara fez os anos finais do Ensino Fundamental na Escola Municipal ZS7, localizada no bairro de moradia da família e em 2017 está matriculada no Colégio Estadual ZS3 (que atende Ensino Médio), em um bairro vizinho. Para dona Luana, a escola que oferecia os anos finais do Ensino Fundamental era a que ela gostaria que a filha estudasse por conta do ensino, mas destaca negativamente o papel da direção. Diz que havia duas diretoras na escola e que uma era “um amor de pessoa”, “um anjo” e a outra era “ignorante”, “um demônio”, dizendo que não era fácil estabelecer diálogos com ela. Dona Luana dá alguns exemplos, como o fato de que a diretora deixou sua filha sem merendar uma vez porque não foi para escola com sapato preto, fugindo à regra da escola, mesmo a jovem não tendo ido com o sapato preto porque estava molhado. Dona Luana diz também que sua filha foi agredida por outra aluna e essa diretora não resolveu o problema, além de que não a tratou bem quando foi reclamar na escola, até ela ameaçar ir na Secretaria Municipal de Educação e fazer um boletim de ocorrência na delegacia sobre o que havia ocorrido com sua filha. Depois disso, dona Luana comenta que a diretora mudou o tratamento. Completou dizendo que muitas mães não gostavam dessa diretora.

Apesar da direção, dona Luana reforça que a escola é de qualidade por conta dos professores e que entravam em contato sempre que ocorria alguma coisa que precisasse comunicar os pais, como excesso de falta de alunos e quando havia atraso. Afirma que já estava planejando colocar o filho matriculado na Escola Municipal ZS8 (escola anterior de Lara, que atende Pré-Escola e do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental) na Escola Municipal ZS7 quando precisasse escolher a escola de segundo segmento do Ensino Fundamental.

Dona Luana dá nota 10 para a Escola Municipal ZS7 em todos os anos em que sua filha estudou lá e diz que sempre foi por conta do ensino da escola. A mãe de Lara diz que os professores são “prestativos” por falarem sempre nas reuniões sobre como estava a Lara na escola.

Ao ser perguntada sobre as melhores coisas que aconteceram ao longo dos anos em que Lara esteve na escola cursando os anos finais do Ensino Fundamental, ela alega que em 2013 e em 2014 a melhor coisa foi que Lara havia ficado em recuperação só em matemática. Em 2015, ela destaca a troca de professores na escola, já que os alunos reclamavam dos professores anteriores, dentre os quais estava uma professora de inglês, que segundo ela, era “meio preconceituosa”, por tratar diferentemente os alunos negros na sala de aula:

“ela [Lara] chegava e falava assim: ‘mãe, a professora não deixa fulano ir no banheiro por causa da cor dele’. Ela [professora] fala assim: ‘esses negrinhos aí, que não sei das quantas’. (Dona Luana)

Dona Luana diz que não adiantava falar com a diretora pois não resolvia nada. Sobre 2016, dona Luana destaca a peça de teatro que teve na escola, da qual sua filha participou e que, por conta disso, passou a se esforçar mais, passou a falar com “a escola toda” e “ganhou o apelido de piabinha” por conta do texto da peça. Segundo a mãe, nas reuniões com os pais passaram a falar: “é a mãe da piabinha”, se referido a ela.

Sobre pontos negativos, em 2013, dona Luana destaca negativamente uma questão que, segundo ela, chegou a dar processo contra a escola, que foi o fato de que a diretora dizia para os alunos varrerem a sala ao fim das aulas. A mãe da jovem diz que o pai concordava com a prática pois educava as crianças, mas ela não concordava pois diz que sua filha é asmática e que nem a casa dela ela varria. Segundo a mãe, por conta do processo que um pai entrou contra a escola, suspenderam a atividade.

Ainda sobre 2013, dona Luana diz que sua filha foi agredida na escola. Ela fala que a filha foi agredida durante o recreio por uma jovem que a Lara disse que era feia. Em 2014 ela diz que havia sido tranquilo e em 2015 ela disse que não gostou da mudança de turno que a escola fez. Segundo ela, as turmas da manhã foram para a tarde e das turmas da tarde foram para manhã, sem que os pais fossem comunicados. Apenas os alunos que faziam cursos no contra-turno (mediante a comprovação via declarações dos cursos) poderiam continuar no turno de anterior. Sobre tentativas de reclamação com a diretora (a que ela se refere como “demônio”), diz que “não teve jeito”. O ano de 2016, segundo ela, foi tranquilo e a filha havia retornado para manhã. Conclui a fala sobre o ano de 2016 dizendo: “a gente acostuma com a escola, com os defeitos, com tudo, aí relaxa e larga de mão, não tinha jeito mais”.

Sobre as séries de Lara em cada ano, a jovem ajudou a responder durante a entrevista. Não houve reprovações, portanto, a jovem fez do 6º ao 9º ano entre 2013 e 2016. Sobre turno, a mãe fala novamente sobre a mudança que ocorreu, mas nesse momento, diferentemente do momento anterior da entrevista, diz que os alunos que estudaram de manhã foram para a tarde em 2014 e que havia retornado para manhã em 2015 e mantido em 2016. A mãe afirma que foi “inexplicável” a mudança e que foi na escola tentar manter a filha de manhã já que Lara precisava tomar conta do irmão pequeno no turno da tarde pois o pai tinha dificuldades de olhar o menino de tarde por conta do trabalho e ela (dona Luana) trabalhava todos os dias. A mãe de Lara diz que muitas mães fizeram reclamação sobre a mudança de turno e não sabe se foi por

isso (além do processo que um pai movimentou contra a diretora) que os alunos voltaram para de manhã no ano seguinte.

Sobre turma, dona Luana só lembrava da turma em que Lara estudou no 9º ano (turma 1803). Diz que a escola fazia alocação nas turmas por desempenho e que por isso sempre os mesmos alunos estavam juntos. Comenta que a 1801 era a turma “mais inteligente” e mais elogiada na escola por conta das notas mais altas.

Dona Luana diz que Lara não teve nenhuma participação em projetos de aceleração para correção de fluxo. A jovem participou de reforço escolar, que cada professor solicitava a partir de bilhetes enviados para casa e que a mãe assinava permitindo a participação da filha no reforço. A frequência do reforço era uma vez por semana (toda segunda) logo após a aula (entre o fim da manhã e início da tarde). Dona Luana vê como positivo o projeto de reforço escolar da qual a filha fez parte e disse que ela “deu uma melhoradinha” nas notas mas disse que para matemática a filha “é preguiçosa”.

A mãe de Lara diz que quer que a jovem continue estudando após o Ensino Fundamental e que faça uma faculdade e acha que, de fato, a jovem vai chegar até a faculdade de veterinária. Ela quer que a jovem continue estudando e que faça o que ela não conseguiu fazer. Para ela, a jovem deve continuar estudando “para ser alguém na vida” e diz que isso tem ligação com conseguir um bom trabalho:

“eu não quero ela numa portaria e nem limpando casa de ninguém. Eu quero ela lá em cima...quero que ela estude muito pra que ela consiga um trabalho bom.” (Dona Luana)

Dona Luana diz que falou para a Lara: “estuda, estuda, porque se você não conseguir marido rico, você vai trabalhar na casa dos outros”. A mãe diz que a jovem não pretende fazer faculdade porque quer ser maquiadora e chegou a procurar curso de maquiadora para a filha, só que disse estar “fora do orçamento” e também disse que “maquiagem não é profissão” e que a jovem deveria fazer uma faculdade que sirva de profissão. Além do curso de maquiadora, dona Luana conta que matriculou a jovem no Educa Mais Brasil para fazer cursos de inglês, italiano, espanhol, digitação e outra formação que ela não soube informar com desconto de 70% na Microcamp, em Copacabana. Mas não manteve a jovem no curso por não conseguir pagar a taxa de matrícula e mensalidade de 200 reais. Esse curso tinha parceria com o Jovem Aprendiz e iria encaminhar a jovem para um trabalho de por volta de 800 reais de salário. E por meio do Jovem Aprendiz a dona Luana defende que a filha trabalhe porque são 4 horas por dia, o que permite, segundo ela, estudar ao mesmo tempo.

Para dona Luana, o Colégio Estadual ZS3, no qual diz que sua filha estava estudando, é o melhor colégio de Ensino Médio do bairro. Diz que já pensava nessa escola para a filha desde

que a jovem estava no 9º ano na Escola Municipal ZS7 por conta de referências que tinha sobre a escola a partir de uma amiga e da filha da vizinha de sua mãe. Ela conta que a escola de Ensino Fundamental apenas disse que era necessário matricular os jovens pela internet e nos explica sobre o processo de matrícula: eram três opções no site da matrícula, que foram preenchidas com o Colégio Estadual ZS3 no turno da manhã, o mesmo colégio no turno da tarde e, por fim, com o Colégio Estadual ZS1. A jovem conseguiu a vaga no Colégio Estadual ZS3 no turno da tarde e havia iniciado as suas aulas um dia antes do dia da entrevista. Sobre a alocação no turno da tarde, a Lara disse durante a entrevista com a mãe que o primeiro ano do Ensino Médio é sempre de tarde na escola, o que a mãe questiona já que uma outra aluna havia conseguido vaga no turno da manhã. Lara diz que devia depender da idade da pessoa.

Segundo a mãe, as melhores escolas de Ensino Médio do bairro são: Colégio Estadual ZS3 e Colégio Estadual ZS4, localizado em um bairro vizinho, diferente do bairro do Colégio Estadual ZS3. Essa opinião é por conta de pessoas que já haviam estudado nas escolas. Segundo a mãe, o Colégio Estadual ZS4 é integral e por isso que não colocou sua filha lá, a qual não queria estudar o dia todo. Dona Luana diz não saber indicar a pior escola de Ensino Médio do bairro.

Dona Luana diz que participava das reuniões, com exceção do ano de 2016 que ficou “de saco cheio” e não foi em nenhuma reunião e não pegou o boletim da filha. Conta que só foi na última reunião para ver se a filha tinha ficado reprovada. Ficava sabendo sobre as notas do ano de 2016 pela Lara pois cobrava ficar sabendo de seu desempenho e diz que ficava sabendo das dificuldades da filha por meio dos bilhetes que recebia solicitando autorização para a participação da filha em reforço escolar:

Dona Luana: Na última reunião eu fui mas não peguei o boletim, só queria saber a nota, saber se tava reprovada ou não né...se tinha ficado de recuperação ou não né...e aí ela ficou em matemática, aí (inaudível) e aí agora, acho que em janeiro teria que ir lá buscar o boletim

Pesquisador: Mas sem pegar o boletim, tinha outro meio de a senhora saber a nota dela?

As notas dela?

Dona Luana: Por ela

Pesquisador: Ah, ela falava?

Dona Luana: Ela falava. E eu quase sempre pegando no pé, né... “como estão suas notas?” e tal, eu não ia, mas ficava pegando no pé e sempre vinha também, tipo assim, “mãe, a Lara vai fazer aula de reforço pra matéria tal” então aí eu já sabia que nessa matéria ela tava fraca.

Sobre deveres de casa, dona Luana diz acompanhava todos os dias e que às vezes tinha; havia mais trabalhos segundo a mãe. Segundo ela, a filha fazia os deveres de casa, mas em cima da hora e diz que a jovem não era de estudar fora da escola quando não tinha dever de casa,

comentando que “falta de puxão de orelha não é”. Conta que não ajudava a jovem a fazer os deveres de casa porque não entendia as matérias: “tá falando grego”.

Por outro lado, dona Luana diz que cobrava da jovem para saber se havia deveres de casa e a colocava para fazer; olhava a mochila e o caderno da jovem, segundo ela. Disse que repreendia a jovem quando ela usava calculadora, pois falava que tinha que fazer sem utilizá-la já que no Enem ela não poderia usar:

Pesquisador: É...e ela, quando ela fazia dever de casa, alguém ajudava ela a fazer?

Dona Luana: Não, fazia sozinha. Não, quando...

Lara: Não, era o livro

Pesquisador: (risos)

Dona Luana: porque assim, como eu não estudei muito, quando essas matérias dela caem na minha frente, tá falando grego né...

Então eu falo “se vira tu mesmo amiga”

Lara: Às vezes os livros também, internet...

Dona Luana: Os livros também...já peguei ela várias vezes com a calculadora, na mão dela escondida. Eu falo: “você tem que usar a cabeça...lá na faculdade, no Enem, você não vai ter calculadora, então você tem que estudar.”

(...)

Pesquisador: Você acompanhava as atividades da escola?

Dona Luana: Sim

Pesquisador: Quais atividades você acompanhava?

Dona Luana: Eu perguntava se vinha dever, botava ela pra fazer. [a Lara] Falava: “ah, não vou fazer agora, vou fazer a tarde” mas eu sempre ficava de olho na mochila, no caderno

Dona Luana conta que ela e o pai estimulavam a filha a estudar e que dizia para Lara ler um livro ao invés de ficar no celular pois ela ficava mexendo no aparelho por muito tempo vendo vídeos.

Lara não fez nenhuma atividade escolar fora da escola segundo a mãe e dentro da escola fez apenas o reforço, uma vez por semana e havia a possibilidade de fazer duas vezes na semana caso houvesse necessidade.

Notamos que dona Luana demonstra valorização da educação escolar assim como os demais casos apresentados até aqui, mobilizando ações como o discurso de valorização, associando a educação a inserção no mercado de trabalho em posições profissionais diferentes das alcançadas pelos pais, o que se enquadra em uma *ação comportamental/de moralidade escolar*. Outras ações em destaque são, apesar de a mãe dizer que não acompanha a filha nos deveres de casa por conta de limitações impostas por sua escolaridade, as cobranças a filha para ficar informada sobre o seu desempenho, o ato de fiscalizar parte do material escolar e as cobranças de que a filha estude pensando no Enem (aconselhando o não uso de calculadora); essas ações, por estarem associadas diretamente ao desempenho escolar, podem ser classificadas como *ações didático-pedagógicas*. A mãe mostra que tem clareza sobre o que

ocorre dentro da escola quando diz que conhece o processo de enturmação por desempenho. Dona Luana cita pontos negativos da escola, destacando uma das diretoras e demonstra a tendência a se adaptar aos problemas da escola na medida em que os anos passam quando diz “a gente acostuma com a escola, com os defeitos, com tudo, aí relaxa e larga de mão, não tinha jeito mais”. Essa frase pode estar associada a um aparente “cansaço” ligado a práticas escolares vistas como negativas pela mãe; a falta de expectativa em relação à melhoria da escola também pode estar associada ao fato de a mãe não ter ido mais pegar o boletim da filha na escola no ano de 2016 por estar “de saco cheio”. Essa é uma evidência de uma ação orientada por uma percepção construída pela mãe acerca das ações escolares.

4.2.1.2. *Trajatória fragmentada*

A seguir, descreveremos um caso da zona sul em que houve inserção em Ensino Médio na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA/supletivo).

4.2.1.2.1. Denilson

A trajetória do Denilson foi descrita por dona Roberta e pelo próprio jovem. A avó o consultou na pergunta sobre a escola que o jovem estudou em cada ano entre 2013 e 2016. A partir da entrevista com a avó e das falas de Denilson que saíram no áudio, bem como a partir de dados do histórico escolar e dados de 2013, depreende-se que ele estudou em 2012 na Escola Municipal ZS4 (“brizolão”, segundo a avó), na própria favela em que a família mora e que atende Pré-escola, 1º ao 6º ano do Ensino Fundamental e correção de fluxo e depois, em 2013, foi para uma escola localizada em um bairro vizinho (Escola Municipal ZS5), da qual não souberam informar o nome. Em seguida, em 2016, Denilson seguiu para a Escola Municipal ZS6, em um bairro vizinho, à noite³³, para cursar o 1º ano do Ensino Médio. Por fim, foi transferido para a Escola Municipal ZS7 em 2017, para fazer o 2º ano do Ensino Médio à noite.

A avó não sabe informar, mas Denilson diz que repetiu duas ou três vezes, todas no primeiro segmento do Ensino Fundamental. Também segundo ele, participou do projeto Acelera, que se propõe a corrigir a defasagem idade-série. Dona Roberta considera um projeto bom já que, na percepção dela, faz com que as crianças com dificuldade de aprendizagem

³³ No município do Rio de Janeiro, alguns estabelecimentos em que funcionam escolas municipais também oferecem Ensino Médio na modalidade Educação de Jovens e Adultos no período noturno, como observado na pesquisa de campo e esse parece ser um desses casos.

aprendam mais. Por outro lado, não soube responder quando foi perguntada sobre o que sabia acerca do projeto Acelera. A avó diz também que a entrada do Denilson nesse projeto foi avisada pela diretora em reunião, a qual informou que o jovem iria entrar nesse projeto de correção de fluxo, pois estava com dificuldade de aprender.

Dona Roberta atribui todas as mudanças de escola à limitação de séries em cada uma, ou seja, como se o Denilson tivesse mudado de uma escola para outra porque a escola de origem não possuía as séries que viriam na sequência da sua formação escolar, o que fazia com que tivesse que ir para outra escola.

Para dona Roberta, a Escola Municipal ZS5 é boa, embora dissesse que apenas seguiu a indicação da escola anterior. Diz que gosta da escola e que o ensino é bom. Por outro lado, diz que “tem muita gente que gosta de bater quando é novato”, se referindo a casos de violência gerados pelos estudantes da escola contra alunos novos. A avó do jovem diz que gostou da escola, mas não sabe se Denilson gostou. O único ponto negativo que alega existir em relação à Escola Municipal ZS5 foi o transporte, que disse que demorava, o que fazia com que alunos que estudassem lá de manhã tivessem que sair muito cedo de casa para ir para a escola. Além de Denilson, um de seus outros netos também estudou na escola de Denilson segundo ela.

No que se refere a notas, dona Roberta avalia com 10 a Escola Municipal ZS5, pois disse que não havia nada para reclamar e também 10 para a Escola Municipal ZS6; diz, com risos, que iria esperar o Denilson entrar na Escola Municipal ZS7 para decidir que nota daria para ela. Sobre as escolas de Ensino Médio do bairro, dona Roberta diz não saber qual é a melhor escola porque é a primeira vez que seu neto estava indo para o Ensino Médio. Também não sabe informar a pior escola de Ensino Médio do bairro.

No que se refere a turno, dona Roberta diz que Denilson estudou na Escola Municipal ZS5 de manhã e disse que nunca havia estudado de tarde, só a noite como quando foi para a Escola Municipal ZS6. Já o Denilson diz que estudou de tarde em 2015 na Escola Municipal ZS5³⁴. A avó do jovem diz que a escola não comunicou nada sobre essa mudança de turno de manhã para tarde, de 2014 para 2015 na Escola Municipal ZS5; falou que o jovem só avisou a ela.

Sobre as turmas do jovem entre 2013 e 2016, a avó não soube informar sem ajuda do Denilson, que disse que houve uma mudança somente em 2013 ao longo do ano, mas na verdade

³⁴ Provavelmente por conta do projeto aceleração 2 que ele participou segundo o seu Histórico Escolar, no ano de 2015.

houve uma troca de sala por conta de a sala de origem estar molhada; não foi exatamente uma mudança de turma.

Dona Roberta diz valorizar o processo de formação escolar e lembra de suas dificuldades no mercado de trabalho por conta do analfabetismo e não quer que essas dificuldades se repitam com o neto. Ela relembra uma situação em que teve dificuldades de concorrer a uma vaga de emprego pois não sabia ler e nem escrever de forma a preencher a ficha de inscrição para o cargo de faxineira:

Pesquisador: A senhora quer que ele continue estudando?

Dona Roberta: Pra mim é bom, pra ele também

Pesquisador: Aham, entendi

Dona Roberta: Porque, olha bem...eu não terminei foi é nada...muito mal sei assinar meu nome. Não sei ler e não sei escrever. Então prefiro que ele aprenda tudo direitinho pra depois não ter...como é que se fala...vai trabalhar...não vai poder trabalhar porque não terminou o estudo. Porque eu tenho o meu sobrinho, meu sobrinho tá trabalhando no hotel. Ele estuda. Ele estuda e não pode ficar trabalhando mais porque não tava com o estudo completo pra ele poder trabalhar. Isso é muito chato. Eu mesmo. Eu quando fui trabalhar de faxineira...porque eu fui trabalhar de faxineira pra firma de limpeza...eu fui no escritório né...pra eu poder...né...trabalhar. Aí o que acontece...chego lá eu tenho que fazer o quê? Chego lá e tenho que preencher uma ficha. E aí que eu não sei preencher a ficha? E falei: “ah moço, ah moço... eu não sei nem ler e não sei escrever” aí o que ele fez pra mim? Ele preencheu tudinho e eu assinei meu nome. Aí ele ainda falou: “olha, tô fazendo isso por você, mas você não comenta nada com ninguém”. Aí eu trabalhei...trabalhei, trabalhei...até que eu cansei e não trabalho mais. Então eu prefiro que ele estude, termine os estudos...que em agosto ele vai pro quartel pra ver se ele passou ou não

Pesquisador: Já se alistou?

Dona Roberta: Se alistou

Pesquisador: Ele tem 18 anos?

Dona Roberta: Tem 18 anos. Então pronto, aí melhor assim. Porque de repente ele passa tudo ...que ele for ganhar uma bolsa eu não sei como vai ser. Porque ele no quartel como ele vai estudar? Não tem como se ele for ganhar uma bolsa. Porque eu tiro pela minha sobrinha também. Porque eu criei a minha sobrinha. A minha sobrinha estudou. Estudou, estudou...aí ela ganhou uma bolsa. Só que ela não ficou com a bolsa. Não ficou com a bolsa porque ela queria trabalhar. Aí ela não ficou com a bolsa. Aí ela perguntou: “tia, eu ganhei uma bolsa e agora?” a única coisa que eu respondi pra ela: “você já estudou? Então, porque eu falei pra você que você só vai poder fazer as suas coisas depois que terminar seus estudos. Agora que já terminou é tudo com você mesmo.” A mesma coisa é ele. Porque eu tenho um aí que não tá estudando. Eu também não vou ficar esquentando minha cabeça com ninguém não.

No que se refere a ações ligadas ao processo de formação escolar, dona Roberta diz que acompanha os estudos do jovem, que o estimula a estudar, mas que não acompanha deveres de casa por ser analfabeta e que também não acompanhou o jovem no projeto Acelera:

Pesquisador: E a senhora acompanhava o dever de casa dele? Quando ele tinha?

Dona Roberta: Eu não sei nem ler e nem escrever, vou acompanhar o dever dele nada.

Ele só falava pra mim: “vó, tô cheio de dever de casa pra fazer”. “Então senta aí e faz o seu dever de casa”

(...)

Pesquisador: e...é...o projeto Acelera, a senhora acompanhava?

Lembra quantas vezes ele vazia na semana?

Dona Roberta: (sinal negativo)

A avó de Denilson valoriza a escola assim como todos os casos descritos até aqui e demonstra isso para o neto por meio de falas sobre a importância dos estudos, fazendo como a maioria dos casos já descritos também fazem que é a reflexão sobre as dificuldades que passou no mercado de trabalho por conta da baixa escolaridade. Essa ação é do tipo *ação comportamental/de moralidade escolar*. Por outro lado, a avó de Denilson pouco sabe sobre sua trajetória e também não demonstrou mobilizar *ações de gerenciamento do acesso e permanência e didático-pedagógicas*, já que ela afirma não acompanhar os deveres de casa e não comenta sobre outras práticas que influenciem diretamente o desempenho escolar do jovem: “eu também não vou ficar esquentando minha cabeça com ninguém não”. Essa frase de dona Roberta lembra famílias de comportamentos *laissez-faire* da pesquisa de Alves (2010), que são famílias que colocam nos estudantes a maior responsabilidade por seu próprio sucesso ou em que os pais interferem pouco na vida escolar dos filhos.

4.2.2. Zona Norte

4.2.2.1. Trajetórias lineares

Apresentaremos, a seguir, os casos da zona norte que apresentaram *trajetórias lineares*, sem interrupção nos estudos e matriculados no Ensino Médio regular.

4.2.2.1.1. Yam

A partir da entrevista com o pai de Yam, sr. Alécio, depreendemos que o jovem, em 2017, se encontrava no Ensino Médio regular, sem interrupção nos estudos entre 2013 e 2016, apesar da defasagem idade-série, o que foi resultado de reprovações anteriores à entrada no 6º ano, ou seja, antes da entrevista realizada no primeiro contato com a família em 2013³⁵. A trajetória de Yam se deu da seguinte forma: em 2013, saiu da Escola Municipal ZN2 e foi matriculado na Escola Municipal ZN3. Depois da Escola Municipal ZN3 foi para a Escola Municipal ZN4. O pai diz que ele repetiu de série duas vezes, mas segundo o histórico escolar e dados de 2013, isso aconteceu no primeiro segmento do Ensino Fundamental, enquanto ainda era da Escola Municipal ZN2.

³⁵ Os dados do histórico escolar confirmam isso.

Uma divergência entre o histórico escolar da SME e a fala do pai é que ele diz que o Yam saiu da Escola Municipal ZN2 e foi para a Escola Municipal ZN5 e só depois foi para a Escola Municipal ZN4. Na ficha consta que ele saiu da Escola Municipal ZN2, foi para a Escola Municipal ZN3 e depois foi para a Escola Municipal ZN4. Por fim, segundo o pai, o jovem, em 2017, foi alocado pela Escola Municipal ZN4 no Colégio Estadual ZN2 e depois foi para o Colégio Estadual ZN1.

Tanto segundo a o histórico escolar da SME quanto à entrevista com o pai apontam para o fato de que o jovem não fez nenhum projeto de aceleração para corrigir defasagem idade-série. Em 2017, Yam tinha 17 anos e, como diz o pai, “deveria estar terminando” o Ensino Médio, mas por conta da não entrada em projeto de correção de fluxo, em 2017, estava no primeiro ano do Ensino Médio. Além de estudar, Yam trabalhava com o pai como frentista.

Na família de Yam, no que se refere às percepções familiares acerca da Escola Municipal ZN4, sr. Alécio diz que é uma escola boa e fala sobre a boa relação que tinha com a diretora:

“eles me chamavam em toda vez que o Yam fazia alguma palhaçada... eu tinha que ir lá...conheci até a diretora, peguei até intimidade, quase que eu tomo uma cerveja com ela.” (sr. Alécio)

Complementou a percepção positiva acerca da escola, confrontando com a percepção negativa que tinham sobre ela no passado e falando sobre mudanças na escola:

Sr. Alécio: Era responsável, elas me chamavam, é bom quando a pessoa chama...deu algum problema?...eu até deixei essa autorização...qualquer coisa você liga que eu tô aqui, aí elas faziam isso...que tem escola também que nem liga, né...só quer ganhar o deles, pelo menos elas...comigo elas chamavam...eu dei essa autorização pra ficar me chamando...qualquer hora pode vir...ele era...meio arteiro
(...)

Pesquisador: Mas tinha alguma indicação de amigos... de alguma coisa para você saber que lá era bom? O que que as pessoas comentam sobre essa escola?

Sr. Alécio: As pessoas falavam que a escola não prestava. Que tinha muita coisa que eles faziam lá naquela quadra, mas depois que eles fecharam lá e ficou bom. Antes disso ela era danada aquela escola... fumavam maconha...

Pesquisador: Mas isso já tem muito tempo ou ainda permanece?

Sr. Alécio: Não... agora tem um murão... tem um murão alto lá que não pulam mais não. Portão ficava aberto...

Sr. Alécio dá nota 9 para a Escola Municipal ZN4 por conta de uma falta de água na escola e diz não se lembrar de pontos positivos a destacar. Fala para colocar nota 10 para os demais anos, mas também não sabe explicar detalhes do porquê da nota.

Sobre a primeira escola de Ensino Médio em que Yam está matriculado (Colégio Estadual ZN2), ele diz que é perigosa e que pediu transferência para outra escola (Colégio Estadual ZN1):

“Que isso cara...vagabundo sai de lá da favela e fica dentro da escola. Embaixo da escola pô...vou querer meu filho lá? Saindo dez horas da noite...eu ia ter que buscar ele todo dia. Então eu consegui pedir uma transferência.” (Sr. Alécio)

Sobre o Colégio Estadual ZN1, ele diz não saber o que dizer pois o filho se encontrava lá há pouco tempo, mas diz que as pessoas que estudaram lá falavam bem da escola. Diz, inclusive, que acha que é a melhor escola de Ensino Médio do bairro, ao mesmo tempo que diz que só há essa escola de Ensino Médio nas proximidades. Ao ser perguntado sobre a pior escola de Ensino Médio do bairro diz que, além do Colégio Estadual ZN1, há aulas a noite de Ensino Médio na Escola Municipal ZN4, mas não soube caracterizar o Ensino Médio lá:

Pesquisador: Na sua opinião, qual é a melhor escola de Ensino Médio do bairro?

Sr. Alécio: Acho que é o Colégio Estadual ZN1, mesmo porque tomo mundo é lá cara...[se referindo que todo mundo no bairro estuda nessa escola]

Pesquisador: Todo mundo fala dela?

Sr. Alécio: Só tem essa...

Pesquisador: Quais são os pontos positivos que você ouviu falar dela?

Sr. Alécio: Ponto positivo? Ah, não sei cara...todo mundo que estudou ali, terminou lá, fala bem da escola.

Pesquisador: Fala o que exatamente?

Sr. Alécio: Fala bem da escola pô, que a escola é boa, que os professores são bons...explicam, ensinam, são amigos...entendeu?

Pesquisador: Entendi. E qual é a pior escola de Ensino Médio do bairro?

Sr. Alécio: Cara, só tem essa, o Colégio Estadual ZN1 e a Escola Municipal ZN4, tem ano que tem e tem ano que não tem.

Pesquisador: Aham...sim.

Sr. Alécio: E eu não conheço o proceder da Escola Municipal ZN4 a noite, de segundo grau. Eu não conheço.

Pesquisador: Mas quais seriam os pontos negativos que você destacaria de lá a noite?

Sr. Alécio: Ah cara, não sei.

O pai do Yam informa que vai à escola quando é chamado, o que diz ocorrer com frequência por problemas de disciplina do filho. Conta que só em 2017, no Colégio Estadual ZN1, foram três chamadas para ir até a escola. Diz que sai nervoso da escola toda vez que é chamado por problemas de disciplina, e ao chegar em casa repreende o filho, o qual, segundo o pai, muda de comportamento após as chamadas de atenção. Diz que o comportamento do jovem se repetia desde o período em que estava no Ensino Fundamental:

Sr. Alécio: Toda vez que eu sou chamado, cara, é sempre pelo mesmo motivo. É que nem o que acontece aqui: não presta atenção, fica arrumando problema. Não presta atenção muito na aula. Conversa, fica distraído né...de papinho.

Pesquisador: E só esse ano foram 3 vezes que você falou...? Teve alguma vez na Escola Municipal ZN4 que ele já foi chamado?

Sr. Alécio: Chamado por esse motivo também: não presta atenção.

Pesquisador: Mais de uma vez?

Sr. Alécio: Uma vez só. Porque não presta atenção na aula. Aí descasco o abacaxi e vou lá descubro que o cara tá bom.

Sr. Alécio diz que não acompanhava muito os estudos do filho fora da escola apesar de cobrar que estude; fala que alertava sobre os resultados educacionais do filho nos anos em que

ele reprovou no primeiro segmento do Ensino Fundamental. Segundo ele, estimula o filho a estudar e, apesar das dificuldades do filho, diz que ele tem que aprender sem que haja explicadora, a qual nunca pagou para o jovem; aponta também que após as cobranças anteriores, o filho melhorou o desempenho:

Pesquisador: E quando você ficou sabendo que ele ia reprovar?

Sr. Alécio: Quando que eu fiquei sabendo...eu acompanhava a escola, pô,...aí eu via...falava "esse ano vai ser brabo pra tu...vai dar pra passar não..."..."não vai passar cara, tá de brincadeira..." nunca botei ele também em explicadora...ele tem que ter a cabeça dele pra fazer. Mas agora ele tá bem melhor. Entendeu?

Uma ação a ser destacada foi a negação de entrada do jovem no projeto de aceleração, mas sr. Alécio não conta detalhes sobre o motivo que o jovem foi convidado para o projeto de correção de fluxo. O pai reprova o projeto por alegar que não se pode aprender em pouco tempo a quantidade de conteúdo que não foi aprendida em um ano inteiro: “Então...se não aprendeu em um ano, vai aprender em 3 meses? 4 meses?”

Sr. Alécio também mobilizava as relações pessoais de maneira a favorecer suas ações tanto acerca dos estudos do filho como também no campo profissional ou de formação não escolar. Um exemplo disso foi a fala sobre a entrada do filho no quartel, que ele associa a uma condição melhor de vida e, para conseguir ingresso do filho, mobilizou relações pessoais:

Ah, tem que trabalhar numa coisa melhor, cara... falo para ele tem uma coisa melhor... é digno trabalhar na Kombi? É... mas queria que ele trabalhasse numa coisa melhor pra ele.. ele vai pro quartel agora, já botei ele na fita de um cara que vai levar ele para aeronáutica, o outro quer levar pra Marinha...entendeu? Uma coisa melhor para o cara... vai ficar nessa onda de ferro velho? (Sr. Alécio)

Na transição para o Ensino Médio, sr. Alécio negou a permanência do filho no Colégio Estadual ZN2 por alegar que lá é muito perigoso. Disse que foi a Escola Municipal ZN4 que matriculou o jovem e apenas informou a família por intermédio de um bilhete. Quando foi no Colégio Estadual ZN2 fazer a matrícula do filho não gostou do lugar e pediu transferência e o jovem ficou lá apenas três dias. E essa transferência parece estar relacionada com relações pessoais estabelecidas com o diretor do Colégio Estadual ZN1:

Eu fui aqui no Colégio Estadual ZN1. Aí eu consegui. Eu peguei intimidade lá com o diretor lá e aí ele conseguiu pra mim. Ele ó: “vai surgir uma vaga, vê se tem uma desistência”, isso foi logo no início do ano. Aí teve uma desistência e eu até arrumei pra uma menina aqui também... (Sr. Alécio)

O pai de Yam conta que não entrou em contato com nenhum tipo de sistema online para matrícula no Ensino Médio. Apenas foi direto no Colégio Estadual ZN1, conversou com o diretor, que o avisou sobre a vaga que tinha surgido. Segundo sr. Alécio, bastou solicitar uma declaração no Colégio Estadual ZN2 e pedir transferência para o Colégio Estadual ZN1, do

qual ele diz que as pessoas falam bem, além de ser mais perto de sua casa e ele poder ficar mais perto caso algo aconteça:

“Tinham me falado que os vagabundos quando saía tiro lá ficavam embaixo do colégio. Entendeu? E é perigoso, cara, trouxe ele pra cá, pra perto de mim. Tá perto de casa. Todo mundo conhece ele...” (Sr. Alécio)

É possível notar que, apesar de o pai de Yam não apresentar como destaque *ações didático-pedagógicas* (por dizer que não acompanha os estudos do filho e que ele tem que aprender sozinho, sem ajuda de explicadora), sr. Alécio tem *ações comportamentais/de moralidade escolar*, quando vai na escola por conta de problemas de disciplina do filho e o repreende ao chegar em casa, além de *ações de gerenciamento do acesso e permanência*, a partir da negação da entrada do filho em projeto de aceleração, fazendo com que o jovem estude no tempo regular e também é de se destacar a mobilização de relações pessoais com o diretor do Colégio Estadual ZN1, o qual ele tinha interesse, para conseguir vaga.

4.2.2.1.2. Thais

Thais estudou entre 2013 e 2016 na Escola Municipal ZN6, localizada no bairro onde mora com sua família e em 2017 se encontra matriculada no Colégio Estadual ZN1.

A mãe de Thais, dona Taissa, considera a Escola Municipal ZN6 uma escola muito boa e diz que é a escola que ela gostaria que a filha estudasse, destacando o ensino e a direção da escola e diz que não recomendaria “só pelo nome”, dando a entender que o nome da escola tem prestígio na região. Disse que não possui motivos para não recomendar a escola para a alguém:

Pesquisadora: Ela estudou na escola que você gostaria que ela estudasse? Na Escola Municipal ZN6?

Dona Taissa: Estudou. Eu gostei de lá...ela foi indicada, no caso, né? Aí quando ela passou pra lá quando ela fez 4º série, 5º série na época que ela foi pra lá....mas eu gostei do ensino lá..

Pesquisadora: Gostou da escola? Era a escola que você gostaria?

(...)

Dona Taissa: Estudou, gostei de lá.

Pesquisadora: Você queria aquela escola mesmo?

Dona Taissa: Uhum

Pesquisadora: Por quais motivos?

Dona Taissa: Por causa do ensino. O ensino nas redondezas, de lá é melhor.

Pesquisadora: E por quais motivos você recomendaria essa escola?

Dona Taissa: Pelo ensino, pela direção, pelo colégio...não só pelo nome, entendeu?

Pesquisadora: E por quais motivos você não recomendaria essa escola?

Dona Taissa: Não recomendaria? Não tem motivo não. Só é longe um pouco. Quando chega o verão assim e tem que subir...porque é uma ladeira...é lá no alto. Mas fora isso...

A mãe da Thais dá nota 10 para a Escola Municipal ZN6 em todos os anos que a filha estudou lá. Comenta que nunca teve problemas e que a filha apenas sentiu diferença quando

mudou da escola de primeiro segmento para a Escola Municipal ZN6. Falou que lá é muito rígido em termo de regras (deu exemplo com horário e uniforme):

Pesquisador: Mas como foi essa diferença? Diferença em relação ao que exatamente?

Dona Taissa: O ensino. Eles lá são muito rígidos. Horário...uniforme...entendeu? É tudo certinho.

Pesquisador: E era diferente da escola que ela estava antes?

Dona Thais: Não, na outra escola também não tenho que me queixar. Entendeu? Mas lá, acho que é muito mais assim...seguro...sabe? Muito mais forte lá

Dona Taissa destacou a formatura de Thais no 9º ano, que se deu em 2016. Os pais pagaram uma quantia para que alugassem um salão onde foi realizada a festa. Thais interferiu nesse momento da entrevista dizendo que não seria possível utilizar dinheiro da escola já que é pública. Falou que o salão foi conseguido pela mãe de uma das alunas.

A mãe de Thais afirma que a filha sempre estudou no turno da tarde, desde 4 ou 5 anos e diz que é preferência dela (mãe) por conta do ritmo de trabalho em casa; era mais fácil, segundo ela, levar a jovem para a escola de tarde e retornar para fazer as coisas em casa do que se tivesse que levar de manhã. Conta também que a escola nunca tentou mudar a jovem de turno.

A turma também permaneceu a mesma, porém foi a Thais que respondeu às perguntas sobre turma já que a mãe não lembrava o número delas.

Thais nunca repetiu de série e também nunca participou de nenhum projeto de aceleração (correção de fluxo) ou reforço escolar, segundo a mãe.

Quando a Thais passou para o Ensino Médio, a matrícula na escola foi feita pela internet, a partir de 3 opções, segundo a mãe. A primeira opção foi o Colégio Estadual ZN1, no bairro, a segunda foi o Colégio Estadual ZN3, em um bairro vizinho e a terceira foi o Colégio Estadual ZN4, em outro bairro próximo. Inicialmente, Thais conseguiu vaga no Colégio Estadual ZN3, mas por insatisfação da mãe (mais comentada a frente), a jovem passou o Colégio Estadual ZN1.

Segundo dona Taissa, a melhor escola de Ensino Médio do bairro é a Escola Municipal ZN3, que tem Ensino Médio na parte da noite segundo ela. Diz que considera essa escola melhor pois há alunos adultos na escola e que, por isso, eles deviam se concentrar mais à aula, o que tornaria a escola melhor:

Pesquisadora: Em sua opinião, qual é a melhor escola de Ensino Médio do bairro?

Dona Taissa: Melhor escola?...(pausa) tirando a Escola Municipal ZN6?

Thais: Mas de Ensino Médio...

Dona Taissa: Não sei, só tem ela...

Thais: Só tem a Escola Municipal ZN6 e a Escola Municipal ZN3 que são a noite...

Pesquisadora: Ensino Médio...

Dona Taissa: De Ensino Médio já eu não conheço, que é primeiro ano né...mas o pessoal fala...a gente vai muito pelo que o povo fala. A Escola Municipal ZN3 falam que lá é bom, mas lá é a noite. Dizem que lá é bom. Ali eu não conheço o ensino não...que é o primeiro ano dela né...

(...)

Pesquisadora: Por quê?

Thais: Porque ali, de noite, mais o pessoal que trabalha né? Eu vejo umas senhoras assim passando... Não vejo muita garotada não...acredito que, assim, o pessoal seja mais assim...concentrado, pela idade né? Não é a garotada que é aqui.

Pesquisador: Mas são pessoas mais velhas que estudam lá?

Thais: É, o pessoal da noite eu já vejo pessoas assim...senhoras casadas...entendeu? Mães, assim né...não tem muitas meninas...

Apesar de dizer que não conhecia muito bem as escolas de Ensino Médio do bairro, Dona Taissa foi precisa ao indicar a pior escola de Ensino Médio: Escola Municipal ZN4, alegando, com risos, que é preciso fechar a escola. Diz que há muita bagunça no espaço e que há, inclusive, guardas municipais durante a entrada e saída dos alunos da escola:

Pesquisadora: E na sua opinião, qual é a pior escola de Ensino Médio do bairro?

Thais: Escola Municipal ZN4 (falou rindo).

Dona Taissa: Escola Municipal ZN4...aquele colégio é uma bagunça (risos), tem que fechar aquilo.

(risos de todos)

Pesquisadora: Qual é o nome da escola?

Dona Taissa: Escola Municipal ZN4. É a maior bagunça aqui ali, Deus me livre...tu passa ali, nossa...se tivesse que denunciar aquilo ali eu ia denunciar todo dia

Thais: Tanto a noite...tanto Ensino Médio quanto...

Dona Taissa: Tu passa ali pra levar as crianças, porque aqui tem muita criancinha, né...e estudam tudo ali, os colégios são ali em cima. Tu passa ali, esses dias tinha até carro de polícia. Uma brigalhada menina...eles botam o carro de som, funk, ficam de bicicleta, aquelas motoca velha que eles arrumam na beira da rua aí e ficam ali uma hora no sol quente, aí, e tu quer passar com as crianças e não pode. É a maior bagunça aquele colégio. Não é nem assim...dentro eu não sei, mas a porta tu não pode passar. Eu já vi uma vez acho que a diretora saindo com um dos seguranças lá do colégio pra poder dar esporro no pessoal que tava sentado ali.

Pesquisador: Mas segurança? Tem segurança lá?

Dona Taissa: Eu não sei se eles são dali de dentro né...coordenador...

Thais: É Guarda Municipal

Pesquisador: Ah tá...

Dona Taissa: Eles ficam muito alvoroçados ali...dizem que eles estavam jogando pedra no outro dia.

Thais: Lá tanto na hora da entrada quanto na saída tem Guarda Municipal.

Pesquisador: Ah sim...e não é em toda escola isso?

Dona Taissa: Não...ali...não sei se é por causa da esquina ali...

Thais: É só naquela escola...

Dona Taissa: É só aquela escola...

Thais: Ali tem a Escola Municipal ZN4, a Escola Municipal ZN7 que é do lado e a Escola Municipal ZN5.

Dona Taissa: A Escola Municipal ZN5 e tem mais a outra...são 4 numa calçada só. Mas essa é a pior que tem essa Escola Municipal ZN4.

Pesquisadora: Mas por que ela é pior?

Dona Taissa: Por causa de bagunça...mas assim...não acredito que seja pela direção, coordenação não...acredito que seja deles mesmo, eu vejo muitas vezes ali. O Guarda Municipal eles não respeitam. A diretora mesmo vindo lá de fora veio reclamar. Tanto que eles fecharam. Botaram um portão de ferro e o portão é tipo uma grade, o muro é alto...eles modificaram bem, mas, assim...das crianças mesmo, os garotos dali...param ali

Dona Taissa cita a existência de duas escolas privadas no bairro: Escola Particular ZN1 e Escola Particular ZN2, mas não soube falar sobre elas.

Ao ser perguntada sobre a pior escola pública de Ensino Médio, ela ficou em dúvida entre a Escola Municipal ZN1 e a Escola Municipal ZN4, mas reforça que a segunda “consegue superar” a primeira em termos de escola pior.

A mãe de Thais diz que muitas pessoas acompanham o estudo da jovem e ela recebe ajuda, às vezes, da tia, que leva computador para a casa de Thais para que a estudante pudesse fazer trabalhos. Dona Taissa diz que ela, a madrinha, os tios e demais pessoas na família estimulam Thais a estudar.

Dona Taissa diz que acompanha os deveres de casa e que na Escola Municipal ZN6 haviam muitos. Quando a jovem tinha dificuldade, perguntava para ela se queria que fosse na escola conversar com algum professor, o que era negado pela Thais, que preferia resolver os problemas sozinha:

Pesquisadora: Alguém acompanha os estudos da sua filha?

Dona Taissa: Aqui em casa todo mundo (risos). Cada um olha um bocadinho...sempre aqui subo na escada, às vezes alguém pergunta: “cadê Thais?” [perguntam] “tá no caderno.” [resposta da mãe] “Ah, mas fazendo o quê?” [perguntam] aí quando eu não sei e ela fica meio perdida eu: “chama tua tia...” [fala pra filha], que é minha tia, né...”chama tua tia pra te dar uma forcinha” aí o pessoal vem com o computador com ela.

Pesquisadora: A tia ajuda?

(...)

Dona Taissa: Ajuda. Agora com computador e internet fica mais fácil

(...)

Pesquisadora: Alguém a estimula a estudar?

Dona Taissa: Ah, aqui eu, a madrinha, os tios, todo mundo...

(...)

Pesquisadora: Você acompanha as atividades da escola?

Dona Taissa: Acompanho

Pesquisadora: Quais?

Dona Taissa: Bom, quando ela pega no caderno eu pergunto, quando ela chega eu pergunto qual é a matéria, qual a dificuldade, se tem algum problema eu assim...“ah, Thais, deixa eu ir lá na escola saber com o professor” aí ela fala: “pelo amor de Deus, eu vou dando um jeito” aí eu pergunto né... eu não sei, mas ajudar vale a pena... mas fora isso ela não dá trabalho nesse negócio de escola... de não saber...ela é bem interessada.

Pesquisadora: E você acompanha dever de casa?

Dona Taissa: Acompanho

Pesquisadora: Com qual regularidade?

Dona Taissa: Muita né. Porque ela fica todo dia no caderno aí eu fico querendo saber o que ela tá fazendo no caderno. O que tá fazendo no celular... “mãe, tô fazendo trabalho” fico perguntando

Inicialmente, não houve êxito na matrícula no Colégio Estadual ZN1 mas a vaga foi conseguida pela mãe a partir de ações que mobilizou. Segundo a ela, há uma segunda tentativa

online em que só é permitida a escolha de uma escola; as opções foram: Colégio Estadual ZN3 e Colégio Estadual ZN5, em um bairro próximo. Thais foi matriculada no Colégio Estadual ZN3, a noite, porém a mãe não ficou satisfeita alegando que a escola é perigosa, por conta de tiroteios nas proximidades. Conta que deixou a filha ir uma vez à escola de maneira que ela pudesse conhecer e não perder a vaga mas afirma que no dia seguinte tentou vaga no Colégio Estadual ZN1, tendo que “madrugar” na escola tendo em vista que lá ocorre uma semana de distribuição de senha para matrícula, segundo a mãe. Segundo a mãe, há pessoas que chegam por volta de 3 ou 4 horas da manhã para conseguir vaga e, após chegar 6h, conseguiu vaga para a filha no turno da tarde. Dona Taissa comenta que a Thais até queria estudar no turno da noite, mas ela não quis que a jovem estudasse nesse horário já que ela tem 15 anos e, segundo ela, “estudar a noite é pra quem precisa mesmo”, dizendo que a filha não estaria acostumada a acordar cedo para trabalhar e estudar a noite. A mãe diz que iria tentar colocar a filha na parte da manhã (e isso está relacionado à êxito em uma vaga no Jovem Aprendiz):

Dona Taissa: Da primeira a gente não conseguiu, não foi? (falando com a Thais) aí tem a segunda tentativa. Aí nós fomos na segunda

Thais: Aí só podia escolher uma escola

Dona Taissa: Só podia escolher uma?

Thais: É. Só podia escolher uma. Tinha o Colégio Estadual ZN3 e o Colégio Estadual ZN5 a noite

(...)

Dona Taissa: E esses dois a noite na segunda tentativa, aí pra não perder a escola, né...perder o ano, fomos pro Colégio Estadual ZN3, mas aí tem esse esquema de tiroteio...aí foi a noite só lá, deixei ela ir uma noite só que é pra ela ir lá, saber, conhecer pra não perder a vaga...e no dia seguinte eu tentei aqui, aqui tinha que ir madrugar. Tinha gente chegando , 3, 4 horas da manhã aqui...cheguei lá 6 horas da manhã e peguei a fila na outra ponta. Aí consegui aqui pra ela. Só que eu tô tentando botar ela pra de manhã. Ela até queria estudar a noite. Mas aí estudar, com 15 anos, acordar cedo pra ir trabalhar e estudar a noite...aí eu falei...hoje em dia não tá acostumada. Estudar a noite é pra quem precisa mesmo, aí eu consegui a tarde pra ela. Aí eu falei: vamos um pouquinho mais pra frente, lá pra Março/Abril a gente tenta pra de manhã.

A mãe de Thais diz que, inicialmente, queria que a filha estudasse em alguma “escola técnica” e citou o Cap da UERJ³⁶, CEFET, Colégio Pedro II e Thais ainda citou o colégio da Fiocruz. Dona Tassia diz que Thais não passou nos concursos e que a Escola Municipal ZN6 é que indicou escolas para a realização de concurso. Thais e sua mãe disseram que a escola avisava que quando tivesse próximo à data de inscrições para as provas de admissão no Ensino Médio, alertariam os estudantes. Não apenas para escolas públicas é que a Escola Municipal ZN6 indicava; também indicava para o Smart, que classifica os estudantes para entrada em

³⁶ Utilizamos nomes reais para os estabelecimentos de ensino quando, no nosso entendimento, as falas não geram nenhum tipo de comprometimento para as instituições.

escolas privadas. Thais informa que as únicas escolas estaduais indicadas pela Escola Municipal ZN6 era o Colégio Estadual ZN5 e o Colégio Estadual ZN4, que são escolas normais, segundo dona Taissa.

Dona Taissa mobiliza dois tipos de ação em destaque: *ação didático-pedagógica* e *ação de gerenciamento do acesso e permanência*. As ações que se encaixam no primeiro tipo são os acompanhamentos que a mãe de Thais, a madrinha e os tios promovem em relação aos estudos da jovem. Taissa diz que orienta Thais a pedir auxílio para a tia em caso de necessidade na realização de trabalhos de escola, além de perguntar a filha se há necessidade de ir na escola conversar com professores, o que é negado pela filha, que prefere resolver seus problemas escolares sozinha segundo a mãe. Todas essas ações estão diretamente associadas ao desempenho da jovem na escola. A ação de gerenciamento do acesso e permanência foi a mãe ter conseguido vaga para a filha no Colégio Estadual ZN1 após ter ficado insatisfeita com a escola em que a jovem havia conseguido vaga a partir da matrícula online.

4.2.2.1.3. Giovana

Giovana, segundo sua mãe, dona Angélica, fez os anos finais do Ensino Fundamental na Escola Municipal ZN4 e em 2017 está matriculada em um colégio estadual que a mãe não soube dizer o nome.

A mãe considera a Escola Municipal ZN4 uma escola boa por conta da diretora (e professores), principalmente, embora diga que a filha não gostava de lá. Todos os irmãos (são 4 filhos) estudaram na Escola Municipal ZN4, segundo a mãe. Diz que não há motivos para não recomendar a escola e destaca o papel da diretora, dizendo que é “disciplinar” e que chama os responsáveis na escola. Segundo o histórico escolar da jovem obtido junto à Secretaria Municipal de Educação, a jovem estudou na Escola Municipal ZN3 antes da Escola Municipal ZN4, mas em nenhum momento aquela foi citada pela mãe.

Dona Angélica diz que o motivo de a filha não gostar da Escola Municipal ZN4 é o fato de que as suas colegas não estudavam lá em maioria e Giovana gostava de estar em escolas em que suas colegas estivessem:

Pesquisador: E essa escola...a Escola Municipal ZN4, foi a escola que a senhora gostaria que ela estivesse?

Dona Angélica: (pequena pausa) foi

Pesquisador: Por quê?

Dona Angélica: Porque é uma escola boa. Ela não gostava, mas pra mim é boa, entendeu? Diretora, professores, entendeu? E meus filhos todos estudaram lá. Os irmãos estudaram lá.

Pesquisador: Ah tá, tem outras pessoas que estudaram lá...ela tem quantos irmãos?
Dona Angélica: Giovana tem mais três irmãos
Pesquisador: Hum...e todos estudaram na Escola Municipal ZN4?
Dona Angélica: Todos estudaram na Escola Municipal ZN4
Pesquisador: Mas por que a senhora achava que lá era bom?
Dona Angélica: Ah, por causa dos professores, a matéria, entendeu? O ensinamento...o ensino né?
Pesquisador: E por que a Giovana não gostava?
Dona Angélica: Giovana nunca gostou. Gostava de estudar na escola que as coleguinhas queriam estudar, entendeu?
Pesquisador: E por quais motivos você recomendaria essa escola?
Dona Angélica: Porque é uma escola boa... a direção é boa, entendeu? Os professores são bons...
Pesquisador: Aham, muito bem... (pausa) por quais motivos você não recomendaria essa escola pra alguém?
Dona Angélica: Não recomendaria? Por motivo nenhum.

Dona Angélica avaliou a Escola Municipal ZN4 com 10 em todos os anos em que a filha estudou lá e destacou que a escola é boa, alguns alunos é que não queriam estudar, segundo ela.

A jovem nunca repetiu de série, nem participou de projetos de aceleração (correção de fluxo) e, segundo a mãe, sempre estudou no turno da manhã.

A escola de Ensino Médio que a mãe de Giovana queria que a filha estudasse era o Colégio Estadual ZN1, no bairro onde mora, que segundo ela é a mais próxima e a única escola de Ensino Médio no bairro. O filho dela havia estudado lá e, por conta disso, ela achava a escola boa, pautada em percepções do jovem. Comenta que mais ninguém indicou essa escola para ela.

Apesar de a dona Angélica querer que Giovana estudasse no Colégio Estadual ZN1, a estudante conseguiu vaga em outro colégio estadual em um bairro vizinho, por conta de problemas no momento da matrícula, o que será explicado mais à frente.

A mãe da jovem diz que se assustou a fazer a matrícula da filha no colégio estadual do bairro vizinho:

Dona Angélica: Quando eu fui lá levei até um susto
Pesquisador: Mas por que tomou um susto?
Dona Angélica: Porque fica ali perto do [nome de local], atrás do [nome de local]. Aí fica umas pessoas rodando de moto. Aqueles caras do [nome de local], [nome de local], ficam tudo ali...entendeu? É bagunça mesmo. Cê vê que os caras fumam as coisas, as drogas deles. A escola é boa, a direção é boa. Mas o local é que...não é adequado.³⁷

Dona Angélica diz que cobrava por bom desempenho da filha e comenta que era obrigação da jovem conseguir tirar notas máximas. Além da cobrança por desempenho, a mãe

³⁷ O local descrito fica próximo a um supermercado e a favelas da região de um bairro vizinho. A nível de hipótese, ela está falando do Colégio Estadual ZN2, já que a descrição do local nessa fala é semelhante a descrição do sr. Alécio. Mas como a mãe não diz o nome da escola e não há outras fontes de dados, não é possível afirmar a qual colégio ela está se referindo.

de Giovana promovia ações de fiscalização de parte do seu material escolar, afirmando olhar o caderno da filha todos os dias:

Pesquisador: E qual era o conceito da Giovana no boletim geralmente?

Dona Angélica: Ó, não vou te mentir: primeiro bimestre: R. Segundo bimestre: B. Terceiro bimestre: MB. E aí ela ia só no MB porque eu falava pra ela que R não era... Obrigação é ela tirar MB. Sempre foi MB. Obrigação dela é tirar, né? Tem obrigação de tirar MB.

Eu olhava o caderno todo dia

Pesquisador: A senhora acompanhava...?

Dona Angélica: Eu acompanhava...dever de casa...

Pesquisador: E tinha muito dever de casa?

Dona Angélica: Tinha

Pesquisador: É...quantas vezes na semana mais ou menos ela chegava falando que tinha dever de casa?

Dona Angélica: Todo dia...todo dia tinha dever de casa.

Pesquisador: Uhum. Alguém estimula ela a estudar?

Dona Angélica: Eu mesmo. Eu e o irmão.

A mãe de Giovana conta que ajudava pouco a filha nos deveres de casa pois a jovem sabia resolver a maioria dos trabalhos sozinha, mas diz que auxiliava quando Giovana solicitava:

Pesquisador: Você acompanha as atividades da escola além de dever de casa? Alguma outra coisa?

Dona Angélica: Só em trabalho da escola: “mãe, da uma opinião aí...” sobre trabalho de escola...

Pesquisador: Entendi. Acompanhava o dever de casa?

Dona Angélica: Também.

Pesquisador: Com qual regularidade?

Dona Angélica: Ah, pouco entendeu. Porque maioria das coisas ela sabia. Às vezes ela me pedia opinião: “mãe, como é que eu faço isso aqui”, aí eu dava.

A mãe de Giovana conta uma situação em que foi chamada na escola e faltou ao trabalho para comparecer, se irritando com o professor que não lembrava do motivo pelo qual a tinha chamado na escola:

Dona Angélica: Teve um negócio de um professor aí que... Me chamou lá...[nome do professor]. E chegou lá e ele disse que era só pra falar uma reclamação dela. Mas eu: “o senhor não falou que ela ganhou advertência?”, aí, eu: “da próxima vez eu te bato”, “da próxima vez eu te bato, [nome do professor]”.

Pesquisador: (risos)

Dona Angélica: “Baato” (risos)

Pesquisador: Mas como é que foi isso: Explica um pouco melhor essa história

Dona Angélica: Não sei o que ela fez que ele fez advertência e mandou eu ir lá. Aí eu fui. Chegou lá...aí: “eu mandei chamar a senhora?”[disse o professor], falei “mandou me chamar”. “Não me lembro não.”[disse o professor] Aí eu falei: “da próxima vez eu venho com um pedaço de pau e te pego”

Pesquisador: Ah, você falou pra ele?

Dona Angélica: Mas assim, com raiva porque eu faltei serviço, entendeu?

Pesquisador: Ele não lembrava?

Dona Angélica: Não, ele não lembrava

Pesquisador: Hum

Dona Angélica: Ele cismava mesmo. Uma pessoa fazia bagunça, aí você ia...aí ele achava que você tinha que pagar por aquela que fazia bagunça. Não é assim. Falei pra ele: “não é assim”. Entendeu?

Na transição para o Ensino Médio, com medo de perder a vaga em uma escola que oferecesse essa etapa da formação escolar, a mãe da Giovana delegou para uma conhecida (e pagou para isso) a função de matricular a filha no Ensino Médio via matrícula *online*. Segundo dona Angélica, essa pessoa trabalhava com internet e serviços associados a CPF. A mãe de Giovana conta que a pessoa responsável pelas matrículas cometeu dois erros seguidos: o primeiro foi matricular a jovem no 9º ano ao invés de no 1º ano do Ensino Médio e o segundo foi matricular a aluna a noite, o que dona Angélica não queria já que considerou isso um erro. Além disso, dona Angélica afirma que a pessoa “contratada” por ela não comunicou ela e Giovana sobre os erros. A estudante veio a descobrir, posteriormente ao ocorrido, que não havia conseguido vaga em nenhuma escola de Ensino Médio; dessa maneira a jovem teria que tentar uma vaga novamente na “segunda fase”. Foi nesse momento que Giovana tomou partido da matrícula e, na “segunda fase”, a única opção de escola que havia era o Colégio Estadual no bairro vizinho (o qual a mãe não lembra o nome):

Pesquisador: Como foi a inscrição, a matrícula...?

Dona Angélica: Foi difícil. Porque a menina fez errada a matrícula dela. Duas vezes.

Pesquisador: Então, mas como é que foi isso? Quem era essa pessoa que...?

Dona Angélica: Uma colega minha, uma conhecida minha. Como ela faz um negócio de CPF, trabalha pela internet, falou “Angélica, tão fazendo matrícula”, eu falei: “tá”. Mas eu com pressa de ela perder a matrícula e perder a vaga...ela [Giovana] “mãe, deixa que eu faço”, eu falei “não”, aí eu paguei a menina pra fazer.

Pesquisador: Mas...essa mesma pessoa?

Dona Angélica: Essa mesma pessoa as duas vezes. E saiu errado. Aí ela ficou pra segunda fase. Entendeu?

Pesquisador: Ah tá...

Dona Angélica: E ela quase que ela não consegue.

Pesquisadora: Como assim saiu errado?

Dona Angélica: Porque ela botou a Giovana como...estadual né não.....acho que ela botou a Giovana no 9º ano de novo...e não é no 9º...e na outra fase acho que ela botou a Giovana a noite, que eu lembre é a noite, tô até com os papéis lá

Pesquisadora: Mas ela veio e avisou?

Dona Angélica: Não. Não avisou não. Giovana que procurou, viu e falou: “mãe, não consegui vaga não, fiquei pra segunda fase”, as duas vezes. Aí ela mesma fez depois e conseguiu. A única escola que tinha é essa de [bairro onde fica o Colégio Estadual em que Giovana conseguiu a vaga].

Após Giovana conseguir vaga no Colégio Estadual do bairro vizinho ao invés de no Colégio Estadual ZN1, como dona Angélica queria, a mãe disse que falou que para a filha que não valeria a pena trocar de escola pois as aulas no Colégio Estadual ZN1 começariam tarde. Isso foi o que foi possível extrair da entrevista, mas não ficou claro o motivo exato de a dona Angélica desistir de tentar vaga no Colégio Estadual ZN1.

Foi possível notar que dona Angélica diz acompanhar os estudos da filha dia a dia, a partir de fiscalização do caderno, cobranças por desempenho e auxílio com dúvidas nos deveres escolares. Essas ações se enquadram na categoria *ação didático-pedagógica*. Além disso, dona Angélica, a partir da “terceirização” da matrícula da filha no Ensino Médio e da reação negativa a postura de um professor que ela considerou inadequada age também na categoria *ações de gerenciamento do acesso e permanência*.

4.2.2.1.4. Vanessa

Segundo dona Vânia, Vanessa estudou de 2013 a 2016 na Escola Municipal ZN5, localizada no bairro onde mora, e nunca parou de estudar a não ser curtos períodos em que ficava sem ir para a escola por conta de problemas de garganta. Nas perguntas sobre série que a jovem estudou em cada ano, ela ficou um pouco confusa por conta da mudança do termo “série” para “ano” e acabou dizendo que a jovem estudou do 5º ao 8º ano na escola.

Dona Vânia diz que a Escola Municipal ZN5 é a escola que ela gostaria que sua filha estudasse, pois, os irmãos dela já haviam estudado lá. Diz que havia alguns problemas como indisciplina de alunos e estrutura da escola (ausência de ar condicionado e falta de espaço para recreação) mas que ainda assim achava uma escola boa. Conta que o diretor “luta a beça” para conseguir um espaço de recreação e disse que além de os alunos terem que usar o espaço de outra escola³⁸ para realizar as aulas da educação física, às vezes elas eram substituídas por atividades na sala de aula. Fala ainda que a escola comunicou sobre o uso do espaço de outra escola para a realização das aulas de educação física. Destaca positivamente a merenda da escola e os professores e afirma que estavam sempre “presentes e chamam pra conversar se o aluno tá com problemas, tenta saber o que tá acontecendo”.

Quando foi perguntada sobre o motivo de recomendar a escola para alguém, ela respondeu rindo e disse que era algo pessoal já que gostava muito dos diretores. Conta que eles foram professores dos filhos dela e que todos eles estudaram na Escola Municipal ZN5, com exceção de um. Diz que não havia motivos para não recomendar a escola para alguém. Comenta que “lá atrás até tinha”, se referindo a anos anteriores, por conta dos problemas estruturais da escola. Segundo a mãe, as melhorias na escola começaram em 2015 com projetos criados pela direção como projetos de horta e plantio. Para ela, isso gerou uma aproximação entre as crianças, que saíam para fazer pesquisa junto com os professores, o que provocou mudanças na unidade de ensino. Diz que a escola atualmente tem ar condicionado e que, apesar de ainda não

³⁸ Da Escola Municipal ZN7, que fica no mesmo quarteirão.

contar com espaço para realização das aulas de educação física, “melhorou bastante” e “teve uma coletividade de ações que começou a dar uma melhoria boa na escola movido pelo diretor.” Esse diretor estava na escola há 4 ou 5 anos segundo dona Vânia, mas quando Vanessa entrou na escola era uma diretora. Diz que a diretora antiga havia se aposentado e aconteceu uma eleição na escola, que colocou o diretor no cargo. Dona Vânia diz que considera que o diretor teve papel importante nas mudanças da escola; diz: “pelo fato de ele ser homem, acho que as coisas fluem de uma maneira, né...um pouco melhor.” Comenta que a diretora anterior lutava por mudanças, mas que tem projeto que só sai quando há troca de gestão e que, nesse caso, quem leva o mérito é a gestão nova. Afirma que “tem coisas que ela [diretora antiga] já vinha correndo atrás há muito tempo, ela também foi muito persistente e muito participativa ali dentro da escola”. Também conta que os pais pressionavam por mudanças nas reuniões que a escola convocava; a escola permitia a participação dos pais, segundo dona Vânia e disse que havia pais que se disponibilizavam para fazer serviço voluntário, como a realização de pintura. Comenta que “apesar de ser uma escola pequena, sempre teve uma grande participação dos pais”. Dona Vânia diz que a interação com a equipe da escola sempre foi muito “amigável” e que a relação era boa com a direção, com a coordenação, com os faxineiros da escola e cozinheiros, inclusive na gestão anterior. Diz que a escola sabia lidar com os “alunos-problema” e que mandava bilhetes, marcava reuniões e ligava para os pais de alguns alunos próximo à reunião de maneira a lembrá-los que haveria reunião. Conclui: “vamos botar assim, do lado administrativo, eu não tenho muito o que reclamar da escola, não”.

Quanto às notas para a escola, dona Vânia diz que daria 7 ou 8 em 2013 por conta dos problemas de estrutura e por conta do “estresse” que acabava “absorvendo” da busca dos diretores por melhores condições de estrutura para a escola. Culpa o governo por conta dessas questões e afirma que, então, a nota que deu, é mais por conta disso. Segundo ela, para ela é sempre nota 10, mas que nem sempre poderia dar essa nota por conta de “certos líderes”.

Quando perguntada sobre qual seria a melhor coisa da escola em 2013, ela diz que colocou muita expectativa na escola porque era uma escola nova e tem fama de ser uma escola boa, “disciplinadora” e “todo mundo” queria colocar os filhos lá. Conta que superou as expectativas. Como destaque, escolheu a direção [falou sorrindo]. Continuou destacando a direção em 2014, que é participativa, segundo ela, e diz que foi um ano de adaptação, de conhecimento das dificuldades e qualidades da escola. Quando foi perguntada sobre os anos seguintes e se a direção continuava se destacando, ela disse que por conta da direção as melhorias foram ocorrendo e diz que quando fala “direção”, se refere a toda a equipe da escola e não só diretores propriamente. Diz que isso vale tanto para o funcionário da limpeza que toma

conta dos alunos de maneira que não fiquem “do lado de fora” quanto a direção em si. Conclui dizendo que sempre há um “corpo presente de funcionários”.

Quando questionada sobre qual seria a pior coisa da escola em 2013, ela diz que nem tanto em 2013 mas em 2014, destaca negativamente a violência fora da escola por conta de brigas entre alunos da mesma escola ou entre alunos de escolas diferentes, já que na região onde fica a Escola Municipal ZN5 ficam quatro escolas no mesmo quarteirão. Explica que nesses casos a escola chamava a “guarda” e os responsáveis eram acionados.

Segundo dona Vânia, sua filha nunca repetiu de série. Sobre turno, a jovem mudou uma vez para a manhã (2015, 7º ano, segundo a mãe), só que a mãe solicitou a mudança dela para a tarde porque era de sua preferência já que trabalhava e era mais garantido que seus filhos iriam para a escola caso o turno fosse a tarde. Comenta que conhece a direção há anos por conta dos seus filhos que estudaram na mesma escola e diz que eles eram cientes de que ela preferia o turno da tarde e questionou porque a filha foi para a manhã. E, então, foi na escola pedir para que mudassem sua filha novamente para o turno da tarde e, segundo ela “surgiu a vaga” e a jovem foi alocada de tarde novamente. Diz que a direção alegou que ela foi mudada para a manhã por conta do sistema e do processo de renovação de matrícula e que dependia de aparecer uma vaga no sistema no turno da tarde para que houvesse a troca novamente para a tarde. Mas disseram que assim que surgisse a vaga, mudariam Vanessa de turno:

Dona Vânia: Vem automático, entendeu? Aí como a direção da escola, a gente já se conhecia então, só fui lá uma vez e falei com a diretora, a diretora: “não Vânia, a gente vai tentar encaixar ela a tarde” e graças a Deus surgiu a vaga, aí trocaram ela pra tarde

Pesquisador: Ah sim

Dona Vânia: Entendeu? Porque eu já sabia, em todos os anos em todas as escolas eles sempre estudaram na parte da tarde

(...)

Dona Vânia: Já era de conhecimento da escola que eu não queria que ela ficasse na parte da manhã, nenhum deles [se referindo aos filhos]. Aí quando ela [Vanessa] caiu de manhã, aí tem que esperar né pra poder ver se tem a vaga pra tarde pra poder eles fazerem a troca. Não é, assim, a direção da escola vai lá e troca pra de tarde...não...tem que esperar sair a vaga ainda, tudo lá no sistema, tudo direitinho pra poder colocar ela pra de tarde e graças a Deus. Aí eu fui lá...claro né...caiu de manhã, aí “corre no colégio” né... “não, ela não pode ficar de manhã, a senhora sabe que ela só estuda de tarde” [fala com a diretora], aí “não, Vânia, espera sim que assim que sair a vaga a gente passa ela pra tarde” [resposta da diretora] e quando saiu a vaga passou ela pra tarde.

Nas perguntas sobre turma, a estudante respondeu a maioria. Dona Vânia diz que não houve mudança de turma ao longo de um ano letivo, apenas a mudança de turno sobre a qual já havia falado.

Segundo a mãe, Vanessa não fez nenhum projeto de aceleração para correção de fluxo e participou de recuperações, na maioria por conta de matemática (mas poucas vezes). E já

havia ficado de recuperação em ciências. Diz que sabia quando a filha iria ficar de recuperação porque acompanhava as notas da escola. Dona Vânia diz que a recuperação se dava na forma de trabalhos e também havia aulas de reforço escolar, da qual Vanessa já havia participado (com consentimento da mãe pois teria que concordar com a sugestão da escola), o qual ocorria no contra-turno e que dona Vânia avalia como sendo bom. Comenta que a escola tentou colocar aulas aos sábados na escola, mas não deu muito certo porque os estudantes não iam. Às vezes só a Vanessa ia, segundo a mãe. Diz que a escola alertava os pais sobre o baixo desempenho dos estudantes em reuniões.

A mãe de Vanessa diz que quer que ela continue estudando e ao falar disso comenta sobre sua vida e que parou de estudar muito cedo e que havia terminado os seus estudos aos 40 anos. Comenta que sua família passava dificuldades e que, por isso, teve que parar de estudar para auxiliar em casa, diferentemente da família dela atual. Segundo ela, mesmo que a renda familiar não seja alta, é suficiente para que seus filhos não precisem trabalhar. Dessa maneira, quer e diz para os seus filhos estudarem de maneira a não fazerem o que ela fez e fala que não há como estudar e trabalhar ao mesmo tempo:

“não vem com aquele papo: ‘vou trabalhar e vou estudar’ mentira, não vai. Porque quando você começa a trabalhar você perde o pique. Você não tem disposição de sair do trabalho e ir pra escola, não adianta, não consegue.” (Dona Vânia)

Diz que quando as pessoas têm conhecimento e estudo, é menos provável que cometam erros, como os que ela diz que cometeu, parando de estudar e tendo muitos filhos (6 no total). Dona Vânia diz que “onde come um, come bem, onde come dois, come mais ou menos e onde come três, come mal” e diz que parou para pensar sobre essa questão da quantidade de filhos por conta de uma aula sobre densidade demográfica. Apesar de se culpar por ter parado de estudar quando tinha 13 anos e ver seu sonho de ser professora “ir por água abaixo”, dona Vânia diz que as condições antigamente eram diferentes das de hoje, como, por exemplo, o fato de que não era possível estudar a noite quando se era menor de idade.

Então é o que eu falo pra eles: “tem que estudar sim, tem que ter conhecimento sim” porque tudo isso, é como diz o ditado: “a prática leva a perfeição” então a partir do momento que você tem estudo, que você tem conhecimento, você não comete tantos erros (Dona Vânia)

A mãe de Vanessa diz que, inclusive, voltou a estudar como forma de incentivo para os filhos, especialmente para um dos meninos que, segundo ela, não gosta de estudar e que havia parado no 5º ano. Ela diz que eles viam o seu esforço e que até fez o trabalho de um dos filhos, que tirou 10 e ficou orgulhoso dela. Ela diz:

eu complementei a vida deles né...com o meu esforço, a minha dedicação e eles viram né...eles reconheceram isso então foi um incentivo pra que eles continuassem. E não desistissem. Eu sempre falei pra eles: “você têm que estudar” sabe? Estudo é muito importante. (Dona Vânia)

A mãe de Vanessa diz que vale o esforço para manter os filhos na escola e fala do seu diploma de Ensino Médio sorrindo e diz que tem o “canudo” guardado.

Sobre a escola de Ensino Médio, diz que tentou o Colégio Técnico 1 e Colégio Estadual ZN4 (colégio Normal). Dona Vânia diz que não teve vaga em nenhuma das duas escolas e que não queria que a filha ficasse sem estudar, então disse para a jovem continuar estudando e que, no final do ano, tentaria novamente conseguir vaga nessas escolas. Seguiu para a matrícula online, colocando três opções: Colégio Estadual ZN1: manhã e noite e Colégio Estadual ZN3.

A mãe de Vanessa destaca a qualidade do Colégio Técnico 1 e do Colégio Estadual ZN3 e diz que também gostaria de colocar a filha no Colégio Federal 1:

pela qualidade, pelas oportunidades acho que são maiores. Abre um leque bem diferente né, quando você estuda num colégio desses. É totalmente diferente. Bem diferente não. É totalmente diferente. Eu queria ter condições pra botar ela no Colégio Federal 1. Pra botar ela num, sei lá, em um outro qualquer, mas eu não tenho condições. Então eu tento, claro que eu vou tentar sempre o melhor. (Dona Vânia)

Dentre as estaduais que dona Vânia tentou na matrícula online, ela preferia o Colégio Estadual ZN1. Diz que, por já ter tido filhos matriculados nessa escola, achou que conseguiria vaga nela, mas diz que a sua filha acabou conseguindo vaga apenas no Colégio Estadual ZN3, em um bairro vizinho. Como, segundo ela, a escola era longe e sua filha não estava acostumada a estudar em estabelecimento escolar nessa distância, além de que ficava um período da noite fora estudando no bairro vizinho (o que a mãe não gostava) tentou e conseguiu vaga no Colégio Estadual ZN1, que fica no bairro onde mora. Comenta que já conhecia a diretora³⁹ por conta dos outros filhos que passaram pela escola e que pediu para ela conseguir uma vaga para a Vanessa no Colégio estadual ZN1. Como não tinha vaga manhã e à noite, segundo ela, foi conseguida uma vaga no turno da tarde, o que deixou a mãe satisfeita: “aí teve uma desistência, aí ela foi e encaixou a minha filha.”

Dona Vânia diz que já pensava no Colégio Estadual ZN1 “desde sempre” para a sua filha por ser mais perto e pela qualidade. Diz que já conhecia a escola porque seus outros filhos já haviam estudado lá e completa dizendo que “você vai pra onde você já conhece né...o novo é sempre mais difícil.” e isso, portanto, orientou a sua escolha. Segundo a mãe, o Colégio

³⁹ Depois se corrigiu e disse que na verdade agora era um diretor na escola.

Estadual ZN1 é a melhor escola pública de Ensino Médio do bairro, só perdendo para o Colégio Particular ZN2, que é privado e dá a impressão, segundo a mãe, que os alunos de lá já saem formados e diz que já pensou nessa escola para a filha mas que os recursos financeiros a impedem de colocar a filha lá: “Ah, pensar a gente sempre pensa né, mas me falta-me o glamour (risos)”⁴⁰

A mãe diz que o Colégio Estadual ZN1 é uma escola próxima de casa, com bom ensino (disciplinas “tranquilas”, que os alunos conseguem acompanhar), seus filhos estudaram lá e tem boa localização. Diz que o Colégio Estadual ZN3 também é muito bom (mas é em outro bairro) e não conhece outros. Apesar de considerar o Colégio Estadual ZN1 uma boa escola, destacou negativamente duas situações que ocorreram com um de seus filhos: o reprovaram estando dentro da escola pois ele não retornava para as aulas após o tempo de recreação (sendo que dona Vânia diz que não a avisaram antes do fim do ano letivo) e cancelaram a matrícula do menino no ano seguinte.

Dona Vânia diz que a pior escola de Ensino Médio do bairro é a Escola Municipal ZN4, em que fez o EJA e se formou em 2010. Mas diz que não sabe como está agora e que, na verdade, ela não gostava do período diurno na escola e disse que não havia o que criticar na parte da noite, quando o prédio é usado para EJA. Segundo ela, os alunos entravam quando queriam; disse que a falha não estava nos professores e sim na organização da escola.

Sobre orientações da escola de Ensino Fundamental para a escola de Ensino Médio, dona Vânia diz que a escola não citou nomes de escolas, mas disse que a matrícula era online e para os pais ficarem atentos em matricular os seus filhos em escolas mais próximas e analisarem onde iriam colocar os seus filhos.

A mãe de Vanessa diz que a filha estudava fora da escola com as amigas quando havia trabalhos para fazer, em média 2 vezes por semana e quando perguntamos sobre tempo de duração, ela exemplificou com “uma tarde de sábado”. Dona Vânia disse que dava “pitacos” mas não muitos sobre os trabalhos e que pediam a ela para revisar o que era feito; disse que sua filha e as colegas eram inteligentes. A mãe assinava os boletins da filha e, quando não podia, pedia para a sua irmã, que trabalhava na limpeza da escola, assinar. Essa moça também tinha filho matriculado na escola. Dona Vânia diz que o conceito da sua filha é bom. A filha diz durante a entrevista com a mãe que já tirou um R e um I e a mãe diz que foi no período em que ela estava “com o coração ocupado” e que, nesse período, ela não estudava. Dona Vânia disse

⁴⁰ Dona Vânia faz referência ao bordão da personagem Lady Katy: “dinheiro eu tenho, só me falta-me o glamour”. “Glamour”, na frase de Dona Vânia, representa a condição financeira para financiamento de uma escola privada.

que nesse período de notas mais baixas da Vanessa, os professores “não aceitavam” e a ajudavam a melhorar pois não era comum que ela tirasse notas baixas, segundo a mãe. Eles passavam trabalhos e davam conselhos para a jovem, segundo a mãe. E dona Vânia disse que ia na escola de forma a incentivar a filha.

Sobre os estudos da filha, dona Márcia diz que acompanha, estimula a filha a estudar sempre e também diz que sempre acompanha os deveres de casa. Diz que nunca estipulou horários para a filha estudar, “de tal a tal hora” e que a filha que organiza isso. Ela disse que “só o dever de casa quando era menorzinha. Agora que cresceu não, ela sabe que ela tem que fazer e ela mesma faz, mas não tem um horário.”

Analisando a entrevista de dona Vânia, consideramos que ela apresenta como destaque os três tipos de ações construídos nesta dissertação. Ações como ela ter retornado os estudos de forma a estimular os filhos a estudar, os “pitacos” nos trabalhos escolares, as idas na escola de forma a incentivar a filha são *ações didático-pedagógicas* pois estão ligadas ao que a mãe considera importante para auxiliar no desempenho escolar da filha (dos filhos, em geral). Já a troca de turno que da manhã para a tarde facilitada pelo fato de conhecer a diretora, além da vaga que conseguiu no Colégio Estadual ZN1 (o que também pode ter sido facilitado por conhecer o diretor) pode ser considerada uma *ação de gerenciamento de acesso e permanência*. Por fim, todos os discursos sobre importância da escola que ela coloca ao longo de toda a entrevista, dizendo para os filhos que não precisam trabalhar e que precisam focar nos estudos, lembra outros casos já descritos até aqui e se enquadra na *ação comportamental/de moralidade escolar*.

4.2.2.2. Trajetórias fragmentadas

As trajetórias a seguir culminaram com a não inserção das jovens em escolas de Ensino Médio.

4.2.2.2.1. Suelen

A trajetória escolar da Suelen é marcada por defasagem idade-série e uma sequência de reprovações no segundo segmento do Ensino Fundamental, bem como interrupção nos estudos e entrada em Programa de Educação de Jovens e Adultos, saindo, portanto, do Ensino Fundamental regular. Cruzando informações da entrevista, com os dados de 2013 da mesma família e ainda com a histórico escolar da SME, depreende-se a seguinte trajetória: ao sair do primeiro segmento do Ensino Fundamental, em 2013, da Escola Municipal ZN2, foi

matriculada na Escola Municipal ZN3. A jovem repetiu o 6º ano em 2013 na Escola Municipal ZN3⁴¹ e foi para a Escola Municipal ZN4 (segundo a mãe, ela transferiu a filha a pedido dela), onde repetiu novamente o 6º ano e parou de estudar por conta de uma gravidez. No histórico escolar consta que a jovem estudou na Escola Municipal ZN4 em 2015 e, considerando a nota ao fim do ano (conceito I, de insuficiente, menor nota possível na rede municipal de educação do Rio de Janeiro), depreende-se que ocorreu reprovação no 6º ano na Escola Municipal ZN4, em 2015, por desempenho. Como a mãe afirma que após repetir em 2013 ela mudou de escola, e considerando o fato de que não há dados sobre 2013 e 2014 na ficha cadastral⁴², é provável que já tenha ficado sem ir para escola frequentemente em 2013 e 2014, na Escola Municipal ZN3 e na Escola Municipal ZN4, respectivamente. Somente em 2015 ela teria iniciado efetivamente os estudos na Escola Municipal ZN4 e interrompido em seguida.

No histórico escolar encontra-se ainda a informação de que Suelen fez projeto de aceleração (programa de correção de fluxo) até o meio de 2016 na mesma Escola Municipal ZN4, e a mãe negou na entrevista a entrada da filha em projeto de aceleração. Segundo a mãe, em 2017 ela iniciou os estudos no Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) na Escola Municipal ZN8, após ter interrompido os estudos em 2015 e a filha querer entrar no PEJA.

A percepção da mãe da Suelen, dona Antônia, sobre as três escolas de Ensino Fundamental pela qual a filha passou é de que são todas escolas boas, porém, não entra em detalhes sobre as justificativas dessa percepção. Avalia as escolas com 10. Sobre a Escola Municipal ZN3, diz: “é...lá os professores são bons...”, sobre a Escola Municipal ZN4 diz que só tem motivos para recomendar a escola, que estudou lá assim como sua sobrinha e sua mãe e detalha um pouco mais, dizendo que é uma escola atenciosa:

eles...são bem (pausa) é... atenciosos com os alunos....entendeu?...explica direitinho....tem escola que o professor vai pro quadro, entra e sai logo....só um “boa noite” e um “bom dia” porque tem que dar, né...acho que o professor não é assim...o professor tem que explicar....não é ele botar no quadro...o que ele botou ali tem que explicar....tem muito professor que vai lá, escreve e sai fora...eu acho uma escola boa.
(Dona Antônia)

Sobre turno, dona Antônia diz que a jovem entrou na Escola Municipal ZN4 no turno da manhã e depois passou para o turno da tarde porque pediu para mudar, sem entrar em detalhes sobre as motivações para a mudança de turno. Sobre isso, a mãe diz que a escola não apresentou obstáculos.

⁴¹ A Escola ZN3 não consta na ficha da SME na trajetória de Suelen, mas a descrição apresentada é a que mais convergiu com dados da entrevista atual e dados de 2013.

Sobre a Escola Municipal ZN8, diz que conseguiu vaga para a filha no PEJA, indicado por uma amiga e diz que é uma “uma escola calma”. Dona Antônia inicialmente diz que não conhecia o PEJA e que a filha nem queria voltar a estudar, mas dizia para ela que o estudo ia fazer muita falta e, então, fez a matrícula dela na Escola Municipal ZN8, no PEJA. Depois disse que a decisão de voltar a estudar foi da própria Suelen, pelo PEJA. A mãe diz que não conhecia esse programa e a jovem que buscou informações, já que queria estudar, pois queria fazer o programa Jovem Aprendiz e a participação nesse programa requer estar estudando:

Pesquisador: Ela só voltou pra escola quando ela entrou no PEJA?

Dona Antônia: É...ela voltou agora que eu fui nessa escola e fiz a matrícula dela, entendeu? Ela nem queria estudar...sendo que eu falo pra ela que o estudo faz muita falta. Entendeu? Vai prejudicar ela bastante mais tarde por ela não estudar aí eu fui com ela nessa escola e fiz a matrícula dela lá a noite, entendeu?

(...)

Pesquisador: Mas essa questão do PEJA foi uma decisão de quem? Sua ou da Suelen? Ou de outra pessoa?

Dona Antônia: Da Suelen

Pesquisador: Tá

Dona Antônia: Da Suelen mesmo...

Pesquisador: Você já conhecia o PEJA antes...ou não? E ela?

Dona Antônia: Não, eu não conhecia não. Ela mesma que se informou e falou: “eu quero fazer o PEJA”..eu fui...essa minha amiga indicou a escola e...entendeu? Pra ela fazer...portanto que ela quer estudar porque ela quer fazer o Jovem Aprendiz

Sobre a escola de Ensino Médio, dona Antônia alega não conhecer nenhuma no bairro. E diz que a filha não sabe se a Escola Municipal ZN8 vai até o Ensino Médio. A mãe diz que se tiver até o Ensino Médio, ela quer que a filha estude lá mesmo, a não ser que tenha uma outra melhor, que permita dar bolsa de estudos em cursos.

Dona Antônia afirma que estimulava a filha a estudar e que acompanhava a realização dos exercícios enviados para casa, sendo que disse que não passavam deveres de casa na Escola Municipal ZN8, na qual a filha se inseriu em 2017, e não falou sobre detalhes de como se dava esse acompanhamento. As ações que se destacaram foram no plano dos conselhos direcionados à filha, os quais em geral estavam ligados à valorização da educação escolar.

A mãe diz querer que sua filha continue estudando para que pudesse realizar cursos com desconto ou até mesmo gratuitamente; além disso, segundo dona Antônia, ela diz para a filha que precisa continuar os estudos para que sirva de exemplo para a neta (filha de Suelen), bem como para sustentar a criança:

Pesquisador: o que você acha que ela pode conseguir estudando?

Dona Antônia: Um trabalho bom...entendeu? Quem tá estudando pra fazer um curso é a melhor coisa

Pesquisador: Uhum. Sim sim.

Dona Antônia: Se vier um curso pra ela, geralmente estudante tem desconto no curso que fazem entendeu? Às vezes tem curso de graça...

Pesquisador: Entendi...uhum.

Dona Antônia: É estudante. Tem várias coisas boas pra ela. E vai ser melhor pro futuro dela, né?

Pesquisador: Uhum, entendi. É...e essa é uma decisão sua?

Dona Antônia: decisão minha com ela também. Não adianta eu tomar uma decisão de uma coisa que não é pra mim, é pra ela...entendeu? E aí eu já expliquei pra ela. Ela é uma adolescente mulher que ela já é mãe. Então eu explico pra ela que ela tem que pensar, não é nela, tem que pensar no futuro da filha dela também né... ela tá estudando, ela tem que pensar no futuro da filha dela também, dela tá estudando, arrumar um trabalho bom...assim...

Sobre deveres de casa, chamou a atenção o fato de não ter dever de casa no PEJA. Deu para ouvir a jovem falar ao fundo no telefone que no PEJA, na escola dela, não passam dever de casa pois os professores acham que ninguém vai fazer já que imaginam que as pessoas estudam à noite porque fazem outras coisas durante o dia.

Dona Antônia comenta que a filha possuía dificuldades em matemática e que já pensou em colocar a filha em explicadora, que seria uma pessoa conhecida que atuava nessa função próximo a sua casa. Mas não havia buscado a explicadora até o momento.

As ações de dona Antônia são principalmente do tipo *ação comportamental/de moralidade escolar* já que a ênfase está nos discursos sobre valorização aos estudos, o que é fortalecido pelo fato de a estudante ter uma filha. Para a mãe, continuar os estudos é importante para sustentar a criança e para que sirva de exemplo. Foram captadas outras ações da mãe na entrevista como a transferência da Escola Municipal ZN3 para a Escola Municipal ZN4 e a troca de turno que diz ter feito da manhã para a tarde na Escola Municipal ZN4, além da matrícula da estudante no PEJA. Todas essas ações seriam *ações de gerenciamento do acesso e permanência* mas a mãe diz que a troca de escola foi a pedido da filha, não explica a troca de turnos e também constrói falas contraditórias no que se refere ao acesso ao PEJA, já que inicialmente diz que decidiu inscrever a jovem no programa, depois diz que não o conhecia e que a jovem é quem havia pesquisado e desejado entrar nele para se inserir no Jovem Aprendiz; portanto, como não há clareza que as decisões foram da mãe, preferimos não enquadrar essas ações como sendo de *gerenciamento de acesso e permanência*. Também não foram captadas *ações didático-pedagógicas* efetivamente realizadas. O caso de dona Antônia é mais um dos que lembram as famílias de comportamento *laissez-faire* da pesquisa de Alves (2010), com poucas decisões e interferências na vida escolar da filha.

4.2.2.2.2. Yara

Em 2013, segundo a mãe, dona Tâmara, Yara estava na Escola Municipal ZN3, no bairro onde mora, permanecendo em 2014. Em 2015 ela teria ido para uma escola em um bairro vizinho: Escola Municipal ZN9, que não lembrou o nome, por indicação da diretora da escola

anterior (e a partir de matrícula online). Segundo ela, a troca da Escola Municipal ZN3 para Escola Municipal ZN9 se deu porque a Escola Municipal ZN3 não possuía séries posteriores ao 6º ano. Por conta da distância, dona Tâmara diz que, após 2 meses, retirou a jovem da Escola Municipal ZN9 e colocou na Escola Municipal ZN10, localizada em outro bairro. Nessa escola, a jovem teria sido agredida por uma aluna fora da escola e disse que a jovem era constantemente ameaçada pela outra aluna. Após essa agressão, a sua filha ficou com medo de retornar para a escola e faltava sem a dona Tâmara saber; as faltas levaram a escola a encaminhar a mãe para o Conselho Tutelar. Dona Tâmara diz que a escola agiu de forma incorreta em ter mandado ela para o Conselho Tutelar mesmo após tudo que havia ocorrido com a filha dela sem que tivessem tomado nenhuma atitude. A mãe conta que ficou insatisfeita com a postura da escola e, após ir no Conselho Tutelar e na Coordenadoria Regional de Ensino (CRE), resolveu tirar a jovem da Escola Municipal ZN10. A jovem ficou o ano de 2016 sem estudar e, em 2017, por indicação da CRE, dona Tâmara disse que conseguiu vaga na Escola Municipal ZN11, em um bairro próximo. Dona Tâmara diz que não deixou a filha ir para essa escola por conta de confrontos que ocorriam entre favelas de facções criminosas rivais e a jovem acabou perdendo a vaga na escola. Poucos meses depois, por volta de abril de 2017, dona Tâmara veio a descobrir que sua filha estava grávida, então disse que ela só retornaria a estudar no ano seguinte, em 2018, na Escola Municipal ZN12, localizada em um bairro próximo, a noite. Ela ficou sabendo dessa escola por conta do namorado de Yara (pai do filho da jovem que estava para nascer) e diz que a filha vai fazer algo semelhante ao projeto acelera mas que seria “mais forte”, no período da noite; segundo ela, a diretora da escola teria explicado isso.

Quando questionada sobre as séries em que Yara estudou a cada ano entre 2013 e 2016, dona Tâmara teve dificuldade de lembrar e diz ficar confusa com os termos “série” e “ano”. Dessa forma, a trajetória escolar da jovem em termos de série cursada a cada ano foi depreendida a partir da entrevista em conjunto com dados do histórico escolar da SME. Em 2013, Yara fez o 6º ano na Escola Municipal ZN3. Não teve como sabermos o que ocorreu após esse período em termos de reprovação pois a mãe não sabe informar com exatidão se a filha reprovou alguma série e não há dados no histórico escolar após 2012 (apenas que a jovem estava matriculada na Escola Municipal ZN10 em 2015). Segundo a informação de dona Tâmara mais coerente com o histórico escolar, Yara saiu da Escola Municipal ZN3 ao fim de 2014 já que não havia séries posteriores ao 6º ano na escola (o que, de fato, é verdade) e foi para a Escola Municipal ZN9 em 2015 cursar o projeto de aceleração. No mesmo ano, dona Tâmara colocou a jovem na Escola Municipal ZN10, em que também esteve em turma de aceleração, o que consta no histórico escolar. Em 2016 a jovem ficou sem estudar por conta da agressão que

sofreu na escola anterior e, em 2017, retornou na Escola Municipal ZN11, tendo parado em seguida por conta de guerra de facções e gravidez de Yara.

A mãe de Yara diz que a Escola Municipal ZN3 não é uma boa escola por alegar que: “não tem rendimento, acho que a criança não tem base pra uma faculdade, entendeu? Pra um outro curso, assim...mesmo com Ensino Médio mesmo, técnico, não tem base.” (Dona Tâmara)

Além disso, dona Tâmara diz que a escola não se importa com os alunos e que não há incentivo: “claro que o aluno tem que ser interessado mas eu acho que eles não incentivam muito os alunos”. Ela diz que a escola não se importa com os alunos se a família não se importa, o que ela discorda que deva ser assim: “se entrar entrou...tipo assim, ‘a mãe não liga, então eu também não vou ligar’. Entendeu? E escola eu acho que não é isso não.” Essa é a escola que dona Tâmara disse que não recomendaria para alguém.

Por outro lado, a Escola Municipal ZN9, que a mãe não lembra o nome, é uma escola muito boa segundo ela e destaca a direção rígida e o ensino:

“o ensino era ótimo. Eles eram muito rígidos, muito, muito rígidos mesmo. Porque, tipo assim, senão...eles tinham trabalho toda semana...toda semana é trabalho.” (Dona Tâmara)

A mãe destaca também o fato de que a diretora ficava no portão verificando se havia alunos fora da escola. Comenta que a escola lembra um “presídio” e logo em seguida se corrige e diz que lembra um “quartel militar”. Essa é a escola que dona Tâmara disse que recomendaria para alguém.

A Escola Municipal ZN10 agradou dona Tâmara segundo ela porque tinha projetos, o que favoreceu sua filha, que estava atrasada na escola:

“tinha projetos para os alunos, no caso dela, ela tava muito atrasada, incentivava a criança, os adolescentes, conversavam, tinha sempre palestra...” (Dona Tâmara)

Dona Tâmara disse que o que “estragou” na escola foi a ausência de alguma providência quando sua filha foi agredida por outra aluna da escola e ainda a ter encaminhado para o Conselho Tutelar.

Dona Tâmara não soube avaliar a Escola Municipal ZN11 pois sua filha não estudou muito tempo lá, mas disse que destaca positivamente o fato de que havia um curso vinculado a FAETEC e outros cursos na escola como curso de inglês e teatro (o qual sua filha fez durante um tempo, até o projeto acabar). Disse que a CRE havia dito para ela que havia esses cursos na escola.

Sobre notas para as escolas, a mãe deu 5 para a Escola Municipal ZN3 pois “não esquentavam muito a cabeça, não tinha trabalho, não ligava muito pro aluno.” Deu 10 para a Escola Municipal ZN9 porque “são muito atenciosos com os alunos, com os trabalhos, pela

ocupação” e porque há projeto de reforço escolar para os alunos com dificuldade de aprendizagem. Por fim, a nota para a Escola Municipal ZN10 foi 8 por conta da situação de agressão à sua filha e falta de atitude da escola.

Para dona Tâmara, a melhor coisa da Escola Municipal ZN3 são os professores porque chamam os pais quando necessário e diz que a escola “peca” na direção e complementa dizendo que “se o diretor for rígido, eu acho que a escola toda funciona.” e diz que isso acontece na Escola Municipal ZN9. Sobre a Escola Municipal ZN9, dona Tâmara diz que a melhor coisa é a direção, não sabendo apontar uma pior coisa na escola. A mãe afirma que nunca tinha visto uma direção igual a dessa escola e destacou, além do que já foi citado, o fato de que a diretora sabia o nome dos alunos, inclusive os novos.

Na Escola Municipal ZN10, dona Tâmara destaca um dos professores do projeto acelera, pois diz que se importa com os alunos e os incentiva: “eu nunca vi escola nenhuma um professor se interessar tanto pelo aluno, eu nunca vi, só em repórter...(risos)”. A pior coisa, para ela, foi o fato de terem “deixado a desejar” no episódio de agressão à sua filha.

Dona Tâmara não soube informar com exatidão se Yara repetiu de série. Primeiramente ela disse que a jovem teria reprovado o 6º ano e, então, entrado no projeto acelera. Depois ela alega não saber se a jovem havia reprovado e diz não entender porque a jovem foi colocada no acelera. Pensa que pode ter sido porque, na Escola Municipal ZN10, não havia vaga na turma de 6º ano regular e só havia na turma de acelera:

eu não lembro...não sei se ela repetiu o 6º ou se não tinha vaga e botaram ela pro acelera...eu acho que ela repetiu, eu não lembro direito. Essa parte, quando entrou na acelera...eu acho que ela não repetiu não...eu acho que porque não tinha vaga mesmo, só tinha no acelera, eu deixei assim mesmo, alguma coisa assim (Dona Tâmara)

Dona Tâmara diz que a jovem entrou no projeto acelera na Escola Municipal ZN10 e não sabia nada sobre esse projeto segundo ela. A direção da escola, no momento da matrícula, disse que Yara entraria no acelera. Para a mãe,

projeto era assim, uma aula de reforço, uma aula a mais entendeu? Igual lá na Escola Municipal ZN9. Tem um projeto que é isso, uma aula de reforço quando a criança tá muito ruim em uma matéria. Então falei “tá bom” mas eu achei que era isso, mas não era. Depois que eu fui descobrir que acelera...ou a pessoa que tava muito atrasada ou que sei lá, não entendi nada. Falei “ah tá, não sabia que era isso não”. (Dona Tâmara)

Quando perguntada sobre a forma de funcionamento do Acelera, ela disse que era semelhante ao supletivo. Apesar de não conhecer muito o projeto Acelera, o avalia como bom e destaca novamente um dos professores do projeto e cita uma prática que ele adotava que a agradava que era o fato de que ele aplicava testes de desempenho de matérias que cada aluno gostava. Dona Tâmara diz que um dos professores do Acelera (o que ela destaca na escola)

disse para ela que a sua filha não tinha idade para estar no projeto e que também não havia entendido porque ela tinha ido para lá.

Sobre as escolas de Ensino Médio, dona Tâmara diz que quer que a jovem entre na Escola Municipal ZN3, no supletivo, porque a jovem está muito atrasada e assim ela termina mais rápido. Comenta que não havia pensado nessa escola antes, pensou no momento da entrevista. Alega que já havia pensado nessa escola para si mesma já que quer retornar os estudos nessa escola; pensou, durante a entrevista, que poderia ser uma boa ideia para a filha também. Segundo a mãe, uma amiga que havia feito supletivo nessa escola haveria dito que lá era bom.

Ao ser questionada sobre qual seria a melhor escola de Ensino Médio do bairro, dona Tâmara disse que não conhecia muito as escolas e que tinha estudado na Escola Municipal ZN4, no supletivo e disse que lá “era uma bagunça”.

Dona Tâmara diz que acompanha os estudos da filha e que a jovem, ao fazer dever de casa, às vezes pedia ajuda da mãe quando não sabia algo mas disse que Yara dificilmente não sabia algo. A mãe diz que “não sabia nada”, alegando que os conteúdos escolares hoje em dia são diferentes e mais difíceis. Diz que mesmo quando não conseguia ajudar a filha, a jovem fazia os deveres de casa buscando outros tipos de ajuda:

“quando eu não sabia, ela tirava dúvida sempre com alguém, uma amiga, ela dava o jeito dela lá, pesquisava na internet, ela sempre dava o jeito dela, aí fazia, nunca deixou de fazer dever de casa não.” (Dona Tâmara)

A mãe conta que a jovem estuda independentemente de deveres de casa e em dias que não tem aula, como sábado, afirmando que a jovem é inteligente e reafirmando o quanto ficou insatisfeita com sua gravidez: “tô te falando, não sei o que deu na cabeça dela, de engravidar...não sei...ela é inteligente”.

Sobre deveres de casa, dona Tâmara diz que não lembra bem, mas acha que não eram frequentes na Escola Municipal ZN3; por outro lado, eram frequentes na Escola Municipal ZN10 e na Escola Municipal ZN9, principalmente nesta última, em que, segundo a mãe, havia deveres de casa todos os dias. Independentemente disso, dona Tâmara diz que sua filha estudava pois mesmo “quando não vinha [deveres de casa] ela mesmo fazia.”

Dona Tâmara demonstra na entrevista que suas ações destaque são as conversas que teve/tem com a filha acerca da importância dos estudos, mencionando em sua fala que a gravidez da jovem pode ser um empecilho para a formação escolar da jovem. Essas são *ações comportamentais/de moralidade escolar*. A mãe também mobiliza *ações de gerenciamento do acesso e permanência*, que foram as vezes que trocava a menina de escola, especialmente por

conta da agressão que a jovem sofreu na escola e sua discordância em relação a postura da Escola Municipal ZN10 e também ela impedir a jovem de estudar na Escola Municipal ZN11 por conta da guerra de facções e, por fim, já ter visto uma escola para inserir a filha no ano de 2018: Escola Municipal ZN12. Poucas foram as *ações didático-pedagógicas* efetivamente captadas na entrevista.

CAPÍTULO 5: ANÁLISE COMPARATIVA

O objetivo deste capítulo é construir uma análise comparativa dos casos descritos. Faremos uma divisão dos casos por região de moradia assim como fizemos nas descrições realizadas e pretendemos interpretar as trajetórias escolares a partir das ações familiares categorizadas, começando por apresentar a tabela a seguir, que contém os tipos de trajetórias e ações de cada família investigada.

Tabela 4 – Famílias, trajetórias e ações

Família	Tipo de trajetória	Ações familiares	Tipo(s) de ação(ões)
Família do Jerônimo	Linear	- Mãe matriculou o filho em escola da rede privada no Ensino Médio - Mãe paga curso de inglês par o filho	- Gerenciamento de acesso e permanência - Didático-pedagógica
Família da Gabriele	Linear	- Mãe e pai solicitavam que uma prima de Gabriele a auxiliasse com atividades escolares - Mãe foi na escola da menina repreendê-la no que se refere à disciplina escolar e fez isso na frente de professores.	- Didático-pedagógica - Comportamental/ de moralidade escolar
Família da Lara	Linear	- Mãe acompanha o material escolar da filha	- Didático-pedagógica - Comportamental/ de moralidade escolar

		- Mãe valoriza a educação escolar à nível de discurso, especialmente visando futuro profissional.	
Família do Denilson	Fragmentada	- Avó do jovem valoriza a educação escolar à nível de discurso, especialmente visando futuro profissional, lembrando as dificuldades que passou por conta da baixa escolaridade.	- Comportamental/de moralidade escolar
Família do Yam	Linear	- Pai estabeleceu relações pessoais com diretor da escola de Ensino Médio que queria que seu filho estudasse para conseguir fazer a matrícula do jovem - Pai valoriza a educação escolar à nível de discurso, especialmente visando futuro profissional e vai na escola resolver problemas de disciplina do filho.	- Gerenciamento de acesso e permanência - Comportamental/de moralidade escolar

Família da Thais	Linear	<ul style="list-style-type: none"> - Mãe conseguiu senha para matricular a filha na escola de Ensino Médio de interesse - A mãe orienta a filha a pedir auxílio didático para familiares e pergunta se é necessário ir na escola em caso de dificuldade da jovem. 	<ul style="list-style-type: none"> - Gerenciamento de acesso e permanência - Didático-pedagógica
Família da Giovana	Linear	<ul style="list-style-type: none"> - Mãe “terceirizou” o procedimento de matrícula no Ensino Médio - Mãe fiscaliza caderno escolar da filha e cobra por resultados escolares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Gerenciamento de acesso e permanência - Didático-pedagógica
Família da Vanessa	Linear	<ul style="list-style-type: none"> - Mãe utilizou as relações pessoais com os diretores da escola de Ensino Fundamental e de Ensino Médio para trocar a filha de turno e para matricular a filha no Ensino Médio, respectivamente. 	<ul style="list-style-type: none"> - Gerenciamento de acesso e permanência - Didático-pedagógica - Comportamental/ de moralidade escolar

		<p>- Mãe voltou a estudar para estimular os filhos a continuarem estudando</p> <p>- Mãe valoriza a educação escolar à nível de discurso e destaca a necessidade de não começar a trabalhar cedo e sim focar nos estudos.</p>	
Família da Suelen	Fragmentada	- Mãe valoriza a educação escolar à nível de discurso, especialmente pelo fato de a jovem já ter uma filha.	- Comportamental/de moralidade escolar
Família da Yara	Fragmentada	<p>- Mãe trocou a filha de escola algumas vezes e destaca-se a troca de escola motivada por agressão que a filha sofreu e insatisfação da mãe com a (falta de) atitude da escola.</p> <p>- Mãe dá importância à educação escolar, a nível de discurso.</p>	<p>- Gerenciamento de acesso e permanência</p> <p>- Comportamental/de moralidade escolar</p>

É interessante observar que, dos 7 casos que apresentaram *trajetória linear*, 6 apresentaram ações *didático-pedagógicas*. Outro dado que chama a atenção é o fato de que nenhum caso de *trajetória fragmentada* apresentou qualquer *ação didático-pedagógica*. Como detectamos ações ligadas ao processo de escolarização que não são apenas as previstas no início da pesquisa, notamos que analisar as diferentes categorias de ações ligadas a escolarização que são mobilizadas pelas famílias também é relevante, pois parecem possuir diferentes efeitos sobre as trajetórias e definir importantes variações entre elas. Em paralelo, a descrição dos casos demonstrou que há diferenças entre trajetórias de mesmo tipo e que podem estar associadas às diferentes ações mobilizadas pelas famílias, como discutiremos mais a fundo à frente.

Analisando cada caso, é possível observar que, independentemente do local de moradia, da escolaridade, dos tipos de trajetórias escolares e de ações, todas as famílias valorizam, em suas narrativas, a formação escolar. Pelo menos 4 das famílias analisadas utilizam uma fala de negação à reprodução das posições sociais, a partir do desejo que os filhos estudem, façam o que os pais não fizeram e superem as condições sociais dos pais, mesmo que haja limitações das condições objetivas (ZAGO, 1998). Por outro lado, apesar de todos os casos mobilizarem algum tipo de ação, não são todos que agem efetivamente com vistas a provocar efeitos objetivos nas trajetórias dos estudantes. Por vezes, como demonstramos, os discursos sobre a valorização da formação escolar não são convertidos em ações pragmáticas. O que chama atenção também é o fato de não termos notado influências significativas da escolaridade dos pais sobre a mobilização de ações familiares já que, além de todas as famílias mobilizarem ações (com mais ou menos efeitos sobre as trajetórias) encontramos diferenças entre ações que podem ter conduzido a diferenças entre trajetórias estudantis, mesmo que essas ações tenham sido mobilizadas por responsáveis de nível de escolaridade similar e, de forma complementar, observamos ações semelhantes mobilizadas por pessoas de diferentes níveis de escolaridade.

A seguir, apresentaremos interpretações possíveis sobre as relações entre as ações familiares e as diferenças entre as trajetórias.

5.1. Zona Sul (2ªCRE)

Foram quatro casos investigados na zona sul. Três são de *trajetórias lineares* e um de *trajetória fragmentada*, com diferenças entre si no que se refere a desenho das trajetórias e influência das ações familiares nesse processo.

Gabriele e Jerônimo fizeram todos os anos finais do Ensino Fundamental na Escola Municipal ZS2 e ambos tiveram *trajetória linear*, sem interrupções nos estudos e inseridos no Ensino Médio regular em 2017. A maior diferença entre as trajetórias escolares dos estudantes, com participação evidente das ações familiares no processo, foi nos destinos escolares após o fim do Ensino Fundamental.

Dona Laura, mãe de Gabriele, mobiliza *ações comportamentais/ de moralidade escolar e didático-pedagógicas*, a partir de discursos de valorização da formação escolar, ida na escola para tratar de assuntos de desempenho e auxílio aos estudos (através de uma prima que ajudava a Gabriele em matemática), ao passo que Dona Teodósia mobiliza *ação de gerenciamento de acesso e permanência* ao inserir Jerônimo em uma escola privada após o Ensino Fundamental. No que se refere, especialmente, ao acesso ao Ensino Médio, é possível dizer que a agência (BOUDON, 1995) da mãe de Jerônimo foi fundamental para que o jovem tivesse um destino escolar diferente da Gabriele, mesmo ambos os jovens tendo estudado na mesma escola de segundo segmento do Ensino Fundamental. Mesmo mobilizando um conjunto de ações, a família de Gabriele não age na transição para o Ensino Médio, acatando a decisão da Escola Municipal ZS2, que parece ter tido papel ativo na transição de Gabriele para o Ensino Médio.

Os dois casos acima mostram como a *ação de gerenciamento de acesso* ao Ensino Médio foi crucial para a diferença entre os destinos escolares de Gabriele e Jerônimo. Nessa comparação, o nível de escolaridade da mãe de Jerônimo é mais elevado do que dona Laura, o que pode ter feito a diferença porque isso confere a dona Teodósia um emprego como funcionária pública no cargo de técnica de enfermagem, ampliando suas condições financeiras em comparação com as de dona Laura, o que amplia a disponibilidade de recursos para a matrícula de um filho na rede privada de ensino. Porém, como veremos mais à frente, nem sempre a escolaridade dos pais fez diferença nas trajetórias escolares dos estudantes. Os dois próximos casos apresentaram, em 2013, o mesmo tipo de acesso à escola de segundo segmento do Ensino Fundamental (“acesso pela burocracia municipal”). Embora com o mesmo tipo de acesso e estando nas mesmas escolas (Escola Municipal ZS2), as ações familiares conduziram a destinos escolares diferentes no Ensino Médio.

A jovem Lara, apesar de não ter estudado na mesma escola que Gabriele e Jerônimo, já que estudou na Escola Municipal ZS7, apresentou *trajetória linear*, a qual pode ter sido mantida por uma complexidade de fatores contando com as ações familiares de Dona Luana e também seu pai. Além de valorizar a escola em termos de discurso, a partir de cobranças associadas ao que a família considera adequado para um melhor processo de escolarização, as *ações didático-pedagógicas* de fiscalização do material escolar e cobranças de desempenho podem ter

contribuído para uma trajetória estudantil sem interrupções e acesso ao Ensino Médio regular. A mãe de Lara mostra ter clareza sobre o que ocorre na escola ao mostrar conhecimento sobre o processo de enturmação por desempenho; apesar de destacar os pontos negativos da escola, dona Luana afirma que “acaba se acostumando”, apontando para uma adaptação aos problemas da escola, que se associa a ausência de expectativa em relação à melhoria da qualidade da escola. Os dados indicam que essa falta de expectativa também pode estar associada ao ato de não receber o boletim da filha na escola em 2016 por estar “de saco cheio”.

Comparando o caso de Lara com os outros dois de *trajetória linear* na zona sul, notamos que o ponto em comum são as *ações didático-pedagógicas* mobilizadas pela família de Lara e a família de Gabriele, o que pode ajudar a explicar a *trajetória linear* de ambas, já que a maioria dos casos da pesquisa com *trajetória linear* apresentaram esse tipo de ação.

As expectativas em relação a continuidade dos estudos de dona Luana e dona Teodósia se mantiveram em comparação com 2013 (como vemos na tabela 2), ao passo que não é possível dizer se o mesmo ocorreu com dona Laura, já que ela não soube dizer até quando esperava que a filha estudasse; o tipo de acesso às escolas foi o mesmo para as três: “acesso pela burocracia municipal”. Ou seja, esses casos nos levam a concluir que o mesmo tipo de acesso à escola de segundo segmento do Ensino Fundamental, mesmo conduzindo às mesmas escolas e com a manutenção das mesmas expectativas, podem culminar com destinos diferentes, que podem ser interpretados à luz da diferença entre as ações familiares. Também nos ajudam a concluir que *ações didático-pedagógicas* auxiliam na construção de *trajetórias lineares*.

Denilson tem uma *trajetória fragmentada*, o que pode ser interpretado a partir do baixo número de ações mobilizadas por sua avó, dona Roberta, em comparação com os casos anteriores: “eu também não vou ficar esquentando minha cabeça com ninguém não.”. Ela diz que estimula o filho a estudar mas diz que não o ajuda nos deveres de casa por não saber ler e escrever. As *ações comportamentais/de moralidade escolar* não parecem ter sido suficientes, em meio a uma complexidade de variáveis, para impedir uma trajetória escolar com interrupções, inserção do jovem, pela escola, em projeto de aceleração e supletivo. Sobre o projeto de aceleração, a avó de Denilson inclusive acha bom, pois considera que os estudantes com dificuldade podem aprender mais. O caso de dona Roberta é um dos que corroboram com a pesquisa de Resende (2012), que aponta que a escolaridade impõe limitações nas ações mobilizadas, como por exemplo no auxílio nos deveres de casa.

A partir dos dados acima, podemos concluir que a escolaridade dos pais não ajuda a explicar a diferença entre as *trajetórias lineares* e *fragmentadas* já que há mães com escolaridades diferentes dentro do mesmo tipo de trajetória: duas mães com Ensino

Fundamental incompleto (dona Laura e dona Luana) e uma com Ensino Médio completo (dona Teodósia) na categoria *trajetória linear*.

Podemos notar que as ações familiares ajudaram a interpretar algumas trajetórias e diferenças entre elas, mesmo que todas essas famílias tenham acessado a escola de segundo segmento do Ensino Fundamental da mesma forma: “acesso pela burocracia municipal”. Também mostramos que as expectativas dos pais sobre a continuidade dos estudos dos filhos se mantiveram em 2017 em comparação com 2013 para 3 dos 4 casos da zona sul, mesmo que as trajetórias e ações tenham sido diferentes entre si. Portanto, um mesmo tipo de acesso, ainda que se mantenham as mesmas expectativas ao longo de uma trajetória, pode culminar com diferentes tipos de trajetórias e destinos, possivelmente interpretáveis à luz das ações familiares. De forma complementar, não podemos deixar de considerar as ações que, segundo as famílias, foram mobilizadas pelas escolas, como a inserção de Denilson no projeto de aceleração sem que tenhamos captado na entrevista outras alternativas oferecidas pela escola, falta de diálogo entre uma das diretoras e os pais da escola de Lara, além de segregação de turmas por desempenho e casos de racismo nessa mesma escola segundo dona Luana, mãe de Lara. No que se refere ao caso de Lara, também é importante destacar as reações da mãe diante dos problemas da escola. Ela indica que na medida em que os anos passam, ocorre um processo de adaptação aos problemas da escola e sinaliza a construção de uma ausência de expectativa em relação à melhoria da qualidade da instituição, o que pode ter orientado a sua ação de não ir mais na escola no ano de 2016 receber os boletins da filha; isso mostra que dona Luana realizou uma *ação didático-pedagógica* a menos por conta de, ao que tudo indica, suas percepções sobre a escola, que se pautaram nas ações que foram mobilizadas pela instituição escolar desde que sua filha ingressou nela.

5.2. Zona Norte (4ª CRE)

Yam, Thais e Vanessa vieram de escolas diferentes no segundo segmento do Ensino Fundamental e possuíram destinos iguais no que se refere à escola de Ensino Médio.

Por parte da família do Yam, as ações do tipo *comportamentais/de moralidade escolar e gerenciamento do acesso e permanência*, com destaque para ações que cobravam por melhoria da disciplina na escola (na percepção do pai) e negação da inserção do filho em programa de aceleração da aprendizagem (correção de fluxo), respectivamente, podem ter auxiliado na manutenção de Yam no sistema escolar. Apesar de que, em tese, não entrar em programa de correção de fluxo o tenha atrasado mais, isso pode ter feito com que o jovem tenha

tido contato com os conteúdos escolares em um ano letivo completo; do contrário, isso poderia acarretar consequências negativas para a sua aprendizagem e reflexos na trajetória escolar. Mais uma *ação de gerenciamento de acesso e permanência*, dessa vez focada no acesso à escola de Ensino Médio, teve importante efeito na trajetória escolar do jovem pois alterou o seu destino escolar. A relação pessoal que sr. Alécio estabeleceu com o diretor do Colégio Estadual ZN1 permitiu que o pai garantisse uma vaga nessa escola, de maneira a fazer com que o filho saísse do Colégio Estadual ZN2, visto como perigoso pelo pai e no qual o filho havia sido matriculado inicialmente. Sr. Alécio, sem *mobilizar ações didático-pedagógicas* como dona Taissa e dona Vânia, atribuindo responsabilidade a Yam pelo próprio sucesso alegando que precisa “aprender sozinho”, conseguiu matricular seu filho na mesma escola que as filhas delas no Ensino Médio, o que ajudaria sr. Alécio a ficar por perto caso algo acontecesse na escola: “trouxe ele pra cá, pra perto de mim.”

Por parte da família de Thais, a *ações didático-pedagógicas*, materializadas nos auxílios prestados pela tia da jovem nos trabalhos, bem como o acompanhamento da vida escolar de Thais por parentes pode ter auxiliado na construção da permanência da estudante na Escola Municipal ZN6, já que são ações que influenciam positivamente no desempenho escolar (ALVES, 2010); essa escola, segundo a mãe de Thais, também promovia ações que, possivelmente, auxiliaram na construção da percepção positiva que ela tem sobre a escola, como as regras estabelecidas e os deveres de casa passados, os quais tem sido vistos na literatura como positivos pelas famílias (SILVA, 2012; RESENDE, 2006); essas percepções sobre a escola de Thais podem ter orientado as ações de dona Taissa, pautadas na valorização da educação escolar. Assim como sr. Alécio, foi a *ação de gerenciamento de acesso e permanência*, focada no acesso à escola de Ensino Médio, que provocou alteração do destino escolar de Thais. Baseada na obtenção de senha (chegando 6h da manhã na fila) para matrícula da filha no Colégio Estadual ZN1, dona Taissa impediu que Thais ficasse matriculada no Colégio Estadual ZN3, onde havia conseguido vaga via internet sem que tivesse ficado satisfeita; o Colégio Estadual ZN1 era o de interesse da dona Taissa.

Dona Vânia, mãe de Vanessa, apresenta destaque nos três tipos de ações. As *ações didático-pedagógicas*, como ter voltado a estudar para incentivar os filhos nos estudos, os “pitacos” que dava nos trabalhos escolares da filha, os auxílios com revisão dos trabalhos realizados pela filha e as ações que a mãe diz que escola mobilizava (como as conversas que professores tinham com a jovem) podem ter ajudado Vanessa a se manter na Escola Municipal ZN5 sem interrupções e reprovações; as ações escolares destacadas positivamente pela mãe, assim como no caso de dona Taissa, podem ter orientado a percepção que ela construiu sobre a

escola e, por consequência, a valorização da educação escolar e suas ações. As *ações comportamentais/de moralidade escolar* podem ter ajudado Vanessa a criar expectativas em relação à própria formação escolar, ainda mais porque dona Vânia deposita em Vanessa o desejo de que a jovem alcance o Ensino Superior, o que nos ajuda a entender o motivo de dona Vânia construir ações de controle da vida social e escolar da filha. Os desejos da mãe para Vanessa bem como a percepção da mãe sobre a aluna (“excelente” aluna) também pode ter influência da escola que, segundo a mãe, se preocupava com a estudante e promovia ações para que ela melhorasse o desempenho quando a via tirar notas mais baixas, especialmente quando ela esteve no 9º ano, em que sua mãe disse que a jovem estava com o “coração ocupado”. O sucesso escolar e profissional de Vanessa, na percepção da mãe, pode representar, simbolicamente, uma vitória para ela [mãe] (NOGUEIRA, 1999), principalmente por insistir que seus filhos “não cometam os mesmos erros” que ela. A mãe de Vanessa ainda mobiliza *ações de gerenciamento do acesso e da permanência*; essa categoria de ação consistiu em, especialmente, aquisição da vaga na escola de interesse no Ensino Médio a partir de relações pessoais com o diretor do Colégio Estadual ZN1 assim como fez sr. Alécio. Essa ação, no fim das contas, foi a que fez a diferença no que se refere ao destino escolar de Vanessa, fazendo com que fosse idêntico ao de Yam e Thais no que se refere à escola de Ensino Médio ao invés de ir para o Colégio Estadual ZN3 (em que Thais também havia sido matriculada via matrícula online), onde sua filha foi matriculada via internet, destino escolar que não havia deixado a mãe satisfeita.

Esses três casos nos fazem chegar a algumas conclusões. Primeiramente, dois desses três casos (Thais e Vanessa) mostram que *ações didático-pedagógicas* parecem ajudar a manter a *trajetória linear*, assim como concluímos nos casos da zona sul. Notamos também que, apesar das diferenças entre as trajetórias e entre alguns tipos de ações entre as famílias, atuar no gerenciamento do acesso à escola de Ensino Médio foi crucial para que os destinos fossem convergentes para a mesma escola. E os pais possuem níveis de escolaridade diferentes segundo as entrevistas (dona Taissa e sr. Alécio dizem ter Ensino Fundamental completo e dona Vânia Ensino Médio completo), ou seja, mesmo que estudantes venham de escolas diferentes e que pais tenham escolaridades diferentes, ações familiares podem conduzir aos mesmos destinos escolares. Os casos mostram, também, que as percepções sobre as escolas influenciaram nas ações familiares. É interessante observar que, nesses três casos, o tipo de acesso às escolas de segundo segmento do Ensino Fundamental foi o mesmo em 2013 (“acesso pela burocracia municipal”) ainda que as trajetórias tenham se construído em diferentes escolas de Ensino

Fundamental, com participação das ações familiares no desenho das trajetórias e na definição dos destinos escolares.

Mais uma evidência de que saber promover articulações que auxiliem no acesso ao Ensino Médio pode fazer a diferença é quando adicionamos o caso da família da Giovana no debate. Sr. Alécio e dona Angélica tinham filhos matriculados na mesma escola que oferece os anos finais do Ensino Fundamental: Escola Municipal ZN4 ao menos em um dos momentos da escolarização. Nessa comparação, diferentemente das anteriores, são escolas iguais na origem e escolas diferentes no destino escolar. E para refinar a análise, foram diferenças entre ações de um mesmo tipo (*ações de gerenciamento do acesso e permanência*) que construíram diferenças nesses destinos escolares no que se refere à alocação de escolas de Ensino Médio.

Dona Angélica mobilizou *ações didático-pedagógicas* importantes ao longo da trajetória escolar de Giovana, como cobranças por desempenho e fiscalização do material escolar da jovem, o que pode ter auxiliado na manutenção de sua *trajetória linear* e os efeitos dessas ações podem ter contribuído para, a nível de hipótese, sua expectativa em relação à continuidade dos estudos da filha aumentar entre 2013 e 2017. Por outro lado, essas ações não foram suficientes para que a mãe conseguisse acesso à escola de Ensino Médio de interesse (Colégio Estadual ZN1), ao passo que sr. Alécio conseguiu, mesmo que ambos tenham mobilizado a mesma categoria de ações para acesso ao Ensino Médio; é importante ressaltar que tanto Giovana quanto Yam haviam sido matriculados, inicialmente pela matrícula online, em colégios que os pais de ambos os jovens acham perigosos (é possível que seja o mesmo colégio pela descrição dos locais, mas não há como ter certeza) e, por isso, não ficaram satisfeitos com a alocação nos filhos nesses estabelecimentos de ensino. A diferença nas ações que foi crucial é que a *ação de gerenciamento* de dona Angélica foi a “terceirização” da realização da matrícula de Giovana e não deu certo porque a pessoa responsável pela matrícula cometeu dois erros seguidos, o que poderia afetar de forma ainda mais enfática a trajetória de Giovana se a jovem não percebesse a tempo que não estava matriculada em nenhuma escola de Ensino Médio. Já a *ação de gerenciamento* do acesso ao Ensino Médio mobilizada por sr. Alécio contou com relações pessoais com o diretor do Colégio Estadual ZN1 e garantiu o acesso de Yam a essa escola.

Esses dois casos demonstram, portanto, que as ações de uma mesma categoria podem promover diferenças nos destinos escolares mesmo quando a escola de origem é igual. Se considerarmos os dados da ficha cadastral da SME para ambos os casos, podemos interpretar que as diferenças entre as ações geram diferenças nos destinos escolares mesmo quando a escola de origem é igual e o nível de escolaridade é similar, já que, segundo dados da ficha cadastral

da SME, tanto sr. Alécio quanto dona Angélica possuem Ensino Fundamental completo. Além disso, o acesso às escolas de segundo segmento do Ensino Fundamental foi o mesmo para as duas famílias: “acesso pela burocracia municipal”. Ainda assim, apesar de trajetórias na mesma escola de Ensino Fundamental, os destinos foram diferentes. Portanto, mesmos tipos de acesso a escolas de segundo segmento do Ensino Fundamental podem levar a trajetórias de um mesmo tipo, na mesma escola, porém as ações familiares podem conduzir a destinos diferentes no Ensino Médio, mesmo que essas ações se enquadrem em uma mesma categoria de análise.

Os dois casos de trajetória fragmentada na zona norte foram: Yara e Suelen. Primeiramente analisaremos o caso de Suelen e, na sequência, o de Yara, comparando os dois casos ao fim.

Em 2013, dona Tâmara, mãe de Suelen achava que a filha chegaria até o Ensino Superior, expectativa que mudou em 2017. É interessante essa mudança do ponto de vista analítico tendo em vista que a *trajetória fragmentada* da jovem, marcada por uma trajetória entre 2013 e 2017 que se iniciou em uma escola (Escola Municipal ZN3) que a mãe acha ruim por conta do ensino e gestão, pode ter influência sobre a alteração de expectativa e também ter influenciado as ações da mãe. Quando a mãe escolhe a Escola Municipal ZN9 (orientada por uma percepção positiva sobre a escola) para que a jovem troque de escola (uma *ação de gerenciamento de acesso e permanência* portanto) a mãe mostra ficar satisfeita com as práticas escolares da nova escola, mas, por conta da distância, promove uma outra *ação de gerenciamento de acesso e permanência*, trocando a jovem para a Escola Municipal ZN10, vista pela mãe como boa, apesar da “negligência” da escola após agressão sofrida por Yara.

Nessa escola, a falta de ações disciplinares após o episódio de agressão da filha orientaram a construção de uma nova percepção da mãe sobre a escola, e isso fez com que matriculasse a jovem na Escola Municipal ZN11, após a jovem ter ficado um ano sem estudar, entre 2015 e 2016. Essa troca de escola caracteriza uma nova *ação e gerenciamento de acesso e permanência* mobilizada pela dona Tâmara. Essas são evidências de que as percepções da mãe sobre as escolas orientaram as suas ações. O conjunto de fenômenos de ações escolares e ações familiares pautadas nas percepções sobre as ações escolares ajudaram a construir uma *trajetória fragmentada* de Yara e, esses eventos juntos, em somatório com a gravidez de Yara e as percepções da mãe sobre a própria trajetória da filha, podem ter orientado a redução da expectativa da mãe sobre a jovem no que se refere a continuidade dos estudos. O Ensino Superior aparece no plano dos desejos da mãe, mas não no plano das expectativas.

A mãe de Suelen, dona Antônia, apenas mobiliza *ações comportamentais/de moralidade escolar* e, apesar de promover algumas trocas de escola para a jovem, não há

evidências precisas de que as decisões sobre as mudanças foram tomadas pela mãe, por isso optamos por não classificar esse caso como sendo um dos que mobilizou *ações de gerenciamento do acesso e permanência*. A ausência de *ações didático-pedagógicas* podem auxiliar a explicar a *trajetória fragmentada* da jovem, em somatório com a gravidez.

As jovens não tiveram nenhuma escola em comum a não ser a Escola Municipal ZN3, que dona Antônia, mãe de Suelen, acha uma boa escola mas que dona Tâmara, mãe de Yara, acha ruim. Ambas as famílias promovem *ações comportamentais/de moralidade escolar* (e no caso de Suelen, dona Antônia promove essa ação orientada, em parte, pela gravidez da filha) mas apenas a família de Yara promove ações efetivas de *gerenciamento do acesso e permanência*, já que não fica claro se as transições escolares de Suelen são decididas pela mãe ou pela jovem. Apesar dessas diferenças, não há diferenças aparentes entre as trajetórias que pudessem ser interpretadas à luz das ações familiares. Mesmo no que se refere a ausência de *ações didático-pedagógicas* nas duas famílias, preferimos não sugerir que esse ponto em comum ajuda a unir as trajetórias em uma mesma categoria (e, por consequência, utilizar isso como possível explicação para a diferença desses dois casos para os de *trajetórias lineares*), já que no caso de Yara, as evidências são de que a fragmentação na trajetória se deu mais por conta da sequência de trocas de escolas pela dona Tâmara por não ter mais séries posteriores (que foi o caso da troca da Escola Municipal ZN3 para a Escola Municipal ZN9) ou pela distância (caso da troca entre a Escola Municipal ZN9 para a Escola Municipal ZN10) ou a troca de escola orientada por uma ação escolar vista como negativa pela mãe (no caso da troca da Escola Municipal ZN10 para a Escola Municipal ZN11, precedida pela interrupção de um ano letivo de estudos).

Em paralelo, apesar de a gravidez na adolescência nos dois casos, não se pode afirmar que teve o mesmo efeito nas duas trajetórias porque no caso da Yara, a transição entre escolas e interrupções nos estudos foi anterior à gravidez, embora a gravidez tenha agravado a fragmentação da trajetória, pois a jovem parou mais um ano por conta da gestação, logo após a mãe tê-la colocado na Escola Municipal ZN11. Para a mãe de Yara, a gravidez pode atrapalhar a vida escolar da filha, apesar de dizer que quer que a jovem continue estudando mesmo tendo filho, se propondo a ajudar tomando conta da criança.

Esses dois casos mostram que apesar de inseridas em um mesmo tipo de categoria de trajetória, há diferenças entre elas e, o que parece, em um primeiro momento, unir as trajetórias na mesma categoria (ausência de *ações didático pedagógicas* e gravidez na adolescência) na verdade não ajudam a explicar as semelhanças entre as trajetórias (e, como consequência, as diferenças para os casos com *trajetórias lineares*). Também não podemos utilizar esses aspectos para explicar as diferenças entre as trajetórias porque não houveram escolas em comum nas

trajetórias das jovens, apenas a Escola Municipal ZN3, segundo as mães (e essa escola não consta no histórico escolar de Yara e nem no de Suelen) e, ainda assim, só no início da trajetória. Nos anos posteriores, todas as escolas das jovens foram diferentes, o que impede uma comparação mais refinada à luz das ações familiares. O que podemos dizer é que as trajetórias, apesar de ambas *fragmentadas*, apresentaram diferenças mesmo que tenham se iniciado com o mesmo tipo de acesso à escola de segundo segmento do Ensino Fundamental em 2013: “acesso pela burocracia municipal”.

Não há como interpretar as diferenças entre os casos com *trajetórias lineares* e os com *trajetórias fragmentadas* na zona norte a partir da escolaridade dos pais já que há pais na mesma categoria de trajetória com níveis de escolaridades diferentes: dona Angélica com Ensino Fundamental incompleto, sr. Alécio e dona Taissa com Ensino Fundamental completo e dona Vânia com Ensino Médio completo têm filhos com *trajetória linear*; dona Antônia com Ensino Fundamental incompleto e dona Tâmara com Ensino Médio incompleto têm filhos com *trajetória fragmentada*. Além disso, há pais com níveis de escolaridade similares com filhos em categorias distintas de trajetória: dona Antônia e dona Angélica, que estudaram até 5ª série e 6ª série, respectivamente.

Ao compararmos Suelen e Yam, de *trajetória fragmentada* e *linear*, respectivamente, notamos que ambas as famílias não mobilizam *ações didático-pedagógicas* que se destaquem assim como na maioria dos casos de *trajetórias lineares*. Ao mesmo tempo, a ação de *gerenciamento de acesso e permanência* mobilizada pelo pai de Yam foi na transição para o Ensino Médio, em que Suelen não chegou, o que impede a comparação entre os casos à luz dessa ação. Por fim, o acesso foi o mesmo em 2013, com os dois jovens passando pela Escola Municipal ZN4. Esses dois casos mostram, portanto, que um mesmo tipo de acesso, ainda que com trajetórias constituídas, em parte, na mesma escola de segundo segmento do Ensino Fundamental, podem culminar em diferentes tipos de trajetórias que podem não ser explicadas por diferenças entre as ações familiares. Os dados apresentados apontam para a necessidade de relativização da hipótese inicial desta pesquisa e refinamento da análise em próximas pesquisas a serem realizadas sobre ações familiares nas camadas populares, o que é feito na próxima seção.

5.3. A hipótese relativizada e novos caminhos de pesquisa

A hipótese central era a de que *trajetórias lineares* seriam formadas, com maior probabilidade, por famílias que mais mobilizassem ações pragmáticas ligadas ao processo de

formação escolar, como acompanhamento de deveres de casa, estímulo a práticas de leitura, contratação de explicadoras, dentre outras ações. Empiricamente, observamos que há mais de um tipo de ação mobilizada pelas famílias que estão ligadas ao processo de formação escolar e, as considerando, a hipótese precisa ser relativizada já que todas as famílias, de todos os tipos de trajetórias, mobilizaram algum tipo de ação. Por outro lado, a maioria das famílias (6 das 7) que apresentaram *trajetórias lineares*, tiveram *ações didático-pedagógicas* que eram as que constavam na hipótese, ao passo que nenhuma família com *trajetória fragmentada* apresentou qualquer ação *didático-pedagógica*, o que comprova a hipótese a partir dessa forma de análise.

E de forma não prevista, os dados permitem demonstrar que as diferenças que parecem existir entre as trajetórias podem ter mais relação com os tipos de ação familiar do que com a quantidade de ações mobilizadas por cada família, mesmo que todos os tipos de ações estejam ligados, direta ou indiretamente, ao processo de formação escolar.

Observamos que acessos de mesmo tipo a escolas iguais que oferecem anos finais do Ensino Fundamental não determinam trajetórias semelhantes, principalmente no que se refere aos destinos escolares na transição para o Ensino Médio. E refinar a análise sobre as ações familiares mobilizadas pode contribuir para uma melhor interpretação das diferenças entre essas trajetórias.

Alguns tipos de ações como as de *gerenciamento ao acesso e permanência* ganharam destaque nesta pesquisa ao ajudarem a compreender a diferença entre trajetórias no que se refere, principalmente, aos destinos escolares. Sobre as diferenças entre *trajetórias lineares* e *fragmentadas*, os dados permitem demonstrar que as três categorias de ações construídas nesta pesquisa contribuem para a formação de uma *trajetória linear*, porém, as *ações didático-pedagógicas* tendem a ser mais eficazes.

Os dados indicam que os pais também agem orientados pelas percepções que constroem sobre as escolas, tanto as que oferecem os anos finais do Ensino Fundamental quando as de Ensino Médio. Notamos também que as escolas não parecem colaborar com a formação dos pais para a orientação do processo de escolarização dos filhos. Os pais foram chamados nas escolas por questões disciplinares e não há evidências de que foram orientados alguma vez sobre o que poderiam fazer para ajudar os filhos a terem um desempenho melhor e uma trajetória de sucesso.

Notamos que todas as famílias demonstraram legitimar a educação como caminho de mobilidade social e agiram para dar conta dos projetos de escolarização que tinham para seus filhos, como também aponta Araújo e Campos (2012) e Resende (2012). As diferenças entre essas ações estão menos relacionadas a diferenças de renda e ou escolaridade, e mais com

relação ao conhecimento efetivo do sistema educacional e das ações que podem ser mais efetivas para a permanência e o sucesso dos jovens na escola. Os pais agem, ao que tudo indica, orientados por experiências anteriores e por visões sociais sobre a educação.

Observamos que se compararmos as famílias exclusivamente com base em marcadores de renda e escolaridade não damos conta da diversidade de ações possíveis para cada uma delas já que há ações que não podem ser explicadas apenas pelas diferenças de capital cultural e nível socioeconômico, como aponta Resende (2012). Com exceção de dona Teodósia, que colocou seu filho no ensino médio privado (exigindo dinheiro), todas as outras ações que foram realizadas não dependiam de capital econômico diretamente e nem do nível de escolaridade. Uma evidência de trajetórias que se desenharam sem depender da escolaridade dos pais é o caso de dona Vânia e sr. Alécio, que possuem níveis de escolaridade diferentes e mobilizaram ações semelhantes e que conduziram seus filhos aos mesmos destinos escolares apesar de as escolas de anos finais do Ensino Fundamental serem distintas. Em paralelo a isso, não observamos relações entre nível de escolaridade e expectativas de continuidade dos estudos.

Corroboramos com muitas pesquisas educacionais brasileiras e internacionais (RESENDE, 2012; ALVES, 2010; ZAGO 1998; LAHIRE, 1997), a partir do momento que observamos que todas as famílias analisadas defendem a formação escolar, independentemente do nível de escolaridade, com narrativas de negação à reprodução das posições sociais, com o desejo de que os filhos superem as condições sociais dos pais, mesmo que nem todas as ações gerem efeitos objetivos nas trajetórias estudantis. De forma complementar, mostramos que há famílias que agem efetivamente, gerando mudanças objetivas nas trajetórias escolares e que há uma diversidade de ações no interior de uma mesma classe social, o que vai contra o argumento reprodutivista de que as ações estão necessariamente associadas à transmissão da estrutura de classes (BOURDIEU, 1992), apontando, ao invés disso, para a existência de ações individuais e racionais (BOUDON, 1995; WEBER, 2004) mobilizadas por famílias de classes populares, sem deixar de considerar a existência e o efeito da estrutura de classes sobre essas ações, o que converge com o argumento desta pesquisa de mestrado.

Esperamos que esta dissertação seja apenas o início da abertura de novos caminhos de pesquisa, para que seja possível compreender cada vez mais como se dão as dinâmicas de inserção das famílias de camadas populares na escolarização de crianças e jovens na rede municipal de educação do Rio de Janeiro. Esta pesquisa sugere a necessidade de refinamento das próximas análises sobre relação família-escola, de maneira que seja possível mapear as nuances que permeiam a interação entre famílias e escolas; isso, ao mesmo tempo, reforça a complexidade do tema das desigualdades de oportunidades educacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação se enquadra em uma nova tendência de investigação da categoria família enquanto objeto de análise na Sociologia da Educação (ZAGO, 1994; NOGUEIRA, 1999). Essa tendência busca valorizar os aspectos microssociológicos que envolvem a caracterização das famílias e de seus comportamentos no que se refere às interações com outras instituições, especialmente a escola. Anteriormente aos estudos microssociológicos, a família era investigada a partir de seu nível socioeconômico, o que acabava por silenciar as dinâmicas internas a cada organização familiar (NOGUEIRA, 1999). Essa tendência macrossociológica resultou, nas décadas de 1960 e 1970, em um “pessimismo” vinculado à relação entre *background* familiar e desempenho estudantil, notadamente associado a pesquisas como o Relatório Coleman (COLEMAN et al., 1966) e à teoria da reprodução de Pierre Bourdieu e Passeron (1992).

O argumento desta dissertação de mestrado foi o de que as famílias de camadas populares que têm (ou tiveram) filhos matriculados na rede municipal de educação do Rio de Janeiro atuam efetivamente, em conjunto com as escolas (que também agem), na construção das trajetórias escolares de seus filhos. Nesse argumento, que tem como pano de fundo a sociologia da ação e o conceito de ação individual (BOUDON, 1995; WEBER, 2004), as famílias não atuam de forma determinada pela estrutura de classes sociais. Os dados nos permitiram demonstrar que, efetivamente, há diferenças entre as famílias quanto às ações mobilizadas que nem sempre se explicam por marcadores de renda e de escolaridade, mostrando que o sucesso e o fracasso escolar não se explicam apenas pelo capital econômico e capital cultural, sendo necessário investigar redes de intercomunicação e configurações complexas (LAHIRE, 1997; CASTRO e TAVARES JÚNIOR, 2016).

É fundamental reiterar que houve ações familiares que, segundo os dados, foram mobilizadas a partir das percepções que as famílias constroem acerca das escolas, as quais também mobilizam ações que contribuem para o desenho das trajetórias estudantis. Com base nesses dados e considerando que, sabidamente, a escola faz diferença nas trajetórias estudantis (BROOKE e SOARES, 2008) esta pesquisa aponta para a necessidade de novos estudos que possam se aprofundar na investigação acerca das práticas escolares, especialmente na rede municipal de educação do Rio de Janeiro, estratificada por prestígio e desempenho (COSTA, 2008); em paralelo, apontamos para a importância da construção de estudos mais refinados

sobre estratégias familiares de escolarização, já que os nossos dados sustentam a evidência de que escola e família atuam em conjunto, direta e indiretamente, na construção das trajetórias escolares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, M.; SOARES, J. F. Efeito-escola e estratificação escolar: o impacto da composição de turmas por nível de habilidade dos alunos. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 45. p. 25-58, jun. 2007b

ALVES, M.T.G., Dimensões do efeito das escolas: explorando as interações entre famílias e estabelecimentos de ensino. *Est. Aval. Educ.*, São Paulo, v. 21, n. 46, p. 271-296, maio/ago. 2010

ARAÚJO, M.G.C.; CAMPOS, J.R. A escola é que não entende: estratégias familiares e processos de escolarização em camadas populares do município de Pocinhos – PB. In: IV FIPED – Fórum Internacional de Pedagogia, 2012, Parnaíba – PI. IV FIPED – Fórum Internacional de Pedagogia – Anais, 2012.

BARBOSA, M. E. F.; FERNANDES, C. A escola brasileira faz diferença? uma investigação dos efeitos da escola na proficiência em matemática dos alunos da 4ª série. In: FRANCO, C. (Org.). Avaliação, ciclos e promoção na educação. p. 156-171. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

BARTHOLO, T. L.; COSTA, M. . Turnos e segregação escolar: discutindo as desigualdades intraescolares. *Cadernos de Pesquisa* (Fundação Carlos Chagas. Impresso), v. 44, p. 670-692, 2014.

BOUDON, R.(org), *Tratado de Sociologia*. Ed. *Jorge Zahar*, Rio de Janeiro, 1995.

BOURDIEU, P. O poder simbólico. *Editora Bertrand Brasil*, Rio de Janeiro, 1989.

BOURDIEU, P. A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP, 2007.

BOURDIEU, P. PASSERON, J-C. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. *Editora Francisco Alves*, Rio de Janeiro, 3ªed. 1992

BROOKE, N. SOARES, J.F. (org.). Pesquisa em eficácia escolar: origem e trajetórias. *Editora UFMG*, Belo Horizonte. 2008.

CANO, I. Medidas em Ciências Sociais. In MELLO e SOUZA , A. (org). Avaliação Educacional. *Editora Vozes*, pág. 63-89. 2005.

CASTRO, V.; TAVARES JÚNIOR. Jovens em contextos sociais desfavoráveis e sucesso escolar no Ensino Médio. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 239-258, jan./mar. 2016.

COLEMAN, J. S. et al. Report on Equality of Educational Opportunity. Washington: *National Center For Educational Statistics*, 1966.

- COSTA, M. Prestígio e hierarquia escolar: estudo de caso sobre diferenças entre escolas em uma rede municipal. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, p. 455-469, 2008.
- COSTA, M; KOSLINSKI, M. Quase-mercado oculto: disputa por escolas "comuns" no Rio de Janeiro. *Cad. Pesqui.* [online]., vol.41, n.142, pp. 246-266. 2011.
- COSTA, M; KOSLINSKI, M. Escolha, estratégias e competição por escolas públicas. *Pro-Posições*, Campinas, v.23, n. 2 (68), p. 195-213, maio/ago. 2012.
- COSTA, M; PIRES DO PRADO, A; ROSISTOLATO. "Talvez se eu tivesse algum conhecimento...": caminhos possíveis em um sistema educacional público e estratificado. *Interseções*, Rio de Janeiro. v. 14 n. 1, p. 165-193, jun. 2012.
- CRAHAY, M. e BAYE, A. Existem escolas justas e eficazes? Esboço de resposta baseado no PISA 2009. *Cadernos de Pesquisa*. v.43 n.150 p.858-883 set./dez. 2013
- GEERTZ, C. Interpretação das culturas. 1ed. LTC, Rio de Janeiro. 2008.
- KOSLINSKI, M.C. e CARVALHO, J.T. Escolha, seleção e segregação nas escolas municipais do Rio de Janeiro. *Cadernos de Pesquisa*. v.45 n.158 p.916-942 out./dez. 2015
- HENRIOT-VAN ZANTEN, A. Stratégies utilitaristes et stratégies identitaires des parentes vis-à-vis de l'école: une relecture critique des analyses sociologiques. *Lien Social et Politiques - RIAC*, Montreal, n.35, p 125-135, 1996.
- LAHIRE, Bernard. Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável. São Paulo: *Ática*, 1997.
- LE GRAND, J. Quasi-markets and social policy. *The Economic Journal*, London, v. 101, n. 408, p. 1256-1267, 1991.
- NOGUEIRA, M. A., Relação família-escola: novo objeto da Sociologia da Educação. *Paideia* (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto -SP, v. 8, n.14/15, p. 91-103, 1999
- NOGUEIRA, M. A; NOGUEIRA, C. M. M. . A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. *Educação e Sociedade*, São Paulo, v. 78, n.78, p. 15-36, 2002
- NOGUEIRA, M.A. A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. *Análise Social*, vol. XL (176), pág. 563-578. 2005
- NOGUEIRA, M. A., A categoria "família" na pesquisa em Sociologia da Educação: notas preliminares sobre um processo de desenvolvimento. *Educação e Sociedade*. 2009
- NOGUEIRA, C.M.M; FORTES, M.F.A. A importância dos estudos sobre trajetórias escolares na sociologia da educação contemporânea. *Paideia*, ano III, nº 2, pág. 57-74, 2004.
- QUIVY, R. e CAMPENHOUDT, L.V. Manual de investigação em Ciências Sociais. *Editora Gradiva*, 4º Ed. Outubro, 2005.

RESENDE, T. F. Dever de casa: questões em torno de um consenso. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., 2006, Caxambu. Anais...Caxambu: ANPEd, out. 2006a.

RESENDE, T.F. Dever de casa, espelho de desigualdades educacionais e sociais. Educação em Revista (UFMG. Impresso), v. 28, p. 159-184, 2012.

ROSISTOLATO, R.; PIRES DO PRADO. A. Trajetórias escolares em um sistema educacional público e estratificado. *XVI Congresso Brasileiro de Sociologia*, Salvador (BA), 2013.

ROSISTOLATO, R.; PIRES DO PRADO, A.; COSTA, M. Escolha, acesso e permanência em escolas públicas da cidade do Rio de Janeiro: estratégias familiares em um espaço de disputa. Relatório Final de Projeto de pesquisa financiado pela FAPERJ (Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro). Rio de Janeiro, 2014.

ROSISTOLATO, R. PIRES DO PRADO, A. KOSLINSKI, M.C., CARVALHO, J.T., MOREIRA, A.M. Dinâmicas de matrícula em escolas públicas na cidade do Rio de Janeiro. *Pro-posições*. V. 27, N. 3 (81) | set/dez. 2016

SILVA, T. M. P. B. Deveres de casa: escola x família. Revista Eletrônica de Ciências da Educação, Campo Largo, v. 11, n. 2, jul. de 2012.

SOUZA, R.F. Liberdade de escolha sem garantia de acesso: percepções e ações dos gestores sobre os procedimentos de matrícula. Monografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, com previsão de defesa para 2018.

TAVARES Jr., F., MONT'ALVÃO, A. e NEUBERT, L. F. Rendimento escolar e seus determinantes sociais no Brasil. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 03, n. 06, jul/ dez, 2015.

TAVARES Jr, F.. Reprodução e mudança social: debates na Sociologia da Educação. Teoria e Cultura (UFJF), v. 11, p. 23-43, 2016.

WEBER, M. Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. *Editores Universidade de Brasília*, São Paulo, Vol.2. 2004.

ZAGO, N.. Relação Escola-Família : Elementos de Reflexão Sobre Um Objeto de Estudo Em Construção. Revista de Ciências Humanas (Florianópolis), Florianópolis, v. 2, n.16, p. 11-25, 1994.

ZAGO, N.. Realidades sociais e escolares e dinâmicas Familiares. Paidéia (USP. Ribeirão Preto. Impresso), Ribeirão Preto, v. 8, n.14/15, p. 63-73, 1998.

ZAGO, N.. A relação escola-família nos meios populares: tendências de análise. In: Encontro Regional da Anped Sul, 2008, Itajaí SC. VII Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. Pesquisa em educação e inserção social.. Itajaí SC: UNIVALI, 2008. p. 01-15.

ZAGO, N.. Fracasso e sucesso escolar no contexto das relações família e escola: questionamentos e tendências em Sociologia da Educação. Sociologia da Educação, v. 03, p. 01-14, 2011